

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO**

Carina Prata Borges

**As Trajetórias dos brasileiros a caminho de Dublin. Mobilidade Territorial,
Fronteira e Narrativas**

**Juiz de Fora
2017**

Carina Prata Borges

**As Trajetórias dos brasileiros a caminho de Dublin. Mobilidade Territorial,
Fronteira e Narrativas**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração de dinâmicas Socioespaciais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Pires Menezes

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Borges, Carina Prata.

As Trajetórias dos brasileiros a caminho de Dublin. Mobilidade Territorial, Fronteira e Narrativas / Carina Prata Borges. – 2018. 159 f. : il.

Orientadora: Maria Lúcia Pires Menezes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Geografia, 2018.

1. Mobilidade do Trabalho. 2. Brasileiros em Dublin. 3. Fronteira da Irlanda. 4. Território. I. Menezes, Maria Lúcia Pires, orient. II. Título.

AS TRAJETÓRIAS DOS BRASILEIROS A CAMINHO DE DUBLIN.
MOBILIDADE TERRITORIAL, FRONTEIRA E NARRATIVAS

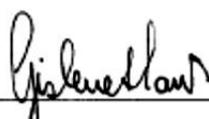
CARINA PRATA BORGES

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Área de Concentração Espaço e Ambiente, linha de pesquisa Dinâmicas Sócio-Espaciais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 14 / 03 / 2018



Prof. Dr. Elias Lopes de Lima (Membro Interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof.ª Dr.ª Gislene Aparecida dos Santos (Membro Externo)
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pires Menezes (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho à minha família!
Meu eterno porto seguro, meus pais.
Meus filhos Victória e Antoni, amor infinito.

AGRADECIMENTOS

Expressarei de forma breve meu apreço e gratidão a todos envolvidos nessa experiência surpreendente de colocar no papel essa pesquisa. A construção deste trabalho foi algo completamente novo dentro de tudo que realizei na minha vida acadêmica, um verdadeiro desafio, que não poderia realizar em um esforço isolado.

Inicialmente, gostaria de expressar o agradecimento e grande estima pela Profa. Dra. Maria Lúcia Pires Menezes. Obrigada pelo apoio, dedicação e amizade desde a graduação. Pelos ensinamentos e parceria nas lutas! Sem você, eterna professora, nada disso teria começado. Não apenas na minha vida, mas de tantos outros colegas.

Agradecer, sobretudo, minha mãe, Valéria. Você tem minha infindável admiração e gratidão, pelo esforço intelectual, físico e apoio emocional em toda minha trajetória acadêmica, assim como em todas as partes da minha vida. Mamãe sem o seu suporte e carinho nada seria possível! Ao meu pai, Geraldo, pela força, suporte e proposição de debates (só nós entendemos!) ao longo da vida. Admiro e amo vocês todos os dias para sempre!

Aos meus irmãos, Daniel e Felipe, obrigado por tudo que significam para mim, por todo apoio. Por serem meus melhores e mais antigos amigos.

Ao meu esposo Robert, pela parceria e companheirismo! Nesse momento que escrevo, juntamente com meus pais, ele ajuda a tornar a vida de pesquisadora e mãe mais branda.

Aos meus filhos! À minha Victória, que ressignifica minha vida e minha curiosidade a cada sorriso, a cada “por quê?”, a cada abraço; desde seu primeiro dia em meus braços. Ao meu Antoni, meu “pingo no l”, por completar minha felicidade, e me conceder a oportunidade de passar por todas as emoções novamente, de forma diferente. Vocês são a síntese do meu mundo!

Aos companheiros AGBeans da Seção Local JF! Agradeço por todas as conversas, reuniões, lutas e discussões de boteco, que me ensinaram e me fizeram refletir tanto quanto os livros.

Gostaria de aproveitar o ensejo e agradecer aos professores do Departamento de Geografia da UFJF. Em especial ao Carlos Eduardo Santos Maia

e ao Elias Lopes de Lima, pelas críticas valiosas feitas durante a qualificação. Obrigada por me abrirem os olhos a narrativa, e por todas as outras considerações.

Ao nosso secretário da Pós, Marcelo Costa. Apesar de poucos encontros pessoais, seus e-mails e disponibilidade salvaram muito os “meus prazos”. E por falar em prazos, aos meus amigos de turma, que a despeito do individualismo do mestrado, conseguimos compartilhar singulares momentos de troca. À CAPES- e a todas as instituições de fomento à pesquisa, que são indispensáveis para a pesquisa e educação no país. Obrigada pelo apoio estrutural e financeiro.

Agradecimento, em destaque, a todos imigrantes brasileiros que colaboraram com esta pesquisa direta ou indiretamente (apenas por existirem). Vocês são demais! O desejo é que esta pesquisa, junto aos seus pares, possa de alguma maneira ser útil a vida de vocês.

*“As pessoas comerão três vezes ao dia
E passearão de mãos dadas ao entardecer
A vida será livre e não a concorrência
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*Certas pessoas perderão seus cargos e empregos
O trabalho deixará de ser um meio de vida
As pessoas poderão fazer coisas de maior pertinência
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*O mundo não terá fronteiras
Nem estados, nem militares para proteger estados
Nem estados para proteger militares prepotências
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*A pele será carícia e o corpo delícia
E os namorados farão amor não mercantil
Enquanto é a fome que vai virar indecência
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*Quando os trabalhadores perderem a paciência
Não terá governo nem direito sem justiça
Nem juízes, nem doutores em sapiência
Nem padres, nem excelências*

*Uma fruta será fruta, sem valor e sem troca
Sem que o humano se oculte na aparência
A necessidade e o desejo serão o termo de equivalência
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*Quando os trabalhadores perderem a paciência
Depois de dez anos sem uso, por pura obscelescência
A filósofa-faxineira passando pelo palácio dirá:
‘declaro vaga a presidência!’”*

(Mauro Iasi– Quando os trabalhadores perderem a paciência)

RESUMO

Apesar de o termo migração ser assunto constante e acalorado entre políticos e direitos humanos, cientistas e mídia; a temática ainda é desafiadora às ciências, inclusive à Geografia. Este trabalho é fruto de questões e curiosidades gestadas no empirismo da experiência pessoal, umbilicalmente enlaçadas aos processos componentes do fenômeno da mobilidade territorial de trabalhadores brasileiros para Dublin, em sua concretude o fluxo de migração internacional. Os problemas basilares desta dissertação também se relacionam com outros fluxos da mobilidade do trabalho. Portanto, no desenvolver da pesquisa sobre os “por quês?” da intensificação e circularidade dos movimentos migratórios internacionais, o âmbito “micro” relativo ao sujeito também se fez importante, para que os fatores objetivos e subjetivos, em sua relação dialética, dessem conta da realidade complexa. Em meio a análise dos grupos nas redes sociais e das entrevistas realizadas, uma questão se destacou: a naturalização e internalização das condições da mobilidade do trabalho e da máxima do Estado como acolhedor e benfeitor pelos próprios imigrantes. Diante dessas colocações, buscamos discorrer sobre a alteridade do sujeito migrante ao transitar pela seletividade da fronteira, da naturalização da sua condição enquanto o outro e da legitimidade dada às ações praticadas pelos agentes de controle da fronteira. O fio de Ariadne que escolhemos para nos conduzir por esse labirinto de questões foi o conceito de território, fronteira e a alteridade em conjunto com o “rastreamento” espacial - histórico das migrações.

Palavras-Chaves: Mobilidade do Trabalho. Brasileiros em Dublin. Fronteira da Irlanda. Território.

ABSTRACT

Although the term migration is a constant topic among politicians and human rights, scientists and the media; a theme is still challenging to the sciences, including Geography. This work is the result of questions and curiosities gestated in the empiricism of personal experience, umbilically linked to various processes that are part of the phenomenon of territorial mobility of Brazilian workers to Dublin, in its concreteness of international flow. The basic problems of this dissertation are also related to other flows of work mobility. On the developing research of "whys" of the intensification and circularity of international migratory movements, the individuals related to the subject also became relevant, to compose that objective and subjective factors are related dialectically. Amid the analysis of the groups in social networks and the interviews conducted, a prominent question jump up: the naturalization of the conditions of labor mobility and the state maxim as a welcome and well-being by the immigrants themselves. Faced with these positions, we seek to discuss the otherness of the migrant subject when crossing the border selectivity, the naturalization of this action and the legitimacy given to the actions practiced by the agents of control of the border. The Ariadne's line that we have chosen to lead us through this labyrinth of information is the notion of territory, frontier and otherness together with the spatial - historical tracking of migrations

Keywords: Work Mobility. Brazilians in Dublin. Ireland Frontier. Territory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Quantidade de imigrantes por nacionalidade	24
Figura 2 –	Presidente dos EUA discute no Twitter	28
Figura 3 –	Informações em Grupos de Redes Sociais no Facebook	30
Figura 4 –	Gráfico do percentual de brasileiros deportados na Irlanda em 2015	61
Figura 5 –	Propaganda de agência para Intercâmbio em Dublin	62
Figura 6 –	Informações em grupos de redes sociais no Facebook	77
Figura 7 –	Informações em Grupos de Redes Sociais no Facebook	78
Figura 8–	Tabela de imigração por nacionalidade (1884/1933) / imigração por nacionalidade (1945/1959)	95
Figura 9 –	Mapas político e de relevo da Irlanda	102
Figura 10 –	Distribuição da população por nacionalidade, 2016	115
Figura 11–	População das primeiras 10 nacionalidades não irlandesa que normalmente residem na Irlanda por tamanho e censo	116
Figura 12 –	Post de busca de informações em Rede Social Online.	118
Figura 13 –	Supermercados poloneses em Dublin	123
Figura 14 –	Restaurantes brasileiros.....	124
Figura 15 –	Igreja Universal do Reino de Deus em Dublin	126
Figura 16 –	Tabela comparativa da colocação no mercado de trabalho dos imigrantes brasileiros, Brasil <i>versus</i> Irlanda	132
Figura 17 –	Ato em apoio aos protestos no Brasil	133
Figura 18 –	Protesto a favor e contra o casamento gay na Irlanda.....	134
Figura 19 –	Anúncio de encontros, relacionamentos com mulheres brasileiras em site na Irlanda.....	140

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ranking de países de origem dos imigrantes que chegaram ao país em 2015, segundo registro da Polícia Federal.....	91
Gráfico 2– Estatísticas do povoamento – imigração total - períodos anuais (1820-1970)	94
Gráfico 3 – Nível de Escolaridade de Brasileiro em Dublin	98
Gráfico 4 – Faixa etária dos brasileiros em Dublin.....	99
Gráfico 5 – Motivações para Escolher a Irlanda	101
Gráfico 6 – Gráfico de imigrantes e emigrantes na Irlanda de 1987-2005	104
Gráfico 7 – Gráfico de imigrantes e emigrantes na Irlanda de 2000-2014	105
Gráfico 8 – Imigrantes em situação regular <i>versus</i> irregular, 2007-2009	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de participantes por grupo de rede social online analisado.....	31
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
CSO	Central Statistics Office
EU	União Europeia
INIS	Irish Naturalisation and Immigration Service
IOM	International Organization for Migration
IRA	Irish Republican Army
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: PERCURSO METODOLÓGICO, EXPERIÊNCIA E DELIMITAÇÕES	19
2.1	EXPERIÊNCIA E IMIGRAÇÃO	19
2.2	DELIMITAÇÕES, ANÁLISES E ENTREVISTAS	22
2.2.1	A internet e as redes sociais online	26
2.2.2	Entrevista online e a pesquisa qualitativa	32
2.3	PERCURSO METODOLÓGICO	34
2.4	MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: DIMENSÕES LEGAIS E SITUAÇÃO SOCIAL	36
2.4.1	Migração: tipologias, categorias e significados	38
3	A ALTERIDADE DO SER (E)IMIGRANTE DIANTE DA SELETIVIDADE DA FRONTEIRA	45
3.1	TERRITÓRIO, FRONTEIRA E SELETIVIDADE.	47
3.2	BRASILEIROS NO PRIMEIRO CONTROLE DA IMIGRAÇÃO IRLANDESA – A PASSAGEM PELA FRONTEIRA: SERÃO REGRAS OU SORTE?.....	52
3.3	O SEGUNDO ENCONTRO COM A IMIGRAÇÃO – QUAL É O LIMITE DO PODER EXERCIDO NA FRONTEIRA QUANTO À INDIVIDUALIDADE DO IMIGRANTE?.....	54
3.4	REFORMA DO ACESSO AO TRABALHO: LEIS DE IMIGRAÇÃO NA IRLANDA.....	58
3.5	A SELETIVIDADE DA MOBILIDADE DO TRABALHO: HIGH SKILLS VERSUS LOW SKILLS.....	63
4	DAS ABORDAGENS DA MIGRAÇÃO À MOBILIDADE DO TRABALHO	65
4.1	PRIMEIRAS PONDERAÇÕES	66
4.2	AS PRINCIPAIS TEORIAS DA MIGRAÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA– UMA ANÁLISE ESTRUTURAL OU INDIVIDUAL?	71
4.2.1	O tronco teórico neoclássico	72
4.2.2	O Tronco histórico-estrutural	74
4.2.3	O tronco das Redes sociais da migração	75

4.3	A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA E O TRABALHADOR LIVRE – A GÊNESE DA MOBILIDADE DO TRABALHADOR NA MODERNIDADE	79
4.4	MOBILIDADE ESPACIAL DA FORÇA DE TRABALHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO – A FORÇA DA CIÊNCIA E DAS TÉCNICAS NOS FLUXOS INTERNACIONAIS	84
4.5	DE LUGARES A UM LUGAR: A PERVERSIDADE DA DELIMITAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DE ESTADO	88
5	A MOBILIDADE DO TRABALHO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	90
5.1	A DINÂMICA DA MOBILIDADE ESPACIAL DO TRABALHO NO BRASIL E O CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS.....	93
5.2	“A SAÍDA”: O FLUXO EMIGRATÓRIO DO BRASIL PARA A REPÚBLICA DA IRLANDA	97
6	DA EMIGRAÇÃO PARA A IMIGRAÇÃO: AS MUDANÇAS DE FLUXOS POPULACIONAIS NA REPÚBLICA DA IRLANDA	102
6.1	A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA IRLANDA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	103
6.2	DE EXPORTADOR PARA IMPORTADOR DE TRABALHO	106
6.2.1	Bases históricas para o boom econômico da Irlanda.....	108
6.2.2	O início das imigrações do mundo para a Irlanda.....	112
6.3	“A CHEGADA”: O FLUXO IMIGRATÓRIO DE BRASILEIROS NA REPÚBLICA DA IRLANDA	114
7	A REALIDADE DO IMIGRANTE BRASILEIRO EM DUBLIN.....	120
7.1	DUBLIN PARA OS BRASILEIROS	120
7.1.1	Os espaços brasileiros em Dublin	122
7.1.2	A moradia em Dublin: A crise urbana imobiliária.....	126
7.2	BRASILEIROS EM DUBLIN	129
7.2.1	Protestar ou manifestar: será que pode?	132
7.3	TEMAS PARA REFLETIR.	136
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS.....	145
	APÊNDICE A – Entrevista disponibilizada online.....	155

1 INTRODUÇÃO

*“Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra.
O movimento se sobrepõe ao repouso.
A circulação é mais criadora que a produção.
Os homens mudam de lugar,
como turistas ou como imigrantes”
(SANTOS, M. 2006, p.222)*

A mobilidade humana, especialmente a mobilidade espacial, é uma temática de possibilidades múltiplas. Não obstante, é um objeto mundial, que atinge todas as formas de saberes, todas as esferas de poder, presente nos mais diversos territórios do mundo e constante nos meios de comunicação em geral. Por tamanha abrangência, é um fenômeno de interesse de diversas áreas das ciências. A Geografia normalmente tenciona seus esforços à compreensão dos processos sócios espaciais, em identificar os fluxos e desvendar as relações de transformação mútua entre migração e espaço, ou ainda, entre imigração, fronteiras e territórios. Essa é apenas uma parte das possibilidades relativas de esforço acadêmico ao complexo fenômeno da mobilidade.

A mobilidade espacial tem sua forma concreta representada pelas migrações. Não por nada, as migrações representam uma abissal complexidade teórico-metodológica às ciências. Pois, para além de um fenômeno que, vez ou outra, emerge na sociedade, as migrações estão contidas e transformam as sociedades. E por essas são transformadas. Como Milton Santos (2006) bem sintetizou na epígrafe acima, hoje, a mobilidade atravessa tudo.

A mobilidade, o ser passível de ser móvel, é uma característica comum da humanidade. Contudo, ela possui especificidades nos diferentes espaços no decorrer da história. E como todos os fenômenos, não pode ser compreendido se analisada isoladamente dos processos que a compõem. Processos esses imperfeitos e inacabados, em constante movimento e transformação. A migração possui implicações territoriais e existenciais, um fenômeno que envolve tanto a materialidade e a produção social, quanto à experiência do que é ser migrante (BRUMES, 2010). É fruto de um sistema econômico de espoliações, de mercadorias de circulação livre e homens cerceados, de acumulações primitivas e de escoamento para a superacumulação de Capital.

A migração pela ótica do método dialético materialista e histórico é fenômeno complexo, uma vez que está sempre em mudança e desenvolvimento, já que é milenar e, ainda hoje, repercute em todos os lugares do mundo em suas diferentes formas, acompanhando, assim, as mudanças nos processos produtivos e as visões de mundo. (BRUMES, 2010, p.24).

O mundo contemporâneo vive um momento de circularidade sem precedentes na história da humanidade. A generalização atual dos fluxos migratórios se difere de outros fluxos. Os avanços da globalização, das técnicas de informática e comunicação, proporcionaram a fluidez da informação, do tempo e da mobilidade espacial (SOARES, 2014).

Até mais da metade do século XX, era possível identificar fluxos preferenciais a cada época. O caso brasileiro não se difere da afirmativa anterior. Houve fases de maior notoriedade no recebimento de imigrantes, fases de maior migração interna, contudo, principalmente, após década de 1980 um fluxo crescente emigratório é acrescentado aos movimentos anteriores. A imigração entre países não é algo novo no mundo, basta lembrar-se dos enormes contingentes de imigrantes europeus que vieram para o Brasil em diferentes momentos históricos, por diferentes razões. A novidade, entretanto, para nós, paira na mobilidade internacional dos trabalhadores brasileiros. Novidade impulsionada não apenas pelos avanços da globalização e técnicas, como também pela reestruturação produtiva, a flexibilização do mercado de trabalho e pelo momento de crise econômica e política brasileira.

De acordo com as estimativas mais recentes do Itamaraty (2015) são mais de três milhões de brasileiros no mundo. A América do Norte recebeu quase metade desses imigrantes. Para a Europa a estimativa é que pelo menos 750.983 mil brasileiros imigraram para o continente, destes o Itamaraty afere 18 mil para Irlanda (BRASIL, 2017) Apesar de numericamente pequeno, o recente fluxo de aproximadamente 20 anos do Brasil para a Irlanda chama atenção por sua densidade e são revelados também pelas marcas registradas nas paisagens da cidade de Dublin.

Contudo, o final do século XX, para as questões migracionais e sócio econômicas na Irlanda também se configuram em um marco temporal de transformações. A Irlanda que caracteristicamente era conhecida pela “exportação” de mão de obra, começa a receber um fluxo crescente de imigrantes a partir,

principalmente, da década de 1990. Através do desenvolvimento econômico que começou a dar os frutos nesta década, com o crescimento do PIB em 6% ao ano e de economia estável (GOULART, 2008), a Irlanda passou a não apenas atrair Capitais estrangeiros e Multinacionais, como imigrantes do mundo todo. Em um curto espaço tempo, várias fases de imigração ocorreram no território, abarcando nos fluxos diversas nacionalidades, diferentes transformações políticas e seletividades da fronteira. Aqui residem as primeiras questões basilares da pesquisa: Quais transformações ocorrem nesse território, as quais o rendeu a denominação de Tigre Celta, para seu *boom* econômico, social e transformação populacional? Quais consequências territoriais e populacionais derivam dessas transformações? Quem são os sujeitos migrantes participantes deste momento histórico?

O título desta pesquisa *As trajetórias dos Brasileiros a caminho de Dublin* visa aludir “a relação entre a origem, isto é, o lugar na estrutura de classe da família onde a pessoa nasce e a trajetória posterior.” (SILVA, 2007, p.61) Foi durante a experiência pessoal da autora em Dublin que os problemas motivantes desta dissertação começaram a ser formados. Ao me inserir na comunidade de imigrantes brasileiros em Dublin, e ao experienciar as transformações das políticas concernentes a Imigração no território da Irlanda, uma segunda leva de questões se formaram: Quais motivações levaram o Estado irlandês a “enrijecer” suas fronteiras? Por que havia tantos brasileiros em Dublin? Qual a inserção do trabalhador imigrante brasileiro no mercado de trabalho irlandês? Quais condições políticas e sociais esses sujeitos estão submetidos?

Na construção da análise dos problemas, buscou-se trabalhar com a complexidade dos processos envolvidos na mobilidade espacial do trabalho. A mobilidade em questão, por tratar-se de uma mobilidade internacional, perpassa a seletividade das fronteiras do território do Estado. A relevância desta dissertação está, portanto, para além dos dados descritivos do fluxo específico de emigrantes brasileiros para Dublin. Pretende-se conduzir a reflexão crítica de processos concomitantes e integrados como: as migrações, que assentam o aspecto concreto da mobilidade do trabalho; o processo de desenvolvimento desigual e combinado dos espaços no mundo capitalista; e o *enrijecimento* e seletividades do território do Estado burguês expresso na violência da fronteira.

Por conseguinte, almeja-se analisar o papel da mobilidade espacial do trabalho, em âmbito internacional, que possui função de destaque na construção e consolidação do capitalismo. Ainda, refletir sobre as contradições legislatórias irlandesas e as violentas ações executadas pelo Estado burguês, buscando entender para quem e a quem serve a seletividade e violência da Fronteira. Para tanto, por objetivo geral tem-se a busca da compreensão dos processos supracitados, o impacto da mobilidade do trabalho em Dublin e a repressão da fronteira para com os trabalhadores brasileiros.

Nesse sentido, no segundo capítulo iremos abordar o percurso metodológico traçado para atender as ambições de nossos objetivos. É, portanto, percorrido sobre a relação de experiência e imigração, em um primeiro contato desse diálogo que será desenvolvido por toda a pesquisa. Evidenciamos também as dificuldades teórico-metodológicas encontradas e estipulamos as delimitações do objeto da pesquisa. Pondera-se em subcapítulos conseguintes a importância da análise das Redes Sociais Virtuais como o desenvolvimento de uma investigação qualitativa, na qual se funde sujeitos e interatividade, ambos integrantes de uma totalidade, a partir de uma perspectiva mais ampla, o contexto político, social e econômico. (CASTRO; SPINOLA, 2015). Aborda-se também as razões pela escolha da disponibilização da entrevista online, suas dificuldades e êxitos.

O capítulo 3 é reservado à discussão do fenômeno diante da alteridade do sujeito que ultrapassa a fronteira. Fronteira essa que contém a violência seletiva e a seletividade da mobilidade, e que também delimita o território e por ele é transformada. Abrigamos nesta parte dois momentos de narrativas, o primeiro dos sujeitos brasileiros na “loteria” do controle da imigração dos aeroportos e o segundo momento, ao se registrarem para a permissão de residência dentro do território irlandês. As reformas das leis para a imigração e suas contradições começam a ser abordadas no segundo subcapítulo. Dando continuidade, discutimos as complexidades teóricas acerca das migrações no terceiro capítulo, na tentativa de compreender os trabalhos anteriores acerca dos caminhos científicos de análise do fenômeno. Concedendo um destaque ao trabalho de Gaudemar e a análise das redes sociais da migração. Também nos debruçamos no contexto político e socioespacial atual.

Em prosseguimento às reflexões acima apontadas, os capítulos 4 e 5 foram desenvolvidos para desvendar e discutir as razões, contextos e histórias deste

fluxo em sua trajetória. Isso é, a origem no Brasil e o destino em Dublin respectivamente. Valemo-nos da longa história dos países envolvidos para compreender a formação e direcionamento destes fluxos. Tentamos com a complementariedade desses capítulos, sanar o que Sayad (1998) chamou atenção para o foco na origem, ou na chegada no imigrante, ignorando-se as trajetórias.

Finalmente no capítulo 6 trazemos as narrativas e discussões dos anseios percebidos na participação dos colaboradores e nas análises das redes sociais online. Através dos relatos dos imigrantes, buscamos mostrar as duas faces da cidade de Dublin no cotidiano dos mesmos. Os brasileiros em Dublin, e a Dublin para os brasileiros. Em adicional, reservamos uma pequena parte para pontuar questões relacionadas à temática. Questões estas que não demos conta nas seções anteriores por fugirem aos nossos objetivos principais. Contudo, merecem esse momento, pois são de grande relevância no viver das migrações.

Ao final, apresentamos as últimas considerações desta pesquisa, com o propósito de achar um nó explicativo das políticas e forças que regem a seletividade da fronteira, que modificam as políticas concernentes aos imigrantes, com a colocação no mercado de trabalho por parte dos imigrantes brasileiros. Apesar de os temas aparecerem separados por seções, a intenção é entender a mobilidade territorial do trabalho nas trajetórias, expressa na concretude da imigração, em relação aos impedimentos e impulsos destes movimentos e de possíveis frentes de luta social na procura de seus direitos. Para tal, toma-se como esteio e delimitação a emigração brasileira para Dublin, como será explicitado nas próximas páginas.

2 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: PERCURSO METODOLÓGICO, EXPERIÊNCIA E DELIMITAÇÕES

2.1 EXPERIÊNCIA E IMIGRAÇÃO

*“Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso”
(Heráclito, Fragmento 18)*

Em 1914 o famoso escritor irlandês, James Joyce, publicou a narrativa magistralmente complexa *Dubliners*, em português, *Dublinenses*. Como o título aludiu, o livro traz à tona a cidade de Dublin e seus moradores. A obra possui quinze contos simples, escritos de forma peculiar. Para além da genialidade linguística da obra, a narrativa lhe proporciona uma viagem as paisagens e ruas da cidade, aos costumes de seus moradores à época. Como na passagem, do conto *O encontro* em que o autor nos transporta pelo principal rio e cartão postal da cidade: “Nós atravessamos o Liffey (Rio principal) em uma balsa, pagando o pedágio para ser transportados com dois trabalhadores e um pequeno Judeu com uma bolsa.” (JOYCE, 2014, p.19, tradução nossa)¹.

Após quase um século de sua publicação, em 2013, a leitura desta obra e suas descrições constantemente retornavam à memória no momento em que caminhava por Dublin. Anteriormente a chegada à Irlanda, tem-se expectativas e curiosidades quanto ao que irá encontrar. A cultura, a paisagem, a receptividade, trabalho, amizades, enfim, um mundo desconhecido. Geralmente este é o sentimento descrito. Possivelmente para todas as imigrações. O Rio Liffey não mais transportava pessoas com frequência. Hoje possuem vias dos dois lados, muitas luzes. Constantes pontes para automóveis, cada uma com arquitetura própria, atravessam perpendicularmente o rio. Edifícios diversos às suas antigas várzeas, em uma mistura de moderno e passado. Aquele espaço se transformara, como não podia deixar de ser. “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio porque afluem sempre outras águas” (HERÁCLITO, fragmento 91).

¹ Do original: “We crossed the Liffey in the ferryboat, paying our toll to be transported in the company of two labourers and a little Jew with a bag”.

São distintos filmes, histórias e lendas associadas às paisagens e costumes da Irlanda. Uma boa parte da ilha, ainda preserva as extensas planícies verdes. Em algumas vilas, também se mantem o cotidiano simples, de tempo lento. A arquitetura de diversos tempos históricos também se faz presente. Contudo, lá estava Dublin, a mesma de James Joyce, com suas permanências e transformações, com a fluidez das grandes cidades e a tranquilidade de seus parques no verão. Para mais que a modernidade representada na cidade pelas novas construções, transportes e serviços; a Dublin deste século escancara uma diversidade sensível aos olhos e ouvidos de não dublinenses. Esses não dublinenses estavam presentes em todas as partes. Nas ruas, nos serviços públicos, supermercados, enfim, em todos os lugares. A presença de “outros” perceptíveis rapidamente era algo historicamente novo naquele espaço². Os fenótipos e línguas variadas profusos nas ruas centrais e aeroportos denunciavam a nova Dublin.

A dialética se dá entre ações novas e uma "velha" situação, um presente inconcluso querendo realizar-se sobre um presente perfeito. A paisagem é apenas uma parte da situação. A situação como um todo é definida pela sociedade atual, enquanto sociedade e como espaço. (SANTOS, M., 2006, p. 71).

Essas observações imersas no empirismo da experiência pessoal foram apenas o embrião dos problemas que se desenvolveram, e doravante aprendidos nesta dissertação. Ao observar e vivenciar a movimentação dos trabalhadores e estudantes estrangeiros, advindos de diversas partes do mundo, outras questões começaram a ser gestadas e umbilicalmente enlaçadas a esta pesquisa. Aos poucos aquela paisagem heterogênea de nacionalidades e arquiteturas não era o que mais chamava a atenção. A procura e o ingresso no mercado de trabalho aprofundaram o conhecimento do que é ser a parte móvel da imigração. O convívio rotineiro com outras nacionalidades permitiu aprofundar o significado das histórias de imigrantes, tanto quanto da minha própria. O medo e apreensão instalados pelo aumento da rigidez da fiscalização no aeroporto, e pelas mudanças das leis para Imigrantes, era notável até mesmo nas pessoas com todos os documentos. As condições de moradia, onde uma vaga em um apartamento de dois quartos, dividido com mais

² A afirmativa dessa novidade naquele espaço refere-se a história moderna. Pois há de entender que a constituição do que hoje é o território e povo da Irlanda, foi fundado por uma mistura de povos conquistadores.

nove pessoas, era um sonho. Essas e outras observações foram aglutinando-se a realidade, e a percepção que aquelas questões deveriam ser apreendidas.

Por tudo isso, a vivência enquanto imigrante na Irlanda irá, como não poderia deixar de sê-lo, ser parte deste trabalho. Adjunto, iremos compartilhar também da participação de várias outras pessoas e suas narrativas de trajetórias. Esses imigrantes que se disponibilizaram livremente para dividir aqui suas experiências e compreensões da realidade vivida. Associado as experiências, busca-se compreender as falas de tais sujeitos migrantes, portadoras de ideias espaciais. O imigrante é agente do processo de migração onde se considera “que as ações individuais são produzidas no bojo de condições estruturais...” (SILVA, 2007, p. 65).

Primeiramente, antes de adentrar outras corporeidades da pesquisa, se faz necessário evidenciar duas das muitas dificuldades encontradas no decorrer desta. A primeira diz respeito à experiência pessoal. Pois sempre houve o receio de misturar alguma singularidade ou indignação pessoal que pudesse caracterizar a pesquisa com um militância simplista, ou até mesmo um caráter autobiográfico. A atenção as entrevistas e as extensas pesquisas bibliográficas (teórica/reflexiva/factuais) visam evitar que esta pesquisa seja apenas a história individual dentro do processo.

O astrônomo não vive nas galáxias distantes e, fora de seu laboratório, o físico nuclear pode comer, rir, amar e votar sem pensar em partículas atômicas. O geólogo só examina rochas em momentos apropriados e o linguista conversa com sua mulher na linguagem de todo o mundo. O sociólogo, porém, vive na sociedade, tanto em seu trabalho como fora dele. Sua própria vida, inevitavelmente, converte-se em parte de seu campo de estudo. Em vista da natureza humana ser o que é, os sociólogos também conseguem estabelecer uma separação entre sua atividade profissional e sua vida pessoal em sociedade. Mas é uma façanha um tanto difícil de ser realizada em boa fé (BERGER, 1980, p. 31)³.

A segunda inquietude metodológica é relativa ao período analisado. Pela atualidade dos fatos, os processos ainda estão em acontecimento, transpondo o período analisado. Em meio ao *turbilhão* da realidade das ações concretas, há a chance acentuada de equívocos e incertezas, além da possível escassez bibliográfica específica e dados estatísticos. Sendo assim, houve cautela durante a

³ Entenda-se o sociólogo como qualquer cientista que estuda a sociedade.

pesquisa no sentido de que o impacto e espetacularidade imediato do tempo presente tivesse a mínima interferência na compreensão do problema.

2.2 DELIMITAÇÕES, ANÁLISES E ENTREVISTAS

A escolha de estudo de caso da migração de brasileiros para Dublin não foi ao acaso, nem configura em um apego psicológico. Para muito além da experiência pessoal, a Irlanda é um caso especial para o estudo das migrações internacionais. O país, que conhecidamente *exportava* mão-de-obra, passou, a partir da década de 1990, a receber um fluxo crescente de imigrantes de todo o mundo. Até então, a Irlanda estava juridicamente e urbanamente *despreparada* e *despreocupada* com o fluxo de trabalhadores, que *vinham a calhar*, em um momento de crescimento econômico forte (RUHS; QUINN, 2009).

Os brasileiros surgem neste cenário ao final da década de 1990, com uma aparição quase sempre crescente nos anos que se passam. O Brasil é o país da América Latina que mais aparece nos censos populacionais irlandeses (se não o único). Apesar de a primeira notificação de brasileiros imigrantes na Irlanda datarem da década de 1990, a análise desta pesquisa foi focada mais veementemente entre os anos de 2004 à atualidade (início de 2018). Período este mais significativo para os brasileiros na cidade de Dublin.

O recorte temporal foi escolhido em função de dois acontecimentos principais: 2004 é o ano da entrada de vários países do Leste Europeu⁴ para a União Europeia e 2016 é a data da última revisão anual de população da Irlanda. O primeiro acontecimento se relaciona com a pesquisa a partir do momento em que a Irlanda já havia se juntado a outros países europeus para assinar o acordo de livre circulação de trabalhadores (*schengen agreement freedom of movement*), além de outros fatores que estimulam os trabalhadores do Leste Europeu para imigrar. Nesta circunstância, intensificam-se as mudanças na legislação do trato com o imigrante não europeu. Estas mudanças legais têm seu ápice no ano de 2014, quando

⁴ Em 1995 foi a adesão de países com alto índice de desenvolvimento e prestígio econômico e social, como a Suécia, Finlândia e Austria. Dito isso, apesar das fronteiras abertas aos trabalhadores de tais países, não é formada nenhuma mobilidade de trabalhadores significativa entre os mesmos. Em 2004 é o ano que a UE retoma a adesão de novos membros, com a adesão, a partir daí de 10 países: Chipre, República Checa, Estônia, Hungria, Lituânia, Letônia, Malta, Polônia, Eslovênia e Eslováquia.

começa a ser aplicada a mudança da lei de obtenção do visto pelo qual a maioria dos brasileiros adentrava na Irlanda. O visto de estudante, que permitia estadia, estudo e trabalho por um ano, tem sua condição modificada e o fechamento de várias escolas de Inglês (as mais procuradas por brasileiros), que eram as formas financeiramente mais acessíveis de aquisição do visto.

Apesar de estar longe de ser a maior população de imigrantes na Irlanda, a comunidade brasileira atrai atenção no país, nas estatísticas, noticiários e nas pesquisas encomendadas pelo governo (Figura 1). Apesar dos dados censitários serem espaçados e inconclusivos e das dificuldades em precisar o número real de imigrantes, os censos produzidos foram utilizados na pesquisa de forma a acrescentar dados e validar informações. Podem ser encontrados dados estatísticos nos sites: *Central Statistics Office (CSO)* e *Department of Justice and Equality*. Outra fonte importante de informação é a pesquisa intitulada *Assessment of brazilians migration patterns and assisted voluntary return programme from selected European member states to Brazil*, pela *International Organization for Migration (IOM)*. Este documento investiga a situação de brasileiros em três países europeus (Portugal, Bélgica e Irlanda) no período entre 2007 a 2009. No objetivo de “assessorar o retorno voluntário” dos imigrantes. Claramente, de acordo com o título da pesquisa e pela origem de financiamento da mesma, o texto traz informações importantes de como conter, regular e provavelmente deportar os brasileiros nos países pesquisados.

Portanto, não criamos nenhuma novidade em dados estatísticos, e não temos intenção de criar um modelo padrão de imigrantes brasileiros na cidade, tarefa essa já executada pelos órgãos governamentais e não governamentais e análises relacionadas. Os dados quantitativos foram aproveitados dessas pesquisas mais detalhada que apresentam dados confiáveis.

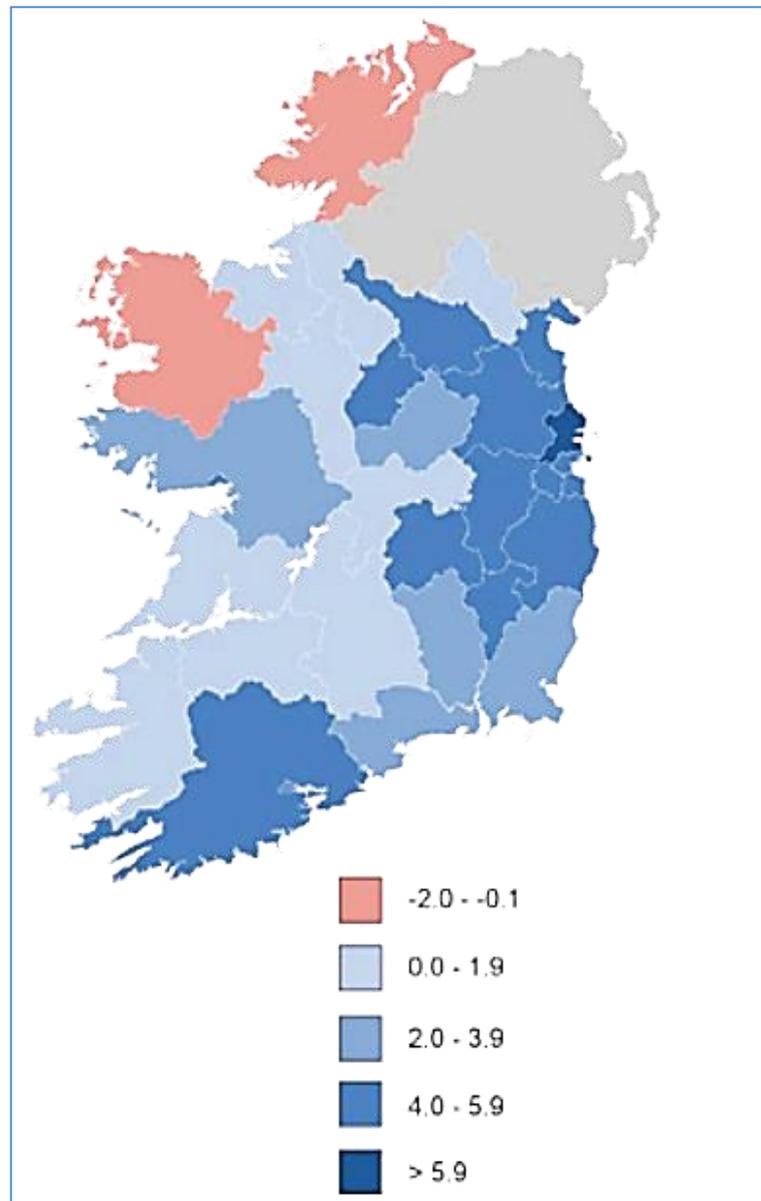
Figura 1 – Quantidade de imigrantes por nacionalidade

Nationality	2002	2006	2011	Change 2002-2011	% change
Poland	2,124	63,276	122,585	120,461	5,671.4
UK	103,476	112,548	112,259	8,783	8.5
Lithuania	2,104	24,628	36,683	34,579	1,643.5
Latvia	1,797	13,319	20,593	18,796	1,046.0
Nigeria	8,969	16,300	17,642	8,673	96.7
Romania	4,978	7,696	17,304	12,326	247.6
India	2,534	8,460	16,986	14,452	570.3
Philippines	3,900	9,548	12,791	8,891	228.0
Germany	7,216	10,289	11,305	4,089	56.7
USA	11,384	12,475	11,015	-369	-3.2
China	5,842	11,161	10,896	5,054	86.5
Slovakia	297	8,111	10,801	10,504	3,536.7
France	6,363	9,046	9,749	3,386	53.2
Brazil	1,087	4,388	8,704	7,617	700.7
Hungary	409	3,440	8,034	7,625	1,864.3
Italy	3,770	6,190	7,656	3,886	103.1
Pakistan	2,939	4,998	6,847	3,908	133.0
Spain	4,436	6,052	6,794	2,358	53.2
Czech Republic	1,103	5,159	5,451	4,348	394.2
South Africa	4,185	5,432	4,872	687	16.4
Other non-Irish	45,348	77,217	85,390	40,042	88.3
Total non-Irish	224,261	419,733	544,357	320,096	142.7

Fonte: IRELAND, 2012, p. 7

Como é possível observar na figura 1, os países do Leste Europeu, aumentaram significativamente o fluxo de imigrantes, assim como o Brasil também o faz, pós 2002. A Inglaterra, que anteriormente possuía a maioria de imigrantes no país, perde a posição para os poloneses. A escolha por estudar os imigrantes brasileiros em Dublin, ao invés de em toda Irlanda, é baseada no fato de ser onde as mudanças populacionais têm ocorrido de forma mais acentuada no país, como o Mapa 1 demonstra.

Mapa 1 – Porcentagem da mudança populacional por Estado na Irlanda, 2011-2016



Fonte: IRELAND, 2017

As mudanças populacionais observadas pelo census de 2016 foram relativas ao crescimento da taxa de nascimento, e a baixa na taxa de mortalidade, juntamente com o saldo migracional. Além deste fato, Dublin é a capital do país, e por uma série de fatores que iremos discutir doravante é a mais procurada pelos brasileiros.

Suplementarmente aos dados quantitativos supracitados foram analisados grupos online de redes sociais de brasileiros na Irlanda por todo o ano de

2017 (porém acompanhado desde 2013). Também foi disponibilizada, em um *software online (Google Docs)*, uma entrevista semiestruturada (Apêndice A) para que os imigrantes pudessem contribuir com a pesquisa se assim o desejassem.

2.2.1 A internet e as redes sociais online

As formas de comunicação e pesquisa espaciais e sociais da realidade no Século XXI são um desafio constante as ciências sociais. A maneira como a tecnologia permeia cada vez mais o mundo, principalmente através da internet, também se entranha na forma de compreender e estudar os fenômenos. O número de computadores conectados as redes crescem com rapidez (apesar de ainda não atingir a todos, e alguns não cotidianamente). Aliás, não são apenas computadores. Uma série de outros aparelhos eletrônicos nos mantem conectados frequentemente a esta ferramenta, a princípio de comunicação. Diante desta situação foi preciso reinventar também algumas metodologias. Há os céticos quanto a essas novas práticas e os entusiastas. Nesta pesquisa, tentamos não “cair” para nenhum extremo, pois buscamos entender como essa nova ferramenta pode nos auxiliar e seus limites.

Para muito além de forma de entretenimento e comunicação, a internet se torna cada vez mais fonte, quase exclusiva, de informação, lugar de se relacionar e compartilhar ideias.

Na verdade, o que mais circula por esses computadores globais são informações pragmáticas, manipuladas por uns poucos atores, em seu próprio benefício. O mercado informático é controlado por um punhado de firmas gigantes, situadas num pequeno número de países. (SANTOS, 2006, p. 132).

Bem delineado por Santos na citação acima, há um controle não apenas das informações, como também através delas de outros processos. A migração é constantemente comercializada no meio online. Experimente *buscar* algumas vezes no mesmo dia sobre trabalho, moradia ou estudo em um país diferente. Certamente, no dia seguinte, você poderá observa várias propagandas com dizeres “Venha ser feliz no Canadá”, “Você também pode vir para a Europa”, “Estude e trabalhe na

Austrália” etc. Isso é possível pela evolução e massiva adesão das pessoas as chamadas redes sociais online. Essas redes não são permanentes, elas se aperfeiçoam e modificam. Há quase uma década a mais utilizada no Brasil era a rede social Orkut, do grupo Google. Hoje em dia é comum as pessoas terem contas no Facebook, Instagram e Twitter. Dado interessante é o recente movimento de fusão e compra de redes por outras redes. Entendam assim, que essas redes são empresa, e funcionam com a lógica e busca de lucro como qualquer outra. A compra bilionária do Instagram pelo Grupo Facebook foi anunciada no site G1 em 2012. Demartine reporta uma notícia impressionante e assustadora:

O **Facebook** atingiu, pela segunda vez, a marca de um bilhão de usuários acessando a rede social em um único dia. Assim, se existem sete bilhões de seres humanos no planeta, cerca de uma em cada sete pessoas checa o Facebook a cada dia. (DEMARTINE, 2015, grifos do autor).

O alcance instantâneo desses poucos grupos a bilhões de pessoas em um dia são uma das áreas mais lucrativa no mundo atual. E esse alcance, com a possibilidade não apenas de obtenção de dados pessoais, mas também psicológicos como desejos, sonhos, rotina etc., é o como as empresas lucram. Elas vendem essas informações para outras empresas.

Essas redes sociais são usadas para muitas coisas. Entre elas, compartilhar ideias, participar de grupos, conectar-se com diferentes pessoas, e acima de tudo, para suprir a falta de convívio físico na sociedade individualista. A psicóloga Susan Weinschenk explica o sucesso desses grupos de redes online:

Com a internet, Twitter e mensagens de texto, agora temos gratificação quase instantânea do nosso desejo de busca. Quer falar com alguém imediatamente? Então, envia-se um texto e ele é respondido pouco depois. Quer procurar alguma informação? Basta digitá-la no Google. Que tal ver o que seus amigos estão fazendo? Vá ao Twitter ou ao Facebook. Entramos num ciclo induzido de dopamina ... a dopamina nos impele a buscar, então somos recompensados pela busca, o que nos faz buscar mais. Torna-se cada vez mais difícil parar de verificar o e-mail, enviar mensagens de texto, checar nossos telefones celulares para ver se temos uma nova mensagem (WEINSCHENK apud MACLSAAC, 2013).

Indubitavelmente configura-se em uma importante ferramenta de estudo, porém as ressalvas quanto ao uso que delegamos a esta tecnologia enquanto sociedade e enquanto indivíduos, são cada vez mais crescentes. Bauman

sabidamente comentou em uma entrevista ao El País em relação a confusão da identidade e as consequências para a sociedade do uso desenfreado das redes:

A questão da identidade foi transformada de algo preestabelecido em uma tarefa: você tem que criar a sua própria comunidade. Mas não se cria uma comunidade, você tem uma ou não; o que as redes sociais podem gerar é um substituto. A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. [...] O Papa Francisco, que é um grande homem, ao ser eleito, deu sua primeira entrevista a Eugenio Scalfari, um jornalista italiano que é um ateu autoproclamado. Foi um sinal: o diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia...Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha. (QUEROL, 2016).

Castro e Spinola (2015) também afirmam que as redes sociais são eficientes instrumentos de propagação de ideologias, culturas e construtores de identidades. Inclusive, há casos públicos de troca de mensagens entre governos de Estados para abordarem questões sérias por contas de Twitter. O caso mais recente que temos de conhecimento é a “guerra online” entre o governo dos EUA e da Coreia do Norte.

Figura 2 – Presidente dos EUA discute no Twitter



Fonte: Diário do Brasil, 2017

Os dizeres associados a conta do atual presidente dos Estados Unidos são esses “A Coréia do Norte somente indicou que estão no estágio fiscal de construção de uma bomba nuclear capaz de alcançar parte dos EUA. Isso não vai acontecer!”. Essa situação ilustra perfeitamente o ponto que buscamos atingir sobre o quão essas redes estão presentes na sociedade atual, e sua abrangência.

Não obstante, as redes sociais também podem servir a outros propósitos, no sentido que pode se transformar em uma ferramenta de união e resistência dos povos. Um exemplo dessa afirmativa foi a organização das passeatas e protestos de 2013 no Brasil, ou ainda explicar a fluidez da primavera Árabe⁵ ou o acesso a informações utilizadas pelos imigrantes para atravessar fronteiras.

As mídias sociais on-line se tornaram tão cotidianas e importantes para a sociedade, que a ciência que busca entender a sociedade não deveria mais ignorá-las. Contudo, não no sentido de reafirmá-las, mas de entender como afetam o cotidiano da sociedade e suas ações concretas.

Com o surgimento das redes sociais, conseqüentemente surgiram novas propostas de pesquisa que tentassem desvendar esse ambiente. O desenvolvimento de uma investigação qualitativa, na qual se fundem sujeitos e interatividade, implica em olhar esses sujeitos participantes da pesquisa e esses cenários de pesquisa, ambos integrantes de uma totalidade, a partir de uma perspectiva mais ampla, denominada contexto sociocultural. (CASTRO; SPINOLA, 2015, p.171).

O uso da internet e seus desdobramentos não é nenhuma novidade, apesar de ser uma preocupação historicamente recente. Tanto é que, a produção acadêmica já conta com o termo “Etnografia Virtual”. Há também a ARS (análise de rede social), apesar de ainda não ter uma bibliografia extensa sobre o tema. “A análise das redes sociais parte de duas grandes visões do objeto de estudo: as redes inteiras (*whole networks*) e as redes personalizadas (*ego-centered networks*)” (RECUERO, 2005, p.3).

Conquanto, para esta dissertação, é importante ressaltar que a pesquisa das redes sociais online não ocupa uma posição central. Essa afirmação pretende clarificar que não foi seguida nenhuma sistematização teórica metodológica de análise entorno das redes sociais online. Isso por que esses grupos analisados não

⁵ Primavera árabe é a expressão utilizada aludir aos movimentos de revoltas e revoluções no mundo árabe que se generalizou em um mesmo momento, com especificações distintas, em vários países. Ainda hoje há resquícios e conseqüências deste momento histórico. As passeatas de 2013 no Brasil serão mais discutidas na seção 7 desta dissertação.

correspondem às características elencadas nas metodologias acadêmicas já elaboradas. Também se faz importante ressaltar que não apontamos essas redes como a razão pela qual um trabalhador/estudante imigra. As redes são o “como fazer” portanto, não atende ao problema proposto objetivamente, é o caminho. É onde os futuros imigrantes olham por dicas e tiram dúvidas. É um “lugar” onde os imigrantes que já estão na cidade procuram por quartos para alugar, coisas baratas para comprar e diversos outros serviços. Também onde outros agentes, como os de viagem e os consultores de imigração, procuram os clientes.

Dito isso, a relevância vista na análise desses grupos, estão nas informações passadas ao longo dos anos de experiências, indagações, e diversidade de imigrantes que estas redes possibilitam. Foram acompanhados e observados, os *postes* comentários de maior relevância para a pesquisa. Esta metodologia foi muito frutífera em informações diversas, como pode se observar na Figura 3:

Figura 3 – Informações em Grupos de Redes Sociais no Facebook



Fonte: A autora. Arquivo pessoal

A imagem anterior retrata bem a diversidade de informações que são requeridas, e discutidas. Normalmente as pessoas participantes dessas redes

sociais não conhecem uns aos outros, e na maioria não estão conectadas como amigos. Como dito, esses grupos são utilizados para ter maiores informações de onde ir, como ir, mas não apresentam vínculos afetivos.

Outro dado interessante é que foram analisados seis grupos da rede social Facebook. Quatro deles nomeados “Classificados Dublin” e outros dois “Brasileiros em Dublin”. É possível saber a quantidade de pessoas que participam de cada grupo. Fato que chama a atenção, como é possível ver na tabela abaixo:

Tabela 1 – Quantidade de participantes por grupo de rede social online analisado

Nome do grupo	Quantidade de participantes
Brasileiros em Dublin	19.429
Brasileiros em Dublin	48.427
Classificados Dublin	103.764
Classificados Dublin	38.404
Classificados Dublin	7.201
Classificados Dublin	71.967

Nota: Informações coletadas na rede social pessoal (Facebook) em janeiro de 2018

Fonte: A autora

A razão da surpresa referente à quantidade de participantes é que segundo estimativas (variam de acordo com a fonte) a quantidade de brasileiros em toda a Irlanda gira em torno de 14 mil imigrantes⁶. O grupo que possui mais integrantes conta com aproximadamente sete vezes mais pessoas que a estimativa. Contudo, isso não significa que a estimativa esteja completamente errada. Na verdade, baseada na análise de anos dos grupos, existem algumas razões que podem explicar essa diferença. A primeira e mais relevante, é que estes grupos contam com muitas pessoas que ainda estão planejando uma forma de imigrar. Ao mesmo tempo em que, existem pessoas ali que já não moram mais na Irlanda (pois há uma grande quantidade de estudantes que retornam, ou migram para outro lugar). Outro ponto importante para destacar é que as pesquisas estatísticas levam em consideração o imigrante que apenas possui o passaporte emitido pelo Brasil.

⁶ A referência aqui utilizada é da CSO- Central Statistics Office, site oficial da Irlanda sobre estatísticas populacionais. In: Census of population 2016- profile 7 Migration and Diversity.

Por exemplo, o CSO leva em consideração aqueles imigrantes que pediram o *Guarda National Immigration Bureal* (GNIB), uma espécie de identidade para estrangeiros. Portanto, todos os brasileiros que possuem dupla cidadania como a italiana, alemã e portuguesa, não estão na lista. Além é claro, de imigrantes brasileiros que já não são mais oficialmente imigrantes, por conseguir a cidadania por algum dos processos que veremos adiante.

O inconclusivo dado dos brasileiros que possuem dupla cidadania é intrigante. Em primeiro lugar não há como precisar estes trabalhadores por causa das fronteiras abertas para europeus. Além desse fato, esses brasileiros, na maioria dos casos, nunca tiveram nenhum vínculo com a outra nacionalidade que não seja o passaporte. Essa conclusão também foi observada pelos grupos e pelas entrevistas.

2.2.2 Entrevista online e a pesquisa qualitativa

Esta dissertação busca escutar os sujeitos imigrantes. Em conjunto com as narrativas conosco compartilhadas, analisaremos os processos envolvidos na migração dentro da relação dialética que une essas duas “escalas” de análise do mesmo fenômeno. Frente a essa afirmação, cabe a pergunta: E as pessoas, submersas nessa trajetória como percebem esse processo? Como percebem o contexto histórico? Como o imigrante percebe a si mesmo? Neste sentido, utilizamos a entrevista disponibilizada online para a livre e espontânea participação, visto que os resultados foram comparados com as pesquisas previamente realizadas por outros autores.

As entrevistas realizadas pessoalmente são enriquecedoras por contarem com elementos verbais e não verbais. Por permitirem maior imersão do pesquisador na relação sujeito- sujeito e uma fluidez de assuntos pertinentes. Entretanto, apresentam também algumas dificuldades e características tornando-a inviável para esta pesquisa. O tempo necessário para realizá-la, a distância física, a aproximação do entrevistado e entrevistador e a *delicadeza* de alguns conteúdos foram um obstáculo para a entrevista pessoal.

A ideia de disponibilizar a entrevista *online* surge como resposta a essas questões supracitadas. Principalmente relacionado ao assunto abordado, que por

vezes incita medo ao se expor. Por se tratar de imigração, a facultatividade de dados de identificação pessoal, buscou fornecer uma segurança para que os sujeitos pudessem contribuir sem se sentirem ameaçados por qualquer tema que desejassem abordar. A possível insegurança social e jurídica destes sujeitos muitas vezes é um impedimento à participação. Não apenas quando se é um *sans-papier*⁷, também vários imigrantes documentados se sentem desconfortáveis para participar de pesquisas deste feitio.

Trabalhamos com a ideia da pesquisa semiestruturada por essa possibilitar abordar aspectos psicológicos, como as motivações e expectativas. Apesar de satisfeitos com o resultado, em muitas entrevistas foi sentida a falta do contato pessoal. Em uma variedade de ocasiões, a falta da oportunidade de perguntar um “Por quê?” se fez presente. Lacuna essa que tentamos preencher com exaustiva análise das redes sociais online.

Outra observação se faz necessária. Apenas utilizamos essa metodologia, pela experiência pessoal da autora que vos escreve enquanto imigrante na cidade. Não teria conseguido tirar proveito total das entrevistas caso contrário. Isso se faz presente porque algumas expressões e lugares citados são extremamente específicos do conhecimento dos imigrantes brasileiros na cidade. Como exemplo pode ser citado os *knackers* (chamados *carinhosamente* pelos brasileiros de *naná*). Essa expressão designa grupos de irlandeses, geralmente jovens, característicos pelo uso de roupas de moletom de famosas companhias internacionais esportivas, que andam em grupo, e demonstram um comportamento xenófobo e racista. Contudo, muitas pessoas veem suas ações como travessura de adolescentes, principalmente, os órgãos responsáveis pela segurança no país.

Foram planejadas 50 a 60 entrevistas, por entender que essa quantidade atingiria minimamente o objetivo até então discorrido. Adiciona-se a afirmativa anterior que também entendemos a dificuldade enraizada na análise numerosa de entrevistas em busca de dados qualitativos. Apesar de, objetivar-se lançar mão de dados quantitativos como idade, sexo e nível de escolaridade, nós planejamos uma entrevista essencialmente interpretativa. A chamada para participar do questionário foi feita online, com um anúncio (*Post*) nos grupos de redes sociais que estávamos a

⁷ Essa expressão em francês significa sem papéis. Deriva de um movimento quando imigrantes de origem africana, sem documentos legais, tomaram visibilidade política e ocuparam uma igreja em Paris em 1996.

analisar. A participação foi livre, não foi chamado nenhum participante individualmente. Foi aberto à participação no *Google Doc* no dia 31 de outubro de 2017. Ao final de uma semana de disponibilidade online, tivemos a surpresa de termos 88 entrevistas respondidas. Para os propósitos deste trabalho, não seria possível aceitar maiores contribuições por questões relativas a tempo para a análise como já aqui observado. Contudo, apesar da ultrapassagem da meta estimada, levamos em consideração todas as entrevistas respondidas em respeito ao participante. Todavia, como primeira vez que lançamos mão deste tipo de ferramenta, entendemos positivamente os resultados.

Foram disponibilizadas doze perguntas semiestruturadas, acrescidas de um espaço livre para falar de qualquer assunto que o imigrante entendesse que seria válido (o qual foi utilizado surpreendentemente 16 vezes). A ideia do espaço livre tenta suprir, pelo menos em parte, os assuntos avulsos que o pesquisador consegue abordar de forma presencial. A informação do nome foi facultativa. Além disso, a entrevista contou com cinco perguntas objetivas: faixa etária, sexo, religiosidade, escolaridade e tempo de estadia na Irlanda. A coleta de dados foi baseada na análise prioritariamente qualitativa, contudo, a análise quantitativa, como já mencionada, também se faz valer, para comparações com pesquisas de maiores escalas.

2.3 PERCURSO METODOLÓGICO

Diante de tudo até então mencionado, traçamos uma caminhada teórico-metodológica para atingimos as questões guias desta pesquisa. É há muito sabido da preocupação plausível e recorrente sobre o caminhar das ciências, principalmente das ciências sociais. Braudel, já no final da década de 1950, escreve que “há uma crise geral das ciências humanas: todas elas se encontram esmagadas pelos seus próprios progressos, mesmo que isso seja devido apenas à acumulação de novos conhecimentos” (BRAUDEL, 1992, p. 7). Vainer (2007), já em outro momento histórico, aponta, também, suas preocupações quanto ao receio das alardeadas e efêmeras novidades, produzidas no âmbito acadêmico, principalmente nas ciências humanas.

Neste sentido, compartilhando a preocupação da novidade enquanto desejo final das pesquisas científicas, o primeiro momento do nosso caminhar acadêmico foi voltado à revisão bibliográfica. Essa revisão se desenvolveu para além da imigração como essa ocorre em Dublin. Entende-se que esta dissertação não esgota o assunto e as questões relativas ao tema, e este trabalho almeja contribuir ao conjunto de pesquisas relacionadas. O intuito é de investigar a construção do saber científico em torno da migração, dentro da Geografia e em outros saberes. Outra aspiração é entender os processos relativos ao fenômeno da imigração, para a compreensão de suas interdependências e de como estes constroem a realidade estudada ao longo da história.

Ao sustentar a cognição da migração, enquanto um processo, faz-se necessário a investigação deste fenômeno em sua transformação no tempo e no espaço. A pesquisa esforça-se a trabalhar com a migração no âmbito espacial e histórico. Pois, na busca do entendimento das estruturas e processos que impulsionam ou retêm as migrações e as transformações socioespaciais que a partir e juntamente a ela desenvolve, faz-se imprescindível a compreensão da formação dos Estados capitalistas, sendo insuficiente apenas a contextualização política econômica atual ou recente.

Como bem evidenciou Sayad (1998), a migração internacional vincula-se a ideia de Estados nacionais, que se materializam por meio do cruzamento das fronteiras políticas dos territórios de tais Estados. Portanto, busca-se também analisar o desenvolvimento desigual e combinado do espaço no sistema capitalista, que será um dos processos que são influenciados pelo fluxo de migrantes internacionais. Smith (2006) afirma que “o capitalismo não apenas gera ciclos temporais de expansão e crise, como também, ciclos espaciais de desenvolvimento em um polo e subdesenvolvimento em outro.” (SMITH, 2006, p. 9)⁸. Estes ciclos de desenvolvimento desigual, bem como as crises, consistem em processos cíclicos estruturantes do capitalismo, que alteram a necessidade da mercadoria trabalho em diferentes espaços-tempo. Essa necessidade é protegida e regulada pela fronteira, ao interesse do Estado e do Capital. Sendo assim, como dito anteriormente, faz-se

⁸ Do original: “el capitalismo no sólo genera ciclos temporales de expansión y crisis, sino también ciclos espaciales de desarrollo en un polo y subdesarrollo en otro” (SMITH, 2006, p. 9). Disponível em: <<https://aueconomialternativa.files.wordpress.com/2013/04/neil-smith-la-geografia-del-desarrollo-desigual.doc>>.

imprescindível perceber estes ciclos para a compreensão da mudança dos fluxos populacionais.

O capital não consegue se reproduzir, utilizando-se apenas da força de trabalho existente no interior de suas fronteiras. Para garantir os níveis de acumulação desejados, há necessidade de importação de uma força de trabalho proveniente de outras regiões, das áreas pré-capitalistas (SILVA, 2007, p.58, tradução nossa).⁹

Usufrui-se também da proposta de Braudel sobre o trabalho coletivo. O autor propõe, como trabalho coletivo, que não nos aprisionemos a um campo científico específico, pois a realidade não é dilacerada como as ciências. A proposta não é que deixe de ser vinculado a uma área, mas que não haja a naturalização desta separação artificial, criada no século XIX, da realidade. Portanto, essa dissertação se esforça a pesquisar com multidisciplinares fontes bibliográficas, porém mediante a análise geográfica. Corroborando com o dizer do professor Elias Lopes¹⁰, quando este afirmou que atuamos no mundo a partir de uma perspectiva, de um *lócus* de investigação, pois não apreendemos a realidade em seu todo, mas em sua dialética com as partes.

2.4 MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: DIMENSÕES LEGAIS E SITUAÇÃO SOCIAL

O processo da migração internacional não apenas atua sob o aspecto macroestrutural (análise dos processos de produção do espaço), o migrante também é considerado um agente deste processo. Não é frutífero aqui o debate sob qual perspectiva melhor se compreende o fenômeno, ambas são partes do mesmo universo que possibilitam entender em sua relação dialética a realidade estudada.

O sociólogo Sayad (1998) trabalha a dupla exclusão do imigrante, o portador de sua alteridade: do país de origem, pela presença não física e por

⁹ O uso do termo pré-capitalista é apropriado pela autora por esta estar a discutir Rosa Luxemburgo. Entenda-se, pois, que no momento atual do capitalismo essa importação de mão de obra não é proveniente necessariamente de países que estão em processo de acumulação primitiva.

¹⁰ Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora Elias Lopes em um comentário informal durante o processo de qualificação desta pesquisa em março de 2017. Ressaltava que o comentário não foi no sentido de negar a totalidade, como efeito a dialética se da entre a parte e o todo. Ou seja, o todo não pode ser apropriado como todo, senão como uma contradição entre a parte e o todo.

permitir sua ilegitimidade em outro Estado, e no Estado receptor, que o trata primeiramente como ilegítimo. No país destino o espaço que é permitido ao imigrante percorrer é o espaço do trabalho (e consumo), sendo, então, ausente politicamente, sem identidade civil e passível da instabilidade de seu *status* legal. Sua condição enquanto imigrante traz consigo a ideia permanente de algo temporário. Por mais que esta condição possa se estender pelo resto de vida do indivíduo, ele estará sempre vulnerável à legislação que garante sua condição.

Na contemporaneidade os Estados e a mídia, ainda com suporte em Sayad (1998), esforçam-se para ofuscar a dimensão política e econômica da migração, concedendo-a como uma forma de problema social. Associam, para tanto, a imigração ao aumento de desemprego, às baixas salariais, mendicância e, mais recentemente, ao terrorismo. Perde-se a complexidade do processo e estimulam-se sentimentos nacionais xenófobos. Esse discurso nega o passado recente de vários países ao estimularem a imigração em momentos de necessidade de trabalhadores para interesses do capital.

Dessa forma, esta pesquisa propõe a investigação nas esferas macro (estrutural) e micro (o sujeito como ator individual no coletivo). A atenção às duas esferas de análise ocupa-se em tentar sanar problemas previamente diagnosticados por dois diferentes autores. A primeira diz respeito ao próprio Sayad (1998) quando atenta para preferência pela análise da partida ou da chegada, o que se configuraria em um estudo incompleto. Segundo o autor, muitos estudos focam a atenção a motivos de expulsão ou atração de territórios. Neste sentido perde-se a análise da migração enquanto processo, enquanto uma trajetória coletiva e individual, e se perde o entendimento do migrante em sua dupla condição.

O segundo diagnóstico seria referente ao que Vainer (2007) alerta a não menção à violência exercida contra os sujeitos no ato de migrar. Os migrantes em suas trajetórias encontram-se com a violência exercida em diversas formas: a de seu Estado de origem, a própria trajetória, a fronteira, o trabalho super-explorado, as diferenças étnicas como impulsão xenófoba, dentre outras. Ao inserir a categoria do território do Estado no domínio de sua fronteira, é feita a discussão de uma das formas de violência sofrida, complementada com a dupla exclusão do indivíduo migrante e a análise da migração enquanto mobilidade espacial do trabalho.

2.4.1 Migração: tipologias, categorias e significados

O conceito de migração será discutido posteriormente, no capítulo 3 desta dissertação. Contudo, há outros termos que surgem vez ou outra, aos quais gostaríamos aqui de dissertar. Esses são relativos aos tipos de migrações, suas categorias e denominações jurídicas. Soares (2014) resumiu as “modalidades” da mobilidade na Tabela 2.

Quadro 1 – Tipos de migração

Tipo de MIGRAÇÃO	DEFINIÇÃO
Econômica	É aquela que afeta os países mais pobres ou menos desenvolvidos, as regiões deprimidas economicamente, as classes sociais menos favorecidas
Política	Se dá quando ocorrem graves desajustes entre um sistema política e seus cidadãos, comumente havendo confrontação física ou ideológica e, até mesmo, risco de perder a vida.
Étnico-cultural	Ocorre, principalmente quando se dá o reagrupamento de populações forçadas a separar-se. Um exemplo foi quando se deu a constituição do Índia e do Paquistão como Estados independentes, pois houve intensa mobilidade de hindus para o primeiro e os de religião muçulmana para o segundo.
de emergência	Quando a partida não foi previamente planejada, mas alguma situação repentina gerou sua necessidade. Abrange o caso dos refugiados por motivos de invasões e guerras, e, as vítimas de grandes eventos naturais como tsunamis, erupções vulcânicas, entre outros.
de especialistas	Também conhecida como <i>brain drain</i> ¹³ (fuga de cérebros), resume-se no deslocamento de especialistas para países com maior desenvolvimento econômico e/ou tecnológico.
de aposentadoria	Movimento crescente nos países europeus no qual a população aposentada migra em busca de melhor qualidade de vida, custos mais baixos com moradia, climas mais amenos, entre outros. Por exemplo, a crescente quantidade de aposentados ingleses em Portugal.

Fonte: SOARES, 2014, p. 51

As definições acima descritas são apenas formas didáticas de racionalizar as motivações (até mesmo as de cunho psicológico) dos diversos fluxos de mobilidade espacial, pois como ressalva a própria autora “as motivações para efetuar a migração não costumam ter uma única razão” (SOARES, 2014, p. 51). Todavia, acreditamos que os termos são de utilidade para explicar a razão principal de um determinado fluxo, sempre ressaltando a complexidade de discutir os processos envolvidos na mobilidade humana.

Outras formas comumente utilizadas para a categorização das migrações são: Migração interna, migração internacional, migração temporária, sazonal e definitiva. Essas classificações são utilizadas para determinar características ora espaciais, ora temporais. Os termos referentes aos aspectos espaciais ainda são largamente utilizados. A Migração interna seria o deslocamento no interior dos limites da fronteira de um mesmo território de Estado. Por vezes, essas mobilidades podem ser chamadas também por suas derivações, regionais (Nordeste – Sudeste, exemplo brasileiro), ou ainda, a rural – urbana quando esta característica é presente (normalmente intensa nos períodos de industrialização e urbanização). A migração internacional significaria o transpor fronteiras objetivando adentrar em outro território. As migrações internacionais possuem duas derivações: emigração e imigração. Veremos adiante, no próximo capítulo, a complementariedade entre estes dois últimos termos.

As categorizações concernentes as características temporais da mobilidade variam de acordo como os próprios nomes denotam. Há ainda aquela terminologia que assinala uma condição dupla, temporal e espacial, a migração de retorno. A migração de retorno remete à temporalidade de algo que já foi assinalando que, a migração existiu no passado e volta a acontecer. É também de cunho espacial, pois o que retorna, retorna para algum lugar, lugar esse que não aquele que estava no passado recente, contudo, um espaço já outrora conhecido.

Há, na atualidade diversos autores que discutem o declínio das categorizações e tipologias supracitadas. Como Marilda Menezes afirma no trecho abaixo:

As reconfigurações nas migrações no Brasil, quanto a origens, destinos, duração e grupos que migram, estão exigindo uma revisão das perspectivas teóricas, assim como das tipologias [...] que foram formuladas, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. (MENEZES, 2014, p. 23)

As revisões teóricas são necessárias realmente, uma vez que as características tenham se transformado. Veremos no decorrer da dissertação que as migrações nos dias atuais se caracterizam por uma generalização de fluxos, baseadas na circularidade. As definições temporais são as que possuem maiores adeptos as críticas. Como, por exemplo, Martins quando afirma que “migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver em espaços geográficos diferentes,

temporalidades dilaceradas pelas contradições temporais”. O autor não está a negar a temporalidade da mobilidade, contudo, complexifica-a socialmente ao dizer que “o migrante temporário, ao retornar, já não é o mesmo [...] o que encontra quando retorna, já não é aquilo que deixou” (MARTINS, 1986, p.45).

Menezes complementa que o “migrante constitui-se nas tensões e ambiguidades de várias categorias e diversos espaços sociais” (2014, p. 26). Nesta pesquisa tentamos endossar este grupo. Apoiamos as observações concernentes às dificuldades e contradições ao classificarmos um determinado fluxo como temporário ou definitivo. Essa reflexão surgiu ao longo da pesquisa deste movimento específico de emigrantes brasileiros para Dublin. Seria esse um fluxo temporário ou definitivo? No momento, para esta mobilidade não é possível nenhuma forma de enquadrá-la em qualquer categorização que aluda à temporalidade. Talvez, um dia, em um tempo futuro, alguém seja capaz de fazê-lo. Todavia, com a atualidade dos acontecimentos não existe um traçado específico. Por exemplo, podemos afirmar que a mobilidade dos imigrantes estudantes perante o Estado irlandês é uma imigração temporária. Contudo, mesmo no caráter jurídico temporário, muitos pretendem não retornar e acham formas de fazê-lo, tornando-se assim definitivos (seja pelo *overstay* ou pela renovação até acharem uma brecha para ficarem por mais tempo). Ou então, os imigrantes temporariamente definitivos, os que pertencem ao *Critical Skills*. Estes são juridicamente permitido a estadia definitiva, mas a entrevista revela que muitos estão em busca da cidadania. Uma vez que se alcance o objetivo, planejam buscar outro destino. Alguns utilizam a Irlanda como ponte de acesso a outro território. As principais alegações concernem a países nórdicos pela qualidade de vida, ou para países onde pagam melhores salários. Ainda outros revelam o desejo de retornar ao Brasil quando aposentarem. Desta forma, para fins estatísticos são imigrantes definitivos, contudo, podem vir a ser temporários para o território irlandês. Ainda assim, sendo temporários para a Irlanda, muitos continuam sendo emigrantes definitivos para o Brasil. Definitivo até um momento que não prevemos.

[...] interessa-nos dar conta da organização dos coletivos do que apenas das transações de um lugar (origem) a outro (destino), sendo que somos capazes de circular, de recorrer espaços e apropriarmos desses ‘produzindo

territórios', participando da criação de riquezas e de novas identidades sociais" (FLORES, 2010, p.7, tradução nossa).¹¹

Último ponto que gostaríamos de abordar nesta subseção é relativo a duas outras denominações que a cada dia se tornam mais usuais: Refugiado e Asilado. Mesmo não estando diretamente relacionada ao assunto pesquisado, essa breve explicação se mostra frutífera para evitar futuros conflitos. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) (2015):

Os refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança nos países mais próximos, onde passam a ser consideradas um "refugiado", reconhecido internacionalmente, com acesso à assistência dos Estados, do ACNUR e de outras organizações. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015).

Essa passagem anterior, está contida no texto da ONU intitulado "ACNUR explicando significado de status de refugiado e migrante", que alerta para as sérias consequências em confundir os dois termos. Ora, ao nosso entendimento o refugiado e o asilado são o status jurídico de uma parcela de imigrantes. Sendo assim, são também imigrantes. Pois, não se chama de refugiado um migrante que esteja migrando internamente em seu território de direito, fugindo de alguma guerra civil, por exemplo. Este pode ter todas as características de um refugiado, no entanto, por não ultrapassar limites de fronteira não o é considerado. O imigrante passa a ser um refugiado a partir do momento que adentra em outro território. Inclusive o governo brasileiro ao discutir a diferença entre asilado e refugiado explica assim o último:

O refúgio é concedido ao imigrante por fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. Enquanto tramita um processo de refúgio, pedidos de expulsão ou extradição ficam em suspensos. (BRASIL, Justiça e Segurança pública, 2017, grifo nosso).

¹¹ Do original: "nos interesa dar cuenta de La organización de colectivos que no solo trasladan de un lugar (origen) a outro (destino), sino que son capaces de circular, de recorrer espacios y apropiarse de ellos 'produciendo territorios'" (FLORES, 2010, p. 7). Ao mencionar que os imigrantes produzem territórios, creio que autora se refira ao reconhecimento social que o lugar passa a ter, a apropriação daquele espaço como seu.

Portanto, o governo brasileiro também classifica o refugiado como um imigrante. Qual seria a diferença entre refugiado e asilado? O asilado é outro status jurídico do imigrante. Na América Latina, esse conceito jurídico é originário do Tratado de Direito Penal Internacional de Montevideu (1889). O asilado é alguém que requer proteção a outro território por motivos de perseguição política. O refugiado é também alguém que pede proteção a outro território, porém não apenas relacionado à questão política, mas perseguição por etnia, credo ou fuge de um conflito interno ao seu território. Contudo, os dois status consistem em um ser humano que precisa sair do território que se encontra. O que muda são as motivações do sujeito e o status (Jurídico e social) que este imigrante irá passar a ter no território pleiteado. O Governo brasileiro explica a condição do asilado da seguinte forma:

No caso do asilo, as garantias são dadas apenas após a concessão. Antes disso, a pessoa que estiver em território nacional estará em situação de ilegalidade. O asilo pode ser de dois tipos: diplomático – quando o requerente está em país estrangeiro e pede asilo à embaixada brasileira - ou territorial – quando o requerente está em território nacional. Se concedido, o requerente estará ao abrigo do Estado brasileiro, com as garantias devidas. (BRASIL, 2017).

Ao fim e a cabo, quando pensamos na etimologia da palavra, todo migrante é um refugiado. Entenda-se, com a afirmação anterior não pretendemos diminuir ou comparar diferentes razões para se refugiar, as situações são tão numerosas quanto a quantidade de migrantes pelo mundo. A ideia da afirmação é fazer a crítica à mobilidade atual, onde sempre estamos nos tornando fugitivos, ou sendo forçados a fugir. Baseio-me na indagação: se as pessoas tenham condições concretas de uma vida com qualidade no lugar de nascimento, haveria essa mobilidade exacerbada que hoje há?

A migração é a denominação do fenômeno de mobilidade dos seres vivos. O migrante é o ser humano que se vale (ou é forçado a se valer) da sua capacidade de se deslocar para realizar a mobilidade para outro espaço, onde realizará alguma atividade. As ciências buscam diferentes termos, categorizações, teorias e metodologias para entender e analisar este fenômeno social. E mesmo afirmando que para essa pesquisa é importante questionar a necessidade do definir temporal do fluxo, o pesquisador que lance mão dessa definição não

necessariamente estará a discordar de nossa proposição. Cada fluxo pode ser nomeado, classificado, descrito ou narrado por diferentes pesquisadores de acordo com o problema da pesquisa. Não necessariamente serão contraditórios ou excludentes, podem vir a ser complementares. O importante é pensar o objetivo e para quem a pesquisa servirá.

A última afirmação traz à memória a “crise migratória” da Europa, denominada assim inclusive pela União Europeia, contudo fixada pela mídia. Lembro que estava a cuidar de minha filha, assistindo o jornal na Irlanda, quando os “plantões” de notícias começaram. Em todos os canais de notícias existentes na minha televisão estavam noticiando a “invasão” dos refugiados sírios na Europa. Esse momento de intensa abordagem midiática teve o começo em setembro de 2015, quando a estação central de trem em Budapeste – Hungria, foi fechada. Os dizeres dos repórteres falavam da invasão, do caos, da quantidade enorme de pessoas e até do cheiro ruim dos imigrantes. A CNN chamou o episódio de *“European’s migrants crisis: Chaos as trains are stopped in Hungary”* (DAMON; SMITH-SPARK, 2015). Em um primeiro momento, mostraram-se os horrores do mundo Islã. A guerra civil na Síria foi apontada como a principal causa da crise, servindo para aumentar a generalização do preconceito no senso comum em relação a mulçumanos¹². Essas notícias geraram comoção por uma parte, e revolta por outra. Foi possível experienciar o “alimento” fornecido pelas reportagens para grupos nacionalistas da ultradireita em vários países da Europa. As imagens de multidões a vagar rumo ao continente e barcos lotados tentando atravessar o mediterrâneo, repetidamente, e a denominação de “crise” instalou o medo nas populações. Além da frequente mensagem, implícita ou explícita, que associa os imigrantes ao terrorismo.

A situação é grave, e realmente deve ser discutida. Mas a espetacularização midiática fomentou um pânico na população facilitando a adesão e ascensão de grupos fascistas, sem um entendimento fundamentado do seu significado. Muitos não sabem o que apoiam tomados pelo pânico infundado, como demonstra a reportagem do *The Guardian* “10 truths about Europe’s migrant crisis”.

¹² O mundo Islã não é referente a um país específico, mas a várias partes do oriente médio e África, onde predomina a religião islâmica. Assim como outrora no ocidente, quando a política era diretamente relacionada a religião, principalmente a Católica, os países de maioria islâmica também possuem essa simbiose entre política e religião. Claro que os dois eventos possuem especificidades distintas que não iremos nos aprofundar nesta pesquisa. A escolha do termo se dá pela associação deste ao chamado “terrorismo”.

O autor, em uma tentativa de dimensionar a “crise”, demonstra quão pequena era a porcentagem dos imigrantes em relação à população europeia. Ainda aponta a situação dos países que estavam a ponto de um colapso e que estes não estavam na Europa. O caso que a reportagem traz como exemplo é o Líbano que recebeu, até a data da reportagem, 1,2 milhões de refugiados sírios (KINGSLEY, 2015).

A caracterização da migração enquanto um problema tira o foco do que realmente importa. Em imediato os reais problemas são a guerra civil da Síria, a situação política e econômica da Eritreia, a discrepância socioeconômica de territórios tão próximos, as intervenções políticas, econômicas e militares internacionais naquela região. Podendo afirmar que no aspecto geral o problema é a própria estrutura do sistema capitalista, que necessita de ter países exploradores e os que serão explorados.

3 A ALTERIDADE DO SER (E)IMIGRANTE DIANTE DA SELETIVIDADE DA FRONTEIRA

De acordo com Sayad, “uma das características fundamentais do fenômeno da imigração é que fora algumas situações excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade” (1998, p. 45). O que o autor quer discutir é a contradição do imigrante que oscila entre o estado provisório de sua condição legal e a situação douradora que a mobilidade do trabalho pode acarretar. A partir de Sayad entende-se o sujeito migrante e sua condição provisória da imigração. Além de apontar a questão fundamental que o Estado almeja diante do fenômeno:

O significado que se deseja reservar à imigração: imigração e imigrantes só tem sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os “custos” e os “lucros” apresentar um saldo positivo-idealmente, a imigração deveria comportar apenas “vantagens” e, no limite, nenhum “custo” (SAYAD, 1998, p. 50).

As notícias sobre os diversos fluxos da mobilidade contemporânea, são focadas na primordialidade do sujeito migrante de se deslocar, ou ainda sobre questões pertinentes as dificuldades de um ou outro Estado de recebê-los, contê-los ou controlá-los. Contudo, pouco se fala sobre a necessidade dos Territórios que os recebem em tê-los, posto que estes trabalhadores são imprescindíveis para o funcionamento do sistema econômico. Em muitas ocasiões coloca-se o Estado que “acolhe” o imigrante¹³ como um “benfeitor”, omite-se, entretanto, as vantagens deste fenômeno para o mesmo.

A partir das observações dos grupos nas redes sociais online e das entrevistas sobrepôs-se uma questão: a naturalização das condições da mobilidade do trabalho e da máxima acima abordada pelos próprios sujeitos. A maioria dos imigrantes naturaliza sua condição de outro. Aceitam que as ações do Estado são legítimas ao que concerne ao trato para com os imigrantes e, em alguns casos, demonstram apoio (ao Estado) e justificativas contra os compatriotas (ou outros

¹³ Principalmente no caso dos categorizados juridicamente como refugiados. Apesar de não ser assunto direto desta pesquisa. Os refugiados são mão de obra barata, muitas vezes qualificada. O Estado que os recebe não o faz gratuitamente. Esta categoria da imigração não apenas se configura em um problema como muitas vezes tentam classifica-la.

imigrantes) deportados e/ou que sofreram algum tipo de violência durante a abordagem do controle de imigração.

Ao serem questionados sobre as atitudes do controle de imigração e se esse controle é necessário (Pergunta 11, Apêndice A) as respostas foram muito parecidas:

– Concordo, e acredito que devam ser muito mais rígidas. (Colaboradora n. 2)¹⁴

– Eu acredito que sim pois senão qualquer pessoa poderia entrar. A maioria das pessoas que tiveram o visto negado tem um motivo, como por exemplo, um conhecido que veio para ficar 15 dias mas não tinha onde ficar (hotel pago ou uma carta de visita). (Colaboradora n. 8)

– Sim. Infelizmente alguns que tem levar vantagem, acho q todos os países deveriam ter esse controle. (Colaboradora n. 19)

– Sim, é para a segurança de todos. (Colaboradora n. 75)

As respostas acima possuem diversas derivações no mesmo sentido. De acordo com as duas primeiras respostas supracitadas, deveria ser mais rígido, selecionar as pessoas e a culpa da deportação é do próprio imigrante. A terceira já demonstra o sentimento de privilégio que vários imigrantes expressaram. O quarto coloca que o controle é para segurança de todos, inclusive a sua própria. Essas quatro respostas resumem a maioria. Porém, algumas pessoas ressaltaram que as regras deveriam ser mais claras, assim como a padronização das atitudes dos agentes. Muitos relatam casos de racismo ou xenofobia neste momento.

Felizmente, esses casos também são acompanhados por outros (menos de 10% dos entrevistados), em que o poder da seletividade da fronteira e o papel da mobilidade do trabalho são questionados. Como os exemplos abaixo:

– Não acredito, acho que é um direito humano você ter a possibilidade de ir para qualquer lugar. Infelizmente países hipócritas que devastam países

¹⁴ O nome no questionário foi facultativo, por esta razão, enumerei as respostas de acordo com o recebimento para ter alguma forma de identificá-los. Apesar de me sentir incomodada ao enumerar pessoas. Portanto, ressalva-se que o número é apenas uma forma prática de lidar com as entrevistas, pois não possuo nem as iniciais dos nomes. Contudo, os imigrantes que responderam as entrevistas são vistos aqui em suas histórias e opiniões, não na forma quantitativa. Todas as contribuições e histórias de vida comigo compartilhadas foram de grande relevância para esta pesquisa.

menos desenvolvidos atrás de riquezas ou mão de obra barata, não enxergam isso da mesma maneira. Acredito em trabalho de base e mais incentivos para países menos desenvolvidos. A grandes maiores não quer sair de seu lugar, e ficar longe de pessoas que amam, assim fazem por necessidade. (Colaborador n. 22)

– Sou partidária do movimento de abertura de fronteiras, não concordo com políticas de imigração rígidas. Trabalho com imigração e vejo atrocidades sendo cometidas diariamente. (Colaboradora n. 76)

– Acredito que qualquer barreira política é de uma estupidez sem tamanho. Imagine uma pessoa que nasce na borda de uma fronteira e nunca pode atravessá-la porque alguém um dia decidiu isso. É uma linha imaginária que favorece sempre o mais forte. Acredito que num futuro (infelizmente distante), as civilizações entenderão as fronteiras como um costume bizarro do passado. (Colaborador n. 40)

Diante dessa primeira abordagem, surgiram então as questões sobre a alteridade do sujeito migrante ao transitar pela seletividade da fronteira, e ao encontrar e se relacionar com o outro. Para quem e a que serve o controle da imigração? Este controle é inviolável ou estático? Será que todos os imigrantes de um mesmo país são iguais perante o Estado que os recebe? A xenofobia direcionada a um imigrante é a mesma com todos os outros? Pode essas diferenças no trato com a mobilidade do trabalho estar relacionadas também com a divisão do trabalho? O fio de Ariadne que escolhemos para nos conduzir por este labirinto de questões é a noção de território, fronteira e alteridade. É neste sentido que buscaremos discutir o fenômeno diante da alteridade do sujeito que ultrapassa a fronteira, essa contida a violência seletiva¹⁵ e a seletividade da mobilidade. Entende-se, portanto, a migração como um movimento em “dupla dimensão de fato coletivo e de itinerário individual” (SAYAD, 1998, p.1).

3.1 TERRITÓRIO, FRONTEIRA E SELETIVIDADE.

Antes de qualquer coisa, é preciso reforçar o óbvio. A imigração é um deslocamento de pessoas no espaço. Este espaço é ao mesmo tempo, o espaço físico e o espaço qualificado, social, político, econômico etc. No entanto, para

¹⁵ Violência seletiva no sentido de já apontarmos que a violência no controle da fronteira não é exercida com todos os que por ela atravessam.

podermos denominar um sujeito como “i(e)migrante”, é necessário que este transponha territórios neste espaço percorrido.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 50).

Deste modo, a existência do imigrante só é possível a partir do momento que este sai de um território e adentra em outro que não o seu de nascimento ou direito (direito de cidadania, por exemplo)¹⁶. Portanto, no mesmo momento que se torna um imigrante, também se descobre um emigrante para o Estado de onde provém. Sayad (1998) pontua a complementaridade dos termos como as duas faces do mesmo fenômeno.

O território, tanto o que se deixou quanto o que se pleiteia adentrar, são espaços demarcados cada um por uma administração político-jurídica, o território de um Estado. Apesar da “naturalização” deste espaço do Estado, o território é construído pela materialização das relações de poder exercidas dentro, fora e junto dele. Raffestin, ao analisar o conceito de território de Ratzel já chamava atenção para este tema: “o quadro conceitual de Ratzel é muito amplo e tão naturalista quanto sociológico, mas seria errôneo condená-lo por ter "naturalizado" a geografia política, algo que às vezes ocorreu...” (RAFFESTIN, 1993, p. 2). Portanto, a despeito de sua “aparência” estável (naturalizada) e inviolável, os territórios estão em constante construção e transformação, tanto ao que concernem suas relações internas ou com outros territórios. Sendo assim, também são instáveis as relações de poder que selecionam e controlam a mobilidade do trabalho. “O território [...] é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si”. (RAFFESTIN, 1993, p. 50).

¹⁶ O direito a cidadania, ser cidadão de direito, em outro território que não o de nascimento é possível. Existem variadas formas de ser conquistado e essas formas variam de acordo com a legislação do Estado em questão. Exemplo comum para os brasileiros são os descendentes de Portugueses ou Italianos. Estes podem pleitear o direito de ser cidadãos nos países de seus antecedentes. Contudo, o direito a cidadania, apesar de modificar a situação de vulnerabilidade do imigrante no âmbito jurídico, não muda necessariamente a condição social deste perante a outra sociedade, a alteridade ainda assim se faz presente.

Por conseguinte, para além do carácter material e de poder do território, a identidade e a cultura (que também não são imutáveis) são dimensões fundamentais para a sua compreensão e estão totalmente relacionados à alteridade referente ao imigrante. A relação entre identidade e território é tão forte quanto a de poder e território. As mesmas relações de poder que constituem o território são as que constituem a identidade nacional. Apesar de em um contexto de estudo de microterritórios, a afirmação de que a “identidade implica numa territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária” (COSTA, D. A. S.; COSTA, B. P., 2006), é também verdadeira para o território do Estado¹⁷. Logo, a identidade de um território implica em ver o outro na figura do novo, do estrangeiro, do imigrante.

Um estrangeiro, segundo definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se “estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, “imigrante” é antes de tudo uma condição social (SAYAD, 1998, p. 243).

Nesta passagem de Sayad assenta a problemática da alteridade do imigrante. O autor segue lembrando que entender as definições sociais do imigrante é apreender a relação de dominação construída historicamente entre territórios com situações socioeconômicas diferentes. Territórios desigualmente desenvolvidos, o desenvolvimento desigual e combinado, conjuntura essa espelhada no fenômeno da mobilidade entre diferentes territórios de Estado.

O perímetro dos territórios dos Estados é demarcado pela fronteira. Essas podem ser linhas ou faixas de fronteira, imaginárias ou com concretude física (muros, cercas etc.), ou ainda aproveitando os contornos naturais. A fronteira é um limite e uma soma, uma separação e um encontro. Ou ainda como o local em que é capaz de abarcar toda a contraditoriedade do encontro/desencontro de mundos diferentes (MARTINS, 1997). É pela fronteira que as duas dimensões da migração

¹⁷ Quando não há o reconhecimento identitário no território, o poder de controlá-lo tem que ser mantido a força ou pelo medo, o reconhecimento de pertencimento (o sentimento de nação) é o poder pelo qual mais facilmente se controla a população e se mantém o território do Estado. Como por exemplo, a história da própria ilha da Irlanda, como veremos adiante foi separada em dois territórios por disputas de poder históricas que alegavam a identidade de um povo diferente dos ingleses que os dominavam por muito tempo.

internacional “nascem” e começam a se relacionar. É também por ela, como já mencionado, que a alteridade do sujeito que se desloca toma forma. As fronteiras que aqui nos referimos são fronteiras social e historicamente produzidas no espaço, diluídas e modificadas pelas relações de poder do território.

Por algumas vezes é literalmente no espaço da fronteira que “nasce” o outro, o estrangeiro, o imigrante. Diversos exemplos são possíveis. O de maior repercussão acadêmica, social e midiática no Brasil é a faixa fronteira entre México e Estados Unidos. Essa fronteira se caracteriza por um espaço de conflito e violência, por um lado, esperança e sobrevivência por outro, “[...] as fronteiras, ao demarcarem o contato de diferentes, são um *lócus* privilegiado da manifestação das interações relacionais e conflitivas que as constituem [...]” (COLOGNESE, 2011, p. 142). Geralmente os i(e)migrantes que por ali fazem seu percurso, quando sucedido, tem sua condição no território dos EUA como ilegal¹⁸.

Na República da Irlanda este tipo de conflito não é característico. Por se tratar de uma ilha, boa parte de sua fronteira é formada pelo contorno natural do território, possuindo apenas uma fronteira seca ao norte. Apesar de não ser comum, no caso irlandês, há notícias de casos de imigrantes que chegam por barcos (*ferries*), contudo sem nenhuma estatística e sendo reportada apenas em casos excepcionais. A imigração não documentada é difícil de ser contabilizada, mas é de conhecimento a sua existência. Por exemplo, na Inglaterra, em maio de 2016, o jornal “*Telegraph*” publicou que mais de 7.000 imigrantes entraram no país escondidos em *ferries*. Ainda sobre imigrantes ilegais atravessando fronteiras, o Jornal “*The guardian*” publicou em novembro de 2015 a reportagem de que trabalhadores imigrantes traficados estariam sob uma “moderna” forma de escravidão (que nada mais é que escravidão) na indústria pesqueira na Irlanda. Na notícia, é dito como esses trabalhadores são usados como mão de obra barata e a forma como foram enganados quanto ao estatuto de sua estadia (não documentada). Alguns destes trabalhadores escravizados afirmam no depoimento que os traficantes utilizaram a única fronteira seca, pela jurisdição da Irlanda do Norte, e aproveitam a falta de fiscalização entre os dois países. O “*Irish Times*” reportou o episódio como uma desgraça nacional. Esse mesmo jornal, em 1997, já

¹⁸ Como explicado, utilizamos o termo ilegal, ao invés de não documentado, por ser o de mais uso no senso comum, o termo utilizado pelos próprios sujeitos.

alertava para a falta de controle da fronteira seca, quando noticiou que imigrantes ilegais pagavam até 80 libras para atravessar a fronteira de taxi.

Esses imigrantes que “nascem”¹⁹ na fronteira, geralmente correspondem aos imigrantes que são “indesejáveis”, os que ficarão (mesmo como condição temporária e caso consigam adentrar o outro território) de forma ilegal perante o Estado “hospedeiro”. Para estes, a vida no novo território é ainda mais hostil. O espaço que lhe é permitido percorrer é o do trabalho não qualificado, não regulamentado, muitas vezes em situações extremas de exploração ou até escravidão. Por outras vezes o espaço da fronteira se torna peculiar pela mistura das identidades, com características próprias. O caso da tríplice fronteira Brasil - Paraguai – Argentina. Desta vez, não marcados pela ilegalidade dos sujeitos, mas pela ilegalidade de suas atividades como aponta Priotto nessa passagem:

Para que se possa compreender melhor, destaca-se que, na região tri nacional, existe uma diversidade cultural ampla e presente como o idioma e seus dialetos, a vestimenta, as tradições e a forma como as sociedades se organizam. “[...] etnias e culturas que cotidianamente participam do cenário de vulnerabilidade para os que aqui vivem ou transitam entre esses três países; a região é rota do tráfico de drogas, armas e seres humanos” (PRIOTTO, 2013, p.24-25).

Porém a fronteira não apenas influencia em seu espaço físico, concreto, localizacional. Como é pela fronteira que “nascem” os i(e)migrantes e delimitam o território, é a existência e a referência dos limites que respalda ações do Estado em áreas jurídicas, condições sociais e econômicas posteriores. Seja nos EUA ou na Irlanda²⁰, são pelos aeroportos que chegam os sujeitos que acreditam na possibilidade de ter seu pedido de visto aprovado. Essa condição só é possível perante a uma quantidade de requisitos pré-delimitados para cada tipo de visto.

¹⁹ Como anteriormente explicado, literalmente fazem a travessia por terra ou mar, para em propósito evitar o contato com a fiscalização de imigração do território que está a adentrar.

²⁰ Não é todo fluxo de mobilidade entre territórios que tem o caminho principal pelo aeroporto. Em muitos países da Europa continental, por exemplo, é comum imigrantes chegarem de trem ou carro. Não por uma questão documental, mas por questões práticas, como bagagem, conforto e valor.

3.2 BRASILEIROS NO PRIMEIRO CONTROLE DA IMIGRAÇÃO IRLANDESA – A PASSAGEM PELA FRONTEIRA: SERÃO REGRAS OU SORTE?

Na Irlanda primeiramente, apesar do acordo entre o Brasil e a União Europeia, de que qualquer brasileiro pode ir para um dos países com o desejo de ficar até 3 meses, estes passam pela primeira “prova” no aeroporto. Neste momento ocorre a primeira seletividade dos que almejam entrar no país, tanto para fins turísticos, intercâmbios ou mobilidade do trabalho. Há relatos tanto públicos (nas redes sociais online) quanto nas entrevistas, de indícios de violência psicológica e de abusos de poder no momento da passagem pelo controle do aeroporto em Dublin. Silva (2011) também reserva uma seção de sua pesquisa para compartilhar a própria experiência ao passar pelo controle do aeroporto, e as observações das reações dos agentes e dos sujeitos neste momento. A autora classificou esta etapa da imigração como “a loteria”. No relato da primeira visita, a autora descreve:

Fiquei no guichê por cerca de uma hora, vendo todas as pessoas do meu vôo passando, até perceber que eu era a última e a única que permanecia na imigração. Após toda a checagem, e sem alterar o semblante severo, ela disse que minha permanência no país estava autorizada, até a data indicada na passagem de volta: “nem um dia a mais”, olhando nos meus olhos. (SILVA, 2011, p. 72).

Nas entrevistas aplicadas, há também relatos como os de Silva. Alguns imigrantes relatam casos de violência à privacidade. Como serem coagidos a desbloquear o celular e dar acesso irrestrito a conteúdos privados de e-mail, mídias sociais e contas bancárias. Além de alguns narrarem a pressão psicológica que sofreram ao serem interrogados como criminosos por esses agentes. Percebe-se pelos relatos que há uma relativização das leis que regem o controle da imigração. Alguns inclusive utilizam expressões como “*se o cara estiver de bom humor, ele te passa*”, “*se for a loira, prepare-se*”, “*o careca é o mais tranquilo*” etc. Uma imigrante descreve que foram invasivos e *rudes*²¹ :

Meu celular foi vasculhado de lado a lado, até e-mails mais antigos foram analisados pelo agente. Viram que me inscrevi em sites de empregos, já que minha intenção era morar e trabalhar aqui, só aguardando meu

²¹ Rudes é uma palavra em inglês que significa grosseiro, sem educação.

passaporte, mas mesmo sem nenhuma prova de trabalho, fui convidada a sair do país em 10 dias. Sendo assim, fui a Portugal buscar meu passaporte que já estava praticamente pronto. Como brasileira fui proibida de entrar na Irlanda por dois anos, mesmo sem provas de que trabalhei, até porque foram apenas inscrições nos sites de empregos pra ver o mercado. A agente foi bastante invasiva em relação a minha vida pessoal. Estava desempregada e minha mãe quem me ajudava com as contas. Para a agente foi o cúmulo do absurdo eu ter uma mãe pagando minhas contas aos 32 anos. Dizia "that's impossible... what your mother wants paying your bills?" Me chamou de mentirosa umas duas vezes e mostrei provas em documentos que eu não estava mentindo. Eles são rudes!!! (Colaboradora, n. 35)

Em meio a vários casos de falta de documentação, visto vencido, passagem de volta fora do prazo etc., um caso recentemente tomou repercussões grandiosas, apesar de não ter sido o primeiro. Uma jovem brasileira que trabalhou e estudou na Irlanda, ao retornar ao país para visitar a família para quem prestou serviço de babá, foi barrada na imigração e mandada para um presídio. O caso virou notícia no site do G1, em setembro deste ano. Apesar de afirmar ter apresentado todos os documentos e a passagem de retorno ao Brasil, a oficial que a recebeu desconfiou (perceba a relatividade desta ação) que ela iria ficar ilegal no país e decidiu deportá-la, além de confiscar todos os bens e dar voz de prisão. A vítima em entrevista ao site relatou:

Quando eu cheguei lá, eu não sabia que era uma prisão. Eu achei que, como eu seria deportada, eu estava indo para um hotel. Quando entrei, eu vi que tinham policiais que me mandaram ficar nua para a revista. Tiraram foto minha na parede igual criminosa e depois me deram um saco com um pijama. Aí eu vi que estava sendo presa e me desesperei. (CARVALHO, 2017).

Contudo, como uma grande parte das entrevistas demonstra, há os casos onde tudo ocorre de forma tranquila e ideal. Vários entre os entrevistados possuem dupla cidadania, conquistada antes ou depois da imigração. Sendo assim, corroboramos com a denominação de Silva (2011), o controle do aeroporto é realmente uma loteria. A falta de regras fixas para a abordagem no aeroporto foi tema recorrente nas respostas ao questionário. Apesar da maioria, cerca de 90%, dos colaboradores concordarem com a rigidez do controle da imigração, muitos ressaltam que a falta de unicidade de critérios nas abordagens dos agentes são um problema.

O poder expressado no território ao controlar os fluxos de pessoas por suas fronteiras é regido por jurisdições, leis que variam de acordo com cada território (como cada relação de poder), e se modificam no decorrer da história desse espaço. Contudo, o controle dos aeroportos é apenas a primeira fase. Uma vez dentro do território irlandês, cada imigrante não-europeu que desejar permanecer por mais de três meses deverá se apresentar no escritório da imigração e pleitear um dos vários tipos de visto disponíveis, caso almejem ser documentados.

3.3 O SEGUNDO ENCONTRO COM A IMIGRAÇÃO – QUAL É O LIMITE DO PODER EXERCIDO NA FRONTEIRA QUANTO À INDIVIDUALIDADE DO IMIGRANTE?

Após passar pelos agentes de controle de imigração dos aeroportos, a “saga” ainda não terminou. No aeroporto o passaporte do imigrante é carimbado, mas a única permissão lá concedida é de entrar ou não no país, e quanto tempo dentre os três meses de turista pode ser usufruído. Para ter acesso aos documentos de permissão de residência (todos que aspiram exceder os três primeiros meses), é necessário dirigir-se ao escritório local de imigração (*Local Immigration Registration Office*)²².

Neste escritório são solicitados todos os documentos preestabelecidos necessários para a requisição da permissão de residência. Esses documentos variam de acordo com o tipo de visto que almeja receber. Os tipos de vistos que podem ser pleiteados na Irlanda para cidadãos não europeus são divididos em STAMPS.

Quadro 2 – Principais tipos de permissão para residentes não europeus (STAMPS)

<p>Employment Permit holders (Trabalhador com permissão) Há 9 tipos de permissão para trabalho. STAMP 1</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que se enquadre em uma das 9 categorias estipuladas do Act. 2014 para se candidatar. - A duração é enquanto o trabalho durar. - Essa STAMP é reconhecida para pedido de cidadania.
--	---

²² IRELAND, 2017, citizens information

<p align="center">Business Permit holders (Empresários com permissão) STAMP 1</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que pretenda se envolver ou desenvolver um negócio na Irlanda. - -A duração inicial é de 1 ano, porém permite renovação enquanto o negócio durar. - Essa STAMP é reconhecida para pedido de cidadania.
<p align="center">Investors and entrepreneurs (Investidores e empreendedores) Multi-visas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que pretenda investir e empreender em negócio na Irlanda com valores entre 500 mil e 1 milhão de Euros - Multi-visas, duração até 5 anos. - Essa STAMP é reconhecida para pedido de cidadania.
<p align="center">Third level Graduate Scheme (Estudantes de graduação de terceiro grau) STAMP 1 G</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que pretenda tenha se formado em um ensino nível 8 (graduação) em uma Universidade irlandesa que possua registro (STAMP) pode se candidatar. - A duração é de 12 a 24 meses, para poder procurar emprego e se encaixar em Critical Skills Employment Permit ou General Employment Permit. - Essa STAMP não é reconhecida para pedido de cidadania
<p align="center">Students (Estudantes) STAMP 2</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que pretenda estudar na Irlanda em curso full-time de escolas reconhecidas na Interim list of Eligible Programmes (ILEP). - A duração é de 8 meses, ou o tempo que o curso durar. - Pode se engajar em “trabalhos casuais” até 20 horas semanais durante o curso. E até 40 horas semanais em período de férias (junho até setembro ou 15 de dezembro até 15 de janeiro). - Essa STAMP não é reconhecida para pedido de cidadania
<p align="center">Students (Estudantes) STAMP 2^a</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que pretenda estudar na Irlanda em curso de escolas não reconhecidas na Interim list of Eligible Programmes (ILEP). - A duração é de 8 meses, ou o tempo que o curso durar. - Não pode há permissão de trabalhar ou se engajar em qualquer negócio. - Essa STAMP não é reconhecida para pedido de cidadania
<p align="center">Spouse or Civil Partner of an Irish national (Esposa/Marido ou parceiro (a) com união estável de cidadão irlandês) STAMP 4</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que esteja engajado em reconhecido casamento ou união estável com um cidadão irlandês. - Uma vez registrado não é necessário permissão para trabalho ou negócios. - Essa STAMP é reconhecida para pedido de cidadania.
<p align="center">EU Treaty Rights (Tratados de direitos da UE) STAMP 4 EU FAM</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que seja membro familiar de um cidadão europeu ou suíço de acordo com os requerimentos do European Communities (Free Movement of persons) Regulations 2015. - Uma vez registrado não é necessário permissão para trabalho ou negócios. - Essa STAMP é reconhecida para pedido de cidadania.
<p align="center">De Facto Relationships (Relacionamentos estáveis com provas de pelo menos 2 anos de relação) STAMP 4</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu em um relacionamento estável com um cidadão irlandês, ou um cidadão europeu ou suíço, ou não europeu com STAMP 1, 4 ou 5. de acordo com os requerimentos do European Communities (Free Movement of persons) Regulations 2015. - Uma vez registrado não é necessário permissão para trabalho ou negócios.

<p>Visitants and oders Who are not allowed to work (Visitantes e outros que não estão permitidos a trabalhar) STAMP 3</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer cidadão não europeu que seja visitante, turista, parceiro de alguém que possua employment permit ou para receber tratamento médico. - Não pode trabalhar ou se engajar em negócios. - Essa STAMP não é reconhecida para pedido de cidadania.
---	---

Nota: Informações obtidas em IRELAND, Citizens Information, nov. 2017.

Fonte: A autora

Como pode ser exemplificado pela tabela acima, são diversas formas de conseguir os “papéis” para ter o status jurídico legal na Irlanda. Contudo, se enquadrar em um destes critérios pode não ser assim tão simples. Além dos vários STAMPS acima citados, o imigrante pode se encaixar em alguma situação especial, como o programa para empregar médicos.

Geralmente no escritório da imigração, o medo já é menor, e com a novidade dos agendamentos, os imigrantes relataram que está ocorrendo tudo de forma rápida e fácil. Entretanto, alguns processos são longos e burocráticos. Um exemplo pode ser dado a partir da minha experiência pessoal. Ao imigrar para a Irlanda, enquanto estudante de curso de Inglês em 2013, adentrei sem maiores problemas pela imigração do aeroporto. Acredito que meu fenótipo caucasiano e a documentação completa ajudaram nesse sentido. Como Martins afirma a fronteira é marcada pelo desencontro étnico, pelo encontro/desencontro das concepções do que é ser humano (MARTINS, 1997). Pessoalmente, estava tão nervosa, que não tive capacidade de perceber outras situações ao redor. No segundo encontro, após um dia inteiro na fila do escritório de imigração, também coletei o STAMP 2 sem maiores problemas.

Após seis meses no país, ao lado do meu atual esposo (cidadão polonês) eu estava grávida. Apesar de contar com o dinheiro para renovar meu visto, decidi não o fazer, por ter prioridades de gastos após minha filha nascer. Ao tomar essa decisão fui ao escritório de imigração para perguntar como deveria proceder, pois estávamos noivos e de casamento marcado. O primeiro agente que me atendeu, me disse: *“but you hold a student visa, you can not be pregnant”* (Mas você possui visto de estudante, você não pode estar grávida). Tinha me dirigido ali para informações de como proceder dentro das regras de estadia no território, pois meu esposo estava relutante em vir para o Brasil na época. A partir deste momento passei a refletir: qual será a extensão do poder exercido pelos agentes de controle da fronteira na vida de

quem é imigrante? É claro que foi uma situação isolada, e logo após minha discussão com o tal agente começar, uma agente feminina sentou para conversar e me passar as informações necessárias atenciosamente. Ela se desculpou em nome do escritório e foi muito gentil. Contudo, essa situação serve para pensar, qual o lugar naquela sociedade que o imigrante estudante possui. Infelizmente não há dados concretos em relação a esse poder para com a individualidade do imigrante. Entretanto, podemos entender esse episódio como um alerta a extensão do poder exercido no território que anteriormente discorremos.

De qualquer forma, prossegui com a corrida para ficar com a situação dentro das jurisdições do país, no intuito de me preparar para o nascimento da minha filha. Ao dar entrada nos documentos para *EU treaty rights*, fiquei quatro meses sem nenhum documento internacional original. Foi pedido para enviar por correios meu passaporte original, a carteira de identidade original de meu esposo, nossa certidão de casamento original (mesmo o casamento tendo acontecido na própria Irlanda) e outros documentos. Após quatro meses de espera, sem documento e sem visto, recebi meus documentos de volta com a notícia que deveria encaminhar mais alguns documentos e a audiência de decisão da permissão do visto iria acontecer após dois meses. Como pode ser percebido pelo relato, por mais que se atenda a todos os critérios, o processo pode ser demorado, inclusive há a chance de ser negado. Nesse tempo que estive sem visto e literalmente sem documentos, ou seja, não documentada no país, meu irmão e cunhada foram nos visitar e quase foram deportados. Ao chegarem ao aeroporto com a carta que eu e meu esposo lhes fornecemos, o agente de controle de imigração falou que iriam deportar os dois, pois estavam a visitar uma pessoa que no sistema que ele tinha acesso estava ilegal no país. O agente não tinha nenhuma notícia do meu processo de aquisição de visto que estava em trânsito. Então, ele entrou em contato com meu esposo por telefone (que estava no aeroporto) e comigo, e foi muito grosseiro no tom de voz e expressões. Não acreditava no que estávamos dizendo, queria ver a certidão de casamento (que estava com o departamento de imigração). A situação só se resolveu, quando ligaram para as testemunhas de nosso casamento, que eram cidadãos irlandeses. Nas entrevistas há outros relatos de espera, inclusive de uma imigrante que afirma ter sido convidada a se retirar enquanto esperavam o processo de cidadania.

De qualquer maneira, quando não se possui a dupla cidadania, mas de posse dos papéis necessários, o esperado STAMP provavelmente será concedido. Os únicos STAMPs mencionados nas entrevistas conferidas foram o STAMP através do *Critical Skills*, o por casamento ou união estável e o STAMP 2. Vários cooperadores também demonstram que passaram por diferentes vistos na Irlanda, o mais comum é a mudança do STAMP 2 para o STAMP 4 (por casamento ou por oferta de emprego característico do *employment permit*). Esse segundo encontro costuma ser mais tranquilo do que o primeiro de acordo com os relatos. Esse fato, a nosso ver, reforça a importância do conceito de fronteira para a imigração. O controle da fronteira, seja na concretude física ou nos controles de aeroportos, são os mais rígidos.

3.4 REFORMA DO ACESSO AO TRABALHO: LEIS DE IMIGRAÇÃO NA IRLANDA

Com a novidade da imigração, e este processo ocorrendo em um curto período, o governo irlandês resolveu reformular suas leis. Em primeira instância foram reformuladas três áreas das leis de imigração, segundo Ruhs e Quinn (2009). A primeira mudança foi realizada para diminuir o fluxo do asilo político, criando uma lista de países de origem segura e priorizando os números (vagas) estipulados de acordo com essa lista. A segunda, no período entre 2003 a 2005, reformulou-se as leis que definiam os cidadãos irlandeses. A principal mudança foi que as crianças nascidas em território irlandês não mais teriam automaticamente a nacionalidade irlandesa, caso os progenitores não fossem cidadãos irlandeses. E por último dificultou-se o visto de trabalho para áreas de menores exigências de qualificação Professional (*low-skilled workers*), como os que antigamente foram conseguidos por brasileiros e poloneses²³ (principalmente).

O último conjunto de mudanças regulamentadoras surgiu por efeito direto da entrada de 10 dos novos membros da União Europeia, pois a Irlanda permitiu que os trabalhadores provindos da maioria desses países pudessem trabalhar em seu território imediatamente. A palavra “maioria” se refere aos casos da Bulgária e Romênia que integraram a EU em janeiro de 2007 e Croácia que o fez em julho de

²³ Antes da adesão da polônia na União Européia, o que acontece em 2004.

2013. De acordo com o site do governo, *Citizens Information* (2016), na seção *freedom of movement in the EU*, afirma que houve restrições à entrada de trabalhadores provenientes dos dois primeiros países citados até o ano de 2014, e que ainda pode haver restrições ao último até 2020.

A necessidade de mão-de-obra de várias partes do mundo, que no passado recente, ajudou a proporcionar o crescimento econômico irlandês, passa a ser tratada como problema para o governo quanto ao controle populacional, especulação imobiliária, manutenção de perfeito excedente de mão-de-obra²⁴ e seu *social welfare*, criando debates acirrados no cenário político e legislativo do país. Na tentativa de controlar e direcionar a mobilidade dos trabalhadores para seu território, as leis na Irlanda continuam em constante mudança. Portanto, é importante ressaltar, novamente, que os processos nesta pesquisa discutidos e analisados estão em constante transformação no tempo presente.

Uma das mudanças de lei que mais afetaram os brasileiros na Irlanda foi a que se refere ao estudante trabalhador. Apesar de afetar a qualquer imigrante, as leis da imigração que começaram a ser repensadas em 2014 (foram efetivadas em 20 de janeiro de 2016), afetaram em especial o imigrante brasileiro. A mudança da obtenção do visto de Estudante/trabalhador juntamente com a maior fiscalização e rigor das escolas de ensino de inglês no país, modificaram as condições pelas quais a maioria dos brasileiros garantia a estadia temporária na Irlanda. O visto chamado de Stamp 2, anteriormente proporcionava aos cidadãos não europeus estudarem pelo período de um ano no país (normalmente em escolas de língua inglesa, mas também em outros cursos). Durante este período, o estudante poderia trabalhar meio período durante seis meses, e turnos completos durante outros seis meses. A cada ano poderia renovar o visto de estudante, por até sete vezes, ou seja, enquanto estudante poderia morar e trabalhar na Irlanda por até sete anos. Após a modificação, o estudante passa a ter direito a oito meses de visto, com maiores

²⁴ O excedente de mão-de-obra é um fenômeno estrutural do capitalismo. Como Harvey assinala “os excedentes de mão-de-obra assim criados formam um campo de ação para o capital superacumulado.” (2005, p.120). Apesar da dependência do excedente, para o capitalismo, se este excedente cresce mais do que o ideal, passa a ser um problema social. Entende-se que o ideal não seja um número específico e varia dependendo do território. Contudo, os países desenvolvidos pelo papel social desempenhado pelo Estado, pela necessidade de manter seus números estáveis procuram controlar com mais rigor este fenômeno. Altos índices de desemprego, baixo IDH, são fatores que podem repelir o capital internacional, não pelo característica ética ou moral, mas pelo indicativo de possível crise e instabilidade.

restrições ao acesso a trabalho e maior rigor quanto às exigências para obtenção e manutenção do visto.

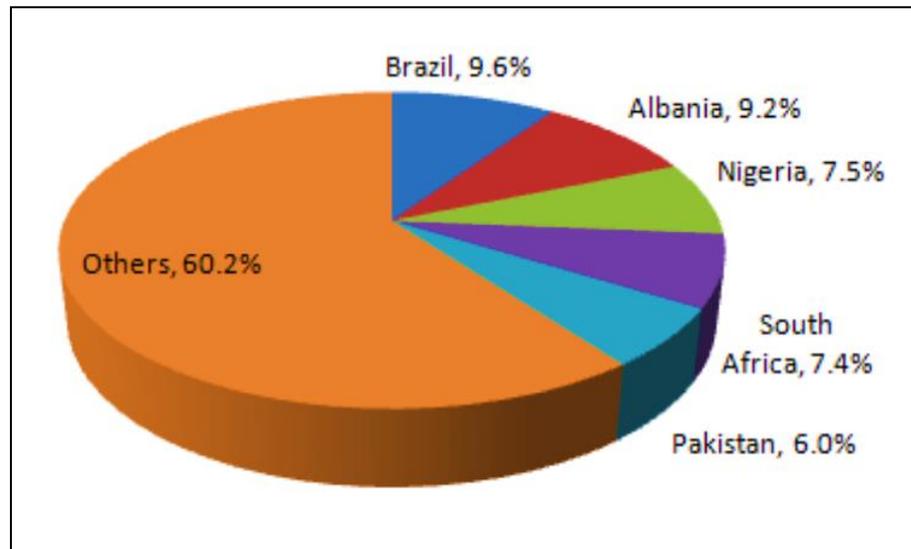
No site INIS (*Irish Naturalization and immigration service*) foi escrito quanto a modificação da obtenção deste visto, no que refere a revogação do mesmo:

Como o estudante não europeu é um consumidor esse tem direito a proteção como qualquer outro. O estudante é também uma pessoa que obteve a permissão de imigrar baseado que irá estar presente no curso escolhido de estudo. Se eles não estão atendendo as classes então o status de sua imigração esta sucessível de ser revogado. Eles também estão recebendo um serviço que é destinado para outros consumidores em sua classe. É da natureza de uma classe que estudantes são interdependentes e devem progredir juntos. O progresso dos que possuem presença regular não pode ser perturbado indevidamente para atender as necessidades de estudantes que não conseguem acompanhar seus colegas de classe por que faltaram as aulas. (IRISH NATURALIZATION AND IMMIGRANTION SERVICE, 2015, tradução nossa).²⁵

Claramente, além de reforçarem o caráter de consumo da imigração, o texto justifica o rigor imposto ao controle, exclusivamente, nas ações do próprio imigrante. É este exemplo de ideologia e naturalização do poder exercido no território para com o imigrante que trabalhamos neste artigo. A reprodução deste pensamento é gatilho propulsor dos depoimentos que originaram as questões aqui abordadas. Provavelmente em consequência desta ação, juntamente com o aumento dos emigrantes brasileiro com destino a Irlanda, em 2015, o Brasil foi o país de origem de imigrantes que mais foram deportados como é possível observar na Figura 4.

²⁵ Do original “A non-EEA student is a consumer and entitled to protection as such. The student is also a person who has obtained immigration permission on the basis that they are attending a course of study. If they are not attending their classes then their immigration status is liable to be revoked. They are also receiving a service that is delivered to a classroom of other consumers. It is the nature of a classroom that students are interdependent and should progress together. The progress of those attending regularly cannot be unduly disrupted to cater for bringing a student who has been missing classes up to speed with his or her classmates.”

Figura 4 – Gráfico do percentual de brasileiros deportados na Irlanda em 2015



Fonte: IRELAND, 2015, p. 9

Cabe aqui a pergunta: porque, então, o governo irlandês não exclui ou reduz drasticamente a lei para estudar no país? Uma Entrevistada ao ser perguntado sobre as mudanças da lei que atinge o imigrante estudante abordou a temática da seguinte forma:

Posso estar completamente errada, mas a Irlanda abriu as portas aos imigrantes (estudantes) quando precisava de dinheiro, a economia não ia muito bem e viram a oportunidade de fazer dinheiro dessa forma, fazer a economia do país girar. Ao meu ver, depois de se estabelecerem, resolveram fechar as portas para os mesmos. (Colaboradora n. 34)

Não podemos afirmar que o lucro ao qual o país recebe com os imigrantes STAMP2 seja o único motivo para a manutenção destes e para as modificações nas leis, mas com certeza, é um relevante assunto. Os estudantes oriundos de países que necessitam do visto para entrar na Irlanda, precisam comprovar o acesso a 7 mil euros para requisitar o visto. Os que são provenientes de países não requisitante de visto (exemplo brasileiro) necessitam comprovar possuir 3 mil²⁶ euros a disposição (IRELAND, citizen information, 2017). Além desse fator, cada requisitante paga uma taxa de 300 euros ao governo para a aquisição do GNIB (atualmente chamado de IRP, *Irish Resident Permit*, segundo o INIS, Dez.

²⁶ Valor aproximado de R\$12.300. Cotação feita no dia 14 de Janeiro de 2018, com o euro para comprar em R\$ 4, 10.

2017), que é um documento de identidade de imigrante. É também importante lembrar que todos os imigrantes irão pagar uma escola ou faculdade. Os valores variam bastante, mas uma escola mais barata sai a cerca de 9 mil reais para o imigrante (por 8 meses de estudo em curso de Inglês). Juntamente com tudo isso, o Estado irlandês contará com a circularidade do capital deste imigrante sem com ele ter gastos sociais. Por exemplo, todo imigrante precisa de pelo menos um lugar para dormir, irá fazer compras em supermercados e lojas, e está destinado a suprir apenas aqueles empregos que os nacionais não desejam.

Contudo cabe a pergunta: porque a Irlanda não proíbe o trabalho, como vários países de língua inglesa já fizeram, como por exemplo a Inglaterra? Foi verificado, tanto nas entrevistas aplicadas nesta dissertação, quanto nas aplicadas no trabalho de Soares (2014) que a maioria dos estudantes na Irlanda não tinham a ilha como destino preferencial. A maioria gostaria de estudar nos EUA, Canadá ou UK. Contudo, estes países citados não permitem trabalho com o visto de estudante de Inglês. Portanto, a possibilidade de trabalhar, mesmo que não seja garantida a colocação no mercado de trabalho, é o maior atrativo do país perante seus pares (Figura 5).

Figura 5 – Propaganda de agência para Intercâmbio em Dublin



Nota: Figura colhida em site de internet, dez. 2017

Fonte: A autora. Arquivo pessoal

3.5 A SELETIVIDADE DA MOBILIDADE DO TRABALHO: HIGH SKILLS VERSUS LOW SKILLS.

Com as reformas de vistos supracitadas, o que o Estado da Irlanda quer garantir é que os trabalhadores não europeus enquadrados na categoria de trabalho conhecida como *Low skilled* (baixa qualificação) sejam o menor possível e temporário. Isto acontece não porque imigrantes não são mais necessários. Ao contrário, uma grande parte dos cargos na área de prestadores de serviço, na cidade de Dublin, é ocupada por imigrantes. Porém, seguramente podemos afirmar que estas áreas de trabalho já estão ocupadas com a grande quantidade de trabalhadores provindos do leste europeu. Na revisão anual de 2015 do Departamento de justiça e igualdade do INIS é assinalado a participação destes imigrantes nas áreas de construção, limpeza, hotelaria etc.

Contudo, é incentivado e facilitado o visto para não europeus que se encaixam na definição de *high skills* (alta qualificação). Este visto caracteriza, nos dias atuais, como o maior investimento do Estado Irlandês para com os imigrantes. A expectativa deste incentivo é manter a melhor mão de obra qualificada para interesse das empresas multinacionais que no país se instalaram. Existe uma lista²⁷ de profissões que se adaptam a esta “porosidade” no controle da fronteira. Caso a empresa tenha interesse no trabalho de qualquer pessoa do mundo²⁸, o sujeito pode se aplicar a uma autorização para entrevista. Se sucedido, entra-se com o pedido de visto (empresa e trabalhador). Este status concede o direito de permanecer no país e trabalhar por tempos variados de acordo com 9 categorias. Além disso, o tempo de permanência com este tipo de visto é contabilizado para o pedido de cidadania. O visto de estudante não contabiliza para este processo.

O processo de cidadania por naturalização é um pedido que o imigrante pode fazer após determinado tempo morando na ilha. Essa contabilização de tempo é diferente para Europeus e para não europeus. Ao adquirir a cidadania, o imigrante tem status jurídico e político modificado, perante a lei e o Estado este se torna

²⁷ A lista de profissões esta disponível em: <<http://www.djei.ie/en/What-We-Do/Jobs-Workplace-and-Skills/Employment-Permits/Employment-Permit-Eligibility/Highly-Skilled-Eligible-Occupations-List/>>

²⁸ Não importa neste momento a origem do imigrante, basta que este seja necessário por qualquer empresa que esteja atuando no país. Poratanto, as razões de controle de fronteira baseada nas questões “terroristas” são bastante contraditórias. Pois, se o imigrante possui o perfil almejado pela empresa não importa a origem.

cidadão. Contudo, sua situação social não é modificada necessariamente, esse sujeito continua sendo o outro. Em um grupo de rede social um irlandês escreveu direcionado a uma brasileira que teve um filho no país:

Você e sua criança nunca serão vistos como irlandeses. Tudo que serão vistos é como outro brasileiro que conseguiu escapar do departamento de imigração por ter um filho na Irlanda. Um limão que cresceu em uma árvore de laranja continua não sendo uma laranja. Um homem que nasceu em um estábulo não é um cavalo por isso. (texto postado em grupo social da rede facebook, tradução nossa).²⁹

Certamente essa frase não corresponde ao pensamento de todos, nem sequer da maioria, dos irlandeses. Todavia, é uma demonstração da xenofobia que o imigrante ou mesmo o sujeito que conquistou a cidadania pode sofrer apenas por ser o outro. A situação social é mantida pela identidade cultural, fenótipo e religião de um determinado território.

²⁹ Do original: “*you and your kid will never be seen as an irish. All you will be seen as is another Brazilian Who manage to scam the immigration department by having a kid in Ireland. A lemon that was growing in an orange tree doesn’t make it an orange. A man born in a stable doesn’t make him a horse.*”

4 DAS ABORDAGENS DA MIGRAÇÃO À MOBILIDADE DO TRABALHO

O deslocamento populacional é um fenômeno inerente à história das civilizações. Como tal, desde a pré-história, em diferentes escalas e proporções, este movimento contribuiu para a construção de diferentes paisagens, territórios, culturas, diversidade étnica e linguística etc. Convencionou-se usar o termo *migração* para todas as formas de deslocamento, inclusive para a de outros seres vivos, e algumas mobilidades sociais da modernidade, o que Gaudemar (1977) chama de *mobilidade vertical*³⁰. Daí a magnitude do termo e, assim sendo, a importância das construções teóricas para compreender o fenômeno.

Por passar diferentes áreas do conhecimento, o termo migração é abordado desde estudiosos sobre a evolução das espécies, dentro do campo das ciências naturais, aos economistas, sociólogos, geógrafos entre outros dentro das ciências sociais. Também estão inclusas na discussão as ciências exatas, com o suporte estatístico. É ao mesmo tempo uma temática corrente no senso comum, frequentemente abordada em representações artísticas e cada vez mais anunciada na mídia.

A migração é, portanto, um fenômeno cuja compreensão de sua totalidade transcende as *gavetas* do conhecimento especializado em áreas, considerada pelo sociólogo Sayad (1998) um fenômeno social completo. Este processo se transforma no espaço e no tempo e, por sua vez, também é agente transformador. Está sempre presente na história com diferentes intensidades, motivações, abrangências e seletividades.

Por ter caráter multidisciplinar, os deslocamentos humanos estudados, enquanto temática associada a um campo científico específico insinua uma negligência de fatores importantes do processo em sua totalidade, de acordo com o olhar fixo de um sujeito e/ou objeto de cada campo, muitas vezes relacionados a uma fragmentação do tempo e do espaço. Esta negligência frequentemente induz a percepção de ruptura do processo, o que confere às migrações a ideia de fenômenos localmente distribuídos e diferenciados entre si.

³⁰ A mobilidade vertical a que Gaudemar (1977) se refere não é necessariamente uma mobilidade social e a mobilidade espacial não é excludente. O autor confere a esta forma de mobilidade aos movimentos dentro da profissão, ou de profissão para profissão, o que aludiria segundo o mesmo ao que também é chamado de *migração profissional*.

São incontáveis os estudos sobre, ou que perpassam, a migração como conceito. Há, todavia, vários obstáculos ainda não ultrapassados no que diz respeito à sua teoria. A maioria dos estudos que aborda a temática são análises de casos empíricos particulares, o que reforça as especificidades de cada fluxo em detrimento a uma noção macro do fenômeno. É em relação a essas limitações que esta seção se esforçará a debruçar, para que se possa compreender o esteio da pesquisa.

4.1 PRIMEIRAS PONDERAÇÕES

Antes de iniciar as análises das teorias, até então formuladas, dos movimentos migratórios no capitalismo, e da tentativa de apresentar um conceito, faz-se necessário algumas pontuações dentro das discussões sobre a temática. Estas ponderações tornam-se pertinentes na tentativa de se evitar generalizações errôneas e para situar historicamente as teorias analisadas doravante.

Quatro dimensões básicas de discordância entre os estudiosos das teorias da migração foram apontadas por D. Massey (1990). A primeira discordância é relativa ao entendimento se a temática deve ser estudada de forma sincrônica ou diacrônica (ou seja, em uma perspectiva histórica). A segunda é em relação a compreensão do fenômeno a partir de uma análise estrutural ou no âmbito das decisões individuais. A terceira dimensão aborda o nível de análise (macro ou microestrutural – no âmbito individual). A última discordância é em relação à ênfase nas causas da migração ou nos efeitos desta. Baseado nestas discordâncias gerais das teorias faz-se inevitável um esforço de posicionamento perante as mesmas.

Para iniciar a reflexão sobre este tema tão amplamente discutido na atualidade primeiramente deve-se fazer algumas perguntas elementares: Existiria um começo da migração? Seria esse fenômeno intrínseco a existência humana? Estes deslocamentos ocorreriam da mesma forma em situações socioeconômicas e históricas diferenciadas?

Em uma análise do relatório da Divisão de População da ONU sobre políticas migratórias internacionais (1998)³¹, Carlos Vainer (2007) destaca os anacronismos presentes no mesmo, competente aos dois começos apontados no

³¹ United Nations/ Department of Economic and Social Affairs/ Population Division, 1998, p.87.

citado relatório. O autor começa a discutir o que o texto sugere, em um primeiro momento, como o início das imigrações. A sugestão desse início diz respeito ao nomadismo dos primeiros caçadores e coletores os considerando os iniciadores das migrações internacionais. Além de a palavra *internacional* não poder ser associada àquele momento (por motivos óbvios de ausência de Estados), a migração nessa fase da história se assemelhava, em muito, com as migrações realizadas por outros seres vivos. Então, a migração humana apenas se diferencia de outras migrações em uma realidade a qual os seres humanos conhecem o domínio das técnicas necessárias para se fixarem em um determinado espaço. Até esse momento da história humana, tudo que o termo migração poderia abarcar em seu conceito era o de se tratar de deslocamentos espaciais de seres vivos que necessitavam fazê-lo por não possuírem alternativas técnicas.

A sugestão do nomadismo como imigração, além dos anacronismos analisados pelo autor (VAINER, 2007), se for feita sem nenhuma ponderação, é a afirmação da naturalização da migração e, portanto, da isenção das desigualdades sociais e espaciais do mundo e da condição da força de trabalho enquanto mercadoria na caracterização deste fenômeno na modernidade. Sendo assim, a negação do caráter histórico e concreto do processo. O problema desta discordância não está apenas relacionado à perspectiva de análise, como uma escolha ingênua de preferência de cada autor, mas como uma posição ideológica de afirmar a naturalidade dos processos sociais atuais.

Migração é uma palavra que advém do Latim *migratio* que significa “mudar de habitação, passar de um lugar para o outro, ir-se embora, sair” (SANTOS, G. A., 2007, p. 89). Porém, a aparência tão simples na etimologia como a frase “passar de um lugar para o outro” na realidade é acrescido de complexidade no avançar civilizatório. O termo migração na contemporaneidade passa a abordar, outras discussões como a de dinâmicas internas populacionais, emigrar, imigrar, fronteiras, refugiados, asilados, direitos do cidadão, direito de ser cidadão, soberania nacional e outras. Estas diferenciações só podem ser analisadas em uma perspectiva histórica, que está em constante movimento, pois, como foi visto, a migração humana só se diferencia da realizada pelos outros seres vivos no momento em que confronta o oposto do imperativo mover, à técnica necessária para se fixar no espaço. Becker traz uma definição mais completa, quando afirma que:

Deslocamentos de populações em contextos variados e envolvendo ao longo do tempo escalas espaciais diferenciadas conferiram complexidade crescente ao conceito de mobilidade como expressão de organizações sociais, situações conjunturais e relações de trabalho particulares. A cada nova ordem política mundial correspondeu uma nova ordem econômica com a emergência de novos fluxos demográficos. (BECKER, 1997, p.319).

Ou ainda, Salim resume a migração como “um fenômeno complexo essencialmente social e com determinações múltiplas, apresenta interações peculiares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social complexa” (SALIM, 1992, p. 119).

Esta breve exposição de ideias tem o propósito de evidenciar o quão o estudo das migrações é complexo dentro do campo científico desde a sua definição e gênese, não havendo unicidade em questões básicas³². Para se poder avançar na discussão, será assumido o posicionamento mais abrangente do termo, a migração então baseada em sua etimologia, entendendo todo e qualquer deslocamento humano como uma migração. Porém, diferentemente de algumas correntes teóricas, entende-se que este movimento é essencialmente diferenciado nos diversos tempos (e espaços) históricos, com uma transformação radical no capitalismo, como veremos doravante.

A migração é um fenômeno tão antigo quanto à humanidade. Entende-se que imigração e emigração são complexificações posteriores à formação dos Estados. Porém, a partir do capitalismo global, pode-se entender as migrações como parte de outro processo: a mobilidade do trabalho. A mobilidade só é possível quando o trabalhador não tem acesso aos meios de produção. Esta proposta será discutida no avançar do texto: as migrações enquanto uma mobilidade espacial do trabalho.

A definição de um conceito para as migrações possui, pelo menos, duas implicações iniciais. A primeira seria, desde os primórdios, nós, seres humanos, (apesar de todo alardeado desenvolvimento de técnicas e de sociedade) não conseguimos superar as necessidades de deslocamentos.

³² Carlos Vainer (1986) aponta várias outras conceituações diferenciadas das migrações como, por exemplo: “‘Processo de articulação de áreas componentes de um mercado de trabalho espacialmente heterogêneo’ (BECKER et alii., 1979, p. 2)? ‘Processo de mobilidade geográfica de grupos de migrantes que pode ser de duração diferenciada e englobar vários pontos de origem e destino’ (SERFHAU, 1974, p. 5)? ‘Resultado do processo de decisão, em função de expectativa de mudanças futuras e de comparação de diferenças em utilidades, associadas a diferentes lugares’ (WOLPERT apud SILVA, 1975, p. 132)? ‘Mero produto, e determinante, de transformações diversas na estrutura econômica e social’ (MARTINE, 1978, p. 1)?” (VAINER, 1986, p.10).

É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. (SANTOS, M., 2006, p. 16).

Antes, não possuíamos as técnicas de fluidez, hoje o problema é *quase*³³ exclusivamente civilizacional. Todavia, não há a intenção de naturalizar o processo, como este o é no caso dos animais que se deslocam, por exemplo, para acasalar, o que seria intrínseco à existência dos mesmos. Os movimentos populacionais humanos adquiriram complexidades e, a partir dos domínios de técnicas diferenciadas, a migração não seria intrínseca à vida humana, pois, pode-se (abstraindo neste momento as condições históricas e concretas das diferentes realidades socioeconômicas) permanecer em um mesmo lugar por toda a vida. Não se pretende advogar a favor da imobilidade humana. Entretanto, há várias questões que devem ser superadas no tocante ao trato com as migrações (e conseqüentemente com o modelo civilizacional existente). É inexistente o desejo de extingui-las, mas de modificá-las. Exercer o direito verdadeiro de liberdade, de se mover e de permanecer, de acordo com as necessidades subjetivas dos sujeitos e não como uma necessidade de sobrevivência dos mesmos, imposta pela estrutura socioeconômica. Seria antes uma concordância com o que Gaudemar (1977) chama de direito à imobilidade, ou ainda, poderíamos rephrasar como direito a mobilidade livre.

Uma segunda implicação em adotar o conceito abrangente é a importância de se contextualizar, concreta e historicamente, as migrações, sempre que estas forem abordadas em estudos. Novamente, essa afirmação é um tanto quanto óbvia. Porém, retomando o texto e as análises de Vainer (2007), o segundo começo que estaria implícito no relatório da ONU, seriam os movimentos populacionais forçados dos escravos africanos para as Américas. O autor o qualifica de *paradoxo revelador*, “paradoxo porque boa parte da literatura sobre migração [que fundamenta as análises do relatório citado] vê como atributo essencial da migração o processo de decisão de que o migrante é suposto sujeito” (VAINER, 2007, p.18) e revelador por que:

³³A palavra *quase* nesta frase aponta para outras opções possíveis que são esporádicas. Como exemplo, podemos citar algum desastre natural, um terremoto, erupção vulcânica, etc.

Se se tratasse de um ato teórico consciente, poderíamos considerá-lo como um convite a investigar o lugar e o papel da violência nos movimentos de população da modernidade; mas longe de constituir um ato teórico consciente, o paradoxo resulta de um ato falho- que tal revela o que esconde e esconde o que revela. Revela e esconde que a modernidade, ao contrário da narrativa mitológica, se inaugura na violência e na negação da liberdade para muitos. (VAINER, 2007, p.18).

Este paradoxo revelador demonstra a importância óbvia que insistentemente é frisada no começo dessa discussão. As teorias que embasam a pesquisa, as quais o autor (VAINER, 2007) se refere, na primeira citação apresentada, desconsideram o caráter histórico das migrações. Sendo assim, ao negligenciar a história, a análise dos movimentos populacionais se *desprende* do real, permite anacronismos (como afirmar que caçadores nômades faziam migrações internacionais) e compromete a análise da realidade.

Ainda de acordo com Vainer (2007): “o escravo não é um migrante, é um escravo”. No entendimento do autor “não seria um migrante porque lhe falta a condição mesma de trabalhador livre, que [para o autor] funda a própria categoria de migrante” (VAINER, 2007, p.18). A categoria de trabalhador duplamente livre é uma característica do capitalismo, sendo assim, uma característica do migrante deste tempo histórico. Porém, não o foi assim no período de transição de ordem política global. O uso da violência para levar a força de trabalho para onde quer que a acumulação do capital necessitasse não foi uma novidade para o mundo. Ao transformar o trabalhador em um despossuído dos meios de produção (possuindo apenas sua força de trabalho) e ao transformar a migração em um meio de transferir esta força de trabalho para onde a acumulação do capital necessita (mesmo se este fluxo for forçado a acontecer direta ou indiretamente) foi a forma radical com que o capitalismo, ao transformar o trabalho, transformou as migrações.

Apesar de os escravos realmente não serem sujeitos migrantes e não fazerem parte do trabalhador assalariado, esses foram fundamentais para a acumulação do capital com o seu deslocamento forçado, sendo, portanto, de acordo com a definição que traçamos nesta seção, considerado um fluxo de migração. Parece paradoxal, mas não é. O escravo enquanto indivíduo não é migrante, assim como, o escravo não é um trabalhador, é um escravo. Todavia, o escravo é um ser humano, não uma máquina, dotada de força trabalho, que foi deslocada para outro espaço. Sendo este deslocamento para outro espaço entendido como fluxo de

migração. Portanto, mesmo o escravo não sendo um migrante enquanto indivíduo, consideramos a escravidão, enquanto processo, um fluxo de migração.

É interessante notar que, mesmo dentro do capitalismo, o migrante vê suas condições de vida se modificar de acordo com as necessidades de reprodução do capital, ora bem-vindo, ora evitado³⁴. Muitas vezes o imigrante contemporâneo, é também forçado a se deslocar, como o caso das deportações, onde sua ida pode mesmo ter sido voluntária, mas o seu retorno foi totalmente contra a sua vontade. Ou ainda, o caso dos imigrantes escravos atuais ocorre, ainda nos dias atuais, fluxos de trabalhadores escravos, como os bolivianos em São Paulo. Essa existência do trabalho escravo na atualidade não é uma forma de persistência das relações arcaicas, funciona como um “analisador-revelador” do capitalismo, ou seja, essa permanência parte do processo de reprodução ampliada do capital (MARTINS,1997). Evidencia ainda as diversas temporalidades estimuladas pelo capital em diferentes espaços no desenvolvimento desigual do capitalismo.

4.2 AS PRINCIPAIS TEORIAS DA MIGRAÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA– UMA ANÁLISE ESTRUTURAL OU INDIVIDUAL?

Por tudo até então abordado e por mais tantos outros fatores, a migração é um fenômeno de tal relevância que tem o seu lugar garantido como tema de estudo nas ciências, principalmente nas sociais. Porém, perante a breve discussão acima, há divergências conceituais a respeito da temática. Na busca do entendimento deste fenômeno no sistema capitalista, várias teorias são construídas, renovadas, superadas e retomadas. Póvoa Neto (2007) ao abordar estas divergências, escreve que: “não existe, pois, um corpo uniforme de estudiosos e planejadores a examinar um conjunto de fenômenos consensualmente delimitado.

³⁴ Interessante ver também a análise de Saskia Sassen (2013) no livro “*Inmigrantes y ciudadanos, de las migraciones masivas a la Europa fortaleza*”. A autora faz uma interessante reconstrução histórica de mais de 200 anos de migração na Europa, onde é possível perceber que vários migrantes não queriam sê-lo, e também algumas situações análogas à escravidão praticada nas Américas que foram impostas a alguns migrantes. Este livro demonstra a complexificação da migração que é abordada na pesquisa, porém em um momento histórico diferente. Os incentivos e seletividades praticados pelos países europeus em relação à mobilidade do trabalho, são esclarecedores diante a proposta aqui trabalhada.

Ocorre, ao contrário, um campo de enfrentamento de posições políticas e metodológicas a respeito da migração [...]” (PÓVOA NETO, 2007, p. 45).

Vários autores³⁵ fizeram previamente o esforço de se debruçar sobre uma análise crítica das principais teorias referentes à migração. Iremos nos engajar às polêmicas e fazer uma breve análise destas teorias. Assim como Salim (1992), iremos adotar a expressão *tronco teórico* “caracterizando-o como substrato comum de múltiplas subdivisões e significações” (SALIM, 1992, p. 122). Dividiremos as abordagens que analisaremos em três troncos teóricos: a perspectiva neoclássica, a histórico-estrutural e a análise por redes sociais.

4.2.1 O tronco teórico neoclássico

A perspectiva neoclássica é largamente utilizada nos estudos sobre a migração, sendo praticamente a única até a década de 1970. Ainda hoje, é a mais utilizada nos relatórios e pesquisas oficiais dos Estados. Este tronco teórico foi fundado no fim do século XIX, embebido pela corrente filosófica do positivismo. Tais pesquisadores tendem a explicar as migrações como uma causalidade espacial e econômica, onde o indivíduo migrante, imbuído de sua racionalidade, realiza escolhas de deslocamentos através dos quais poderá aproveitar ao máximo a lucratividade da venda de sua força de trabalho, trabalhando como uma espécie de empresário de si mesmo. O espaço geográfico aqui se configura em um receptor de ações dos agentes econômicos, sem opor nenhuma resistência a estes.

O trabalho marco desta *escola*, cujo autor é considerado um dos pioneiros, é o de Ravenstein (1880) em seu estudo *As Leis da Migração*. Nesta obra, o autor elabora uma série de leis segundo as quais os migrantes definiriam seu destino, baseado na análise (principalmente quantitativa) dos deslocamentos populacionais na Inglaterra, Irlanda e Escócia no contexto da Revolução Industrial. Ravenstein (1980) frisa, dessa forma, os fatores atrativos que as cidades tinham para com a população. Segundo Becker (1997):

³⁵ Vários autores se dedicaram a uma análise das teorias da migração após a década de 1970. Vainer, Póvoa Neto, Becker, Salim, Gaudemar entre outros são exemplos deste esforço.

Os principais tópicos então discutidos foram: migração e distância, migração por etapas, fluxos e contrafluxos, diferenças urbano-rurais na propensão de migrar, predominância das mulheres nos deslocamentos de curta distância, tecnologia e migração, dominância do motivo econômico para os deslocamentos. (BECKER, 1997, p. 326).

Pode se observar o trabalho de Ravenstein (1980) entendendo-a como uma análise matemática dos movimentos populacionais. Os fatores de repulsão e atração (*push and pull*) surgem dos desequilíbrios espaciais dos *fatores de produção*, aqui nos apoiando novamente em Salim (1992). Sendo assim, possibilitaria uma transferência de excedentes de população de uma área para outra. A migração é vista, assim, como um fenômeno equilibrador, algo positivo. Salim (1992) resume esta corrente teórica em um estudo que:

[...] pressupõem o cálculo racional e a livre decisão dos indivíduos, ou seja, a mesma lógica locacional das firmas. Esta é a razão do livre trânsito de corpos no espaço: o movimento dirige a heterogeneidade espacial e propicia o equilíbrio, no sentido da igualdade possível. (SALIM, 1992, p. 124).

As críticas a esta abordagem são muitas, apresentadas mais veementemente após a década de 1970. Sassen (2013) pontua suas críticas a ausência de uma análise sobre a política migratória e as relações sociais dos migrantes. Póvoa Neto (2007) destaca que “por traz de um modelo que parece enfatizar a liberdade de escolha individual, o que temos é uma concepção de que a única vontade racional é a vontade do mercado” (PÓVOA NETO, 2007, p. 49). Becker (1997) afirma sob essa teoria:

[...] o fenômeno migratório estava reduzido à identificação e quantificação de algumas causas e efeitos. Ao considerar a migração de uma forma isolada e pontual, esse enfoque torna-se a-histórico e pretensamente apolítico, em oposição ao método histórico dialético. (BECKER, 1997, p. 327).

Porém, a mais contundente e embasada crítica é feita por Gaudemar (1977,), após a exaustiva análise das teorias econômicas, ao apontar: “as duas concepções do espaço econômico; os axiomas de raridade e livre concorrência definem um espaço perfeitamente homogêneo, enquanto as observações empíricas destinadas a fundar uma política econômica revelam a sua heterogeneidade. (GAUDEMAR, 1977, p. 177). Suas críticas revelam, portanto, que esta teoria está

frequentemente em contradição diante de seus resultados, o que revelaria a ineficácia das leis e conceitos clássicos e neoclássicos perante o entendimento da migração. Os Estados burgueses adotam esta teoria, ao formularem suas pesquisas de controle da migração, que posteriormente são utilizadas para justificar suas políticas de fronteira e a violência perante o migrante.

4.2.2 O Tronco histórico-estrutural

Surgida a partir de uma reação ao modelo neoclássico, a corrente histórico-estrutural considera o fenômeno da migração enquanto um processo social sendo que os deslocamentos ocorrem, não mais por escolhas individuais, mas enquanto grupos ou classes sociais que são forçados pelas estruturas sociais capitalistas a utilizarem sua liberdade para se mover. Ou seja, a migração tem início não na liberdade do indivíduo, mas em sua expulsão. É ressaltado, portanto, e antes de tudo, a estrutura social, econômica e política como um todo que irá possibilitar e/ou definir as rotas dos fluxos migratórios. Além disso, quando necessário o uso da violência é empregado para conter ou promover os deslocamentos de acordo com as necessidades do sistema. Não obstante, é um estudo focado principalmente nos processos de expulsão (o que faz o migrante se mover), muitas vezes negligenciando a chegada dos migrantes, principalmente no caso de deslocamentos internacionais. As variações de abordagem dentro deste tronco teórico são, em sua maioria, uma variação de filiação filosófica, política, ou:

[...] de acordo com a filiação teórica dos autores, a caracterização social das áreas de expulsão pode ser feita segundo os 'aspectos econômicos' ou, mais especificamente, segundo o modo de produção. A noção de 'pressão demográfica' é frequentemente utilizada no primeiro caso, enquanto a análise das transformações nas relações de produção é enfatizada pelos que adotam o paradigma marxista. (PÓVOA NETO, 2007, p.51).

Salim (1992) ressalta a dificuldade de sumarizar ou resumir concisamente o tronco teórico histórico-estrutural, exatamente por esta variedade de perspectivas de abordagens. Por esse motivo, apenas é possível valorizar a importância dos processos das estruturas sociais ao se definir os fluxos como uma característica geral. O espaço geográfico neste caso é também o espaço econômico que a teoria

clássica trabalha. Porém, trata-se do espaço econômico concreto, construído pelo trabalho coletivo em sua relação com a natureza.

Vários autores, inclusive Salim (1992) e Póvoa Neto (2007), destacam o trabalho de Gaudemar (1977) sobre a mobilidade do trabalho como uma referência da corrente histórico-estrutural e lhe concede um tronco teórico próprio. Apesar de entender a importância do trabalho de Gaudemar, este pode ser incluído em uma perspectiva histórico-estrutural considerando as variações já citadas, em uma filiação histórica-materialista como analisado doravante.

As críticas à perspectiva histórico-estrutural da migração são tecidas principalmente em relação à ausência de protagonismo do sujeito migrante em sua individualidade e subjetividades. Ao entender as migrações via subordinação do sujeito às estruturas sociais, o sujeito se torna impotente, não sendo o protagonista de sua própria história. Póvoa Neto (2007) acrescenta que metodologicamente “desvaloriza-se a realização de inquéritos junto a migrantes, já que indivíduos, apesar de serem fonte de informação, não trazem em si explicação dos processos vivenciados” (PÓVOA NETO, 2007, p. 50).

4.2.3 O tronco das Redes sociais da migração

O último grupo de teóricos que será abordado, não foi incluído em nenhum dos trabalhos analisados até então, porém ganha força ao sinalizar uma tentativa de reação (ou conciliação) às teorias até aqui analisadas. É a abordagem mais recente, ainda com poucos trabalhos realizados no Brasil. Concentra-se mais à teorização da migração internacional. Segundo Santos (2007), é na década de 20, através dos estudos da Escola de Chicago, no clássico *The Polish Peasant in Europe and America*, que a migração teve, pela primeira vez na sua abordagem, um cunho predominantemente social. Porém, foi apenas ao final da década de 1980 que a teoria foi desenvolvida e apresentada de jeito a configurar um novo tronco teórico, através de estudiosos como Massey, Tilly, Boyd, Graeme e Sales³⁶.

³⁶ Os autores citados deste tronco teórico das redes sociais de migração foram também aproveitados da tese de doutorado de G.A. Santos (2007).

Massey (1990) realiza a análise dos dois troncos teóricos previamente citados: o neoclássico e o histórico-estrutural. Propõem a ideia de ao contrário das teorias anteriores serem opostas, seriam complementares em vários aspectos. Para tanto, o aspecto da estrutura social que o autor destaca como decisivo e exemplar desta complementaridade teórica é o *migrant networks*³⁷. Segundo o autor, o trabalho com as redes sociais de migração seria a ilustração da dependência intertemporal entre as escolhas individuais e os contextos estruturais.

Os autores que compartilham e contribuem para essa teoria baseiam-se principalmente na afirmação de que a migração internacional ocorre tendo como suporte principal os laços das redes pessoais de relação, que facilitariam o acesso a informação no local de destino e diminuiria os riscos do deslocamento. Portanto, uma vez estabelecido um grupo de migrantes em determinada localidade, o processo tenderia a crescer por laços mantidos com o local de origem, que encorajariam outros a também migrar. Por esta razão, a teoria também é chamada de *princípio da causalidade cumulativa*.

Diferente dos outros dois troncos teóricos, esse último ainda carece de análise teórica por parte de estudiosos renomados para uma crítica aos *pontos cegos*. Contudo, ao estudar as proposições de conciliação das teorias anteriores sob a ótica das redes sociais, ocorreram alguns incômodos. Iremos então ensaiar algumas ponderações. O primeiro é a raridade de alguns importantes *nós*, como o papel dos agentes de viagem e os contrabandeiros de pessoas e, ainda, a regulamentação das políticas migratórias promovidas pelos Estados no sentido de regular, incentivar ou conter as migrações a favor das necessidades de acumulação e reprodução do capital. Sem esse último *nó*, o fluxo populacional apenas poderia ocorrer na ilegalidade, portanto, a relação familiar não é o *nó* decisivo da migração, mas um fator facilitador. Na Figura 6 é possível perceber, que um imigrante em potencial busca informação relacionando agência de viagem com emprego. O último comentário, evidencia que essas agências tem o costume de iludir o consumidor associando o serviço de intercâmbio com oportunidade de trabalho.

³⁷ Esta expressão em inglês é análoga à rede social de migrantes em Português. Ou seja, migrantes ou possíveis migrantes conectados entre si, com um fluxo de informação que possibilitaria a migração ocorrer, formando assim uma rede de Migrantes.

Figura 6 – Informações em grupos de redes sociais no Facebook



Nota: Print retirado de postagem no Grupo no site Facebook dez. 2017

Fonte: A autora. Arquivo pessoal

Outra ponderação é a questão da relação afetiva. Obviamente, quando a rede se forma pela família ou pessoas familiares, o ato de imigrar é em muito facilitado em termos jurídicos, financeiros e emocionais. Contudo, na análise das redes sociais online para a presente pesquisa, não foram observadas relações de parentesco ou amizade. A maior parte da rede é composta por pessoas que não se conhecem. Foi possível visualizar vários momentos de ajuda sem que se formasse um laço afetivo. Cada *post* para conseguir informações é respondido de diversas perspectivas, pois não se trata de um laço afetivo. É ausente também a presença de um líder, ou um ator central. Existem pessoas que postam mais, mas normalmente são sujeitos diferentes a cada post analisado. Por exemplo, no post abaixo, a pessoa começa o post chamando a todos de amigos. Essa linguagem nada tem a ver com afetividade, apenas uma maneira de ser educada. O grupo possui 72.282 membros, aos quais é impossível uma rede de afetividade com tais proporções. Por

razões como esta, por mais que entenda que essa prática é uma novidade³⁸, a caracterização das redes enquanto processo de afetividade deveriam ser ampliadas.

Figura 7 – Informações em Grupos de Redes Sociais no Facebook



Nota: Print retirado de postagem no Grupo no site Facebook, dez. 2017

Fonte: A autora. Arquivo pessoal

Entre outros questionamentos, as perguntas mais elementares são: caso as condições reais do espaço de destino de determinada rede se modifiquem negativamente, este fluxo de população migrante irá ainda ser cumulativa? Ou o contrário, esta rede existiria caso as condições concretas de trabalho e sobrevivência no local de origem fosse suficiente?

É possível perceber o papel e a importância das redes sociais de migrante, que está presente em quase todos os casos de migração internacional, e muitas vezes nacionais, principalmente no mundo contemporâneo com o avanço das comunicações em tempo real. Inclusive está presente nessa dissertação. Porém, não se configura como uma causa, o porquê de se deslocar, a razão principal. Mas como uma forma de facilitar este deslocamento, de dar alguma segurança em uma

³⁸ É suposto, sem bases científicas para tal, que antes da internet, as redes funcionavam apenas pela relação afetiva. Contudo, nos grupos que participei, e nas entrevistas, foi perceptível que a maioria dos imigrantes não tinham qualquer relação afetiva com outro imigrante em Dublin. Muitas vezes, sequer tinham conhecimento de como imigrar quando postavam algo nos grupos. Todavia, não se nega aqui que ainda existam as redes sociais baseadas na afetividade. Pois quando se emigra, quer trazer todos com você, para que o choque não seja tão grande e que a adaptação seja mais branda.

trajetória por si só conturbada. Se as condições estruturantes são o motivo, as redes seriam o caminho. Configuraria assim, uma tentativa comunitária de resistência às barreiras impostas. Barreiras que se solidificam cada dia mais para proteger o excedente *perfeito* de mão-de-obra e o poder nacional: a manutenção da superioridade de alguns países em detrimento a outros. “As bases dos laços que a sustentem pertencem ao campo da pessoalidade e desafiam as impossibilidades dadas pelas estruturas amplas que se materializam nas barreiras financeiras e nas fronteiras entre os países” (SILVA, 2011, p.58).

Corroborar-se com Silva na citação acima, apenas com a ressalva que essa rede é formada não apenas por relações pessoais, como também por depoimentos e dicas disponibilizadas na internet ou em agências de intercâmbio e viagem, por exemplo. É antes uma tentativa de *burlar* as seletividades impostas pelos Estados, do que a principal motivação para que os deslocamentos ocorram. Este tronco teórico alude ao comentário de M. Santos (2005) acerca do retorno do território e do espaço no mundo globalizado, quando diz que: “além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns”. (SANTOS, M., 2005, p. 256). Ou ainda nos dizeres de Milton Santos, em outra magnífica obra, “as redes são um veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo” (2006, p. 182).

4.3 A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA E O TRABALHADOR LIVRE – A GÊNESE DA MOBILIDADE DO TRABALHADOR NA MODERNIDADE

Apesar de a temática da migração ser um fenômeno diretamente relacionado com todas as categorias de análise geográficas, há ainda pouco avanço teórico centrado no fenômeno migratório. A maioria dos trabalhos realizados dentro da ciência geográfica são trabalhos descritivos e empíricos em suas análises, vinculados à área de especialidade da geografia da população.

Nas principais ciências sociais, inclusive na Geografia, “o tema das migrações foi largamente ignorado pelos autores clássicos” (PEIXOTO, 2004, p.3).

Dos geógrafos clássicos, além de Ravenstein, Sorre é o que mais se destaca na tentativa de incluir a Geografia na discussão teórica da migração. Apesar de Ratzel fazer referência a importância da migração na constituição de sua percepção de território, esta não é o elemento central de sua teoria. Foi no livro *“Les migrations des peuples”* que Maximilien Sorre se dedicou a teorizar sobre a temática.

Na atualidade existem muitos geógrafos que contribuem para a desafiadora discussão do fenômeno da migração, mesmo que não essencialmente na área epistemológica. Os autores que principalmente discorrem sobre a temática no campo teórico no Brasil são os que já estamos dialogando ao longo da pesquisa, podendo acrescentar também o nome de Ariovaldo Umbelino, Dieter Heidemann, entre alguns outros.

Após a sucinta revisão teórica, é perceptível a complexidade da análise dos deslocamentos do trabalhador no sistema capitalista, principalmente no mundo globalizado. Apesar de apresentar críticas ao modelo histórico-estrutural de análise das migrações, iremos nos aprofundar mais neste campo, em sua variação marxista. Consistirá em um exercício tautológico de alguns dos passos que Gaudemar (1977) utilizou no livro *A mobilidade do trabalho e a acumulação do capital*. Esse esforço está focado em compreender os processos envolvidos na mobilidade do trabalhador, em uma análise geral.

O argumento central defendido por Gaudemar (1977) é que a mobilidade, tanto do capital quanto da força de trabalho, não é apenas um efeito da dinâmica da acumulação do capital, mas é também uma condição imprescindível para que ela ocorra. O autor considera que a mobilidade foi um ponto negligenciado na obra de Marx, pelos marxistas e marxianos, e que este é de extrema importância para o entendimento do sistema capitalista.

Os deslocamentos humanos pré-capitalistas possuem características múltiplas, contudo se diferem radicalmente das migrações na modernidade por outras várias características. Entretanto iremos destacar uma principal: o trabalhador duplamente livre. Sendo assim, não há outra forma, de adentrar as migrações no sistema capitalista sem antes dar um passo a história da construção deste sistema, que transforma radicalmente a condição do migrante por transformar radicalmente a condição do trabalho e do modo de produção. Adam Smith e Karl Marx chamaram este momento de transição e transformação, de acumulação primitiva, uma acumulação que:

A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ele aparece como primitivo porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde. (MARX, 1983, p. 251-252).

Na seção intitulada *A assim chamada acumulação primitiva*, de sua obra máxima *O Capital*, Marx destrincha e exemplifica o uso da violência na domesticação do trabalhador assalariado, que foi despossuído dos meios de produção, não tendo nada a trocar (vender) senão sua própria força de trabalho. Este foi o caminho também necessário à interiorização das necessidades do capital como sendo a própria necessidade do migrante. Deve-se chamar atenção neste momento o quão artificial é o trabalho na modernidade, e sua respectiva liberdade. O ponto de partida do desenvolvimento que produziu tanto o trabalhador quanto o capitalista foi à servidão da idade média. Este processo, segundo Marx, consistiu numa mudança de forma da sujeição do trabalhador, que é concretizada na transformação da exploração feudal em exploração capitalista. É, pois, no processo de expropriação dos camponeses de seu meio de produção, que ocorre a dissociação entre o trabalhador e a propriedade de condição de seu trabalho, sendo esta a base para a primeira acumulação do capital no momento pré-capitalista.

A *liberdade* do trabalhador foi caracterizada por Marx em uma liberdade dupla, “porque não pertencem diretamente aos meios de produção, como os escravos, os servos e etc., nem os meios de produção lhe pertencem” (MARX, 1983, p. 252). No processo de expropriação ocorre a primeira grande migração forçada rural-urbana³⁹, a expulsão violenta dos servos de suas terras que formou uma massa de proletários lançada no mercado de trabalho das cidades. Mercado de trabalho que ainda estava em construção. Trabalho baseado na manufatura que não conseguia absorver toda a força de trabalho à disposição. A força de trabalho, que não conseguia se vender foi enquadrada em leis *terroristas* para a formação de uma disciplina necessária ao sistema de trabalho assalariado então embrionário. Outras séries de leis e violência foram usadas para que o proletariado permanecesse em sua condição de proletário, como a lei do salário e o cercamento, que objetiva não dar condições para que o trabalhador adquira meios de produção.

³⁹ Karl Marx exemplifica este momento na Inglaterra, porém esta migração forçada também ocorreu em outros Estados europeus, como é citado por Gaudemar (1977) no caso da França. Os artifícios utilizados e a datação destas migrações são diferentes, contudo o objetivo é o mesmo: forçar trabalhadores a aderirem o trabalho assalariado e a usurpação dos meios de produção.

Não era suficiente forçar os trabalhadores a se venderem voluntariamente, negando-os os meios de produção. Era necessário desenvolver uma classe de trabalhadores que, “por educação, tradição, costume, reconhece as exigências daquele modo de produção como leis naturais evidentes” (MARX, 1983, p.277). É esta interiorização das necessidades do Capital, juntamente com o imperativo da própria reprodução, que condiciona a mobilidade do trabalhador para um deslocamento *camuflado* como uma escolha ou uma necessidade individual.

Apesar do início das migrações na sociedade pré-capitalista terem lugar em um momento no qual o Estado e os donos dos meios de produção utilizaram de todo o artefato da violência direta, deste período em diante este artifício será empregado de outras formas. Por já terem *adestrado* o trabalhador para levar a sua força de trabalho onde essa é necessária à acumulação e reprodução do capital, a violência direta (legislativa) se faz necessária em momentos de exceção. A modernidade começa então negando um de seus pilares com o deslocamento forçado no momento de expropriação. Porém ainda assim, com toda a estrutura de direitos humanos do mundo atual, o Estado *lança mão* da violência (agora inconstitucional) tantas outras vezes na história da expansão e dominação global do sistema capitalista. Podem ser exemplificados casos como a sujeição do nativo americano ou sua eliminação e os escravos advindos do continente africano para a América.

Mesmo nos dias atuais a violência, que não a econômica, ainda é utilizada, e não apenas excepcionalmente, como pode ser observado na desapropriação de comunidades, por ação do Estado, como no caso da construção da usina de Belo Monte no rio Xingu no Brasil. Após o disciplinamento do assalariado pelo Estado Burguês, a mobilidade do trabalho pode geralmente ser confiada à dependência do trabalhador do capital, e por essa é garantida e perpetuada. É assim que se vê desenhar “como forma de contingentes desta ‘liberdade’ de compra-venda da força de trabalho as formas de uma mobilidade capitalista do trabalho” (GAUDEMAR, 1977, p. 190).

O capitalismo não apenas é o sistema no seio do qual mais se produz e circula mercadorias na história do mundo, como também transforma o trabalho em mercadoria força de trabalho. Esta mercadoria possui dupla particularidade, isto é:

[...] não só o seu uso produtivo cria um valor superior ao seu valor de troca, mas também se apresenta ela própria no mercado, como única mercadoria 'livre' de se deslocar, de se dirigir ao local de venda da sua escolha. Esta dupla particularidade é comandada pela mobilidade da força de trabalho, dela desenha as diferentes formas, espaciais ou sectoriais, profissionais ou categorias, etc. (GAUDEMAR, 1977, p.201).

Essa forma de mercadoria, permite a maximiza produtividade do trabalho tornando-o útil ao capital. O trabalho produtivo é aquele em que o trabalhador produz “o valor previamente determinado de sua força de trabalho, ao passo que, em sua condição de atividade geradora de valor, valoriza o capital; e opõe ao operário os valores criados por essa atividade, na condição de capital” (ANTUNES, 2004, p.132).

Apesar de ser uma mercadoria, a força de trabalho é uma em particular, regida de forma diferente. É a única mercadoria produtiva que se troca por capital, e para além, possui uma questão moral e histórica, resistências pontuais, exigências mínimas. Por esta razão sua criação foi distinta, e sua mobilidade espacial (na maioria das vezes) evoca todos os aparatos do Estado burguês, seja para incitá-la, seleccioná-la ou extingui-la.

A produtividade do trabalho supõe assim directamente a mobilidade do trabalho, quer esta mobilidade permita a extracção das forças de trabalho de esferas em que o capital não estabeleceu ainda o seu domínio, quer ela modele estas forças de trabalho segundo as exigências do capital ou quer assegure a sua circulação. (GAUDEMAR, 1977, p.207).

O progresso do sistema capitalista dependeria da existência de um excedente dessa mercadoria trabalho e de um Estado com leis próprias para controlá-la. Um exemplo foi a emigração italiana para o Brasil e Argentina no século XIX. Havia um enorme excedente de mão-de-obra na Itália estimulada por parte dos Estados envolvidos a migrarem para os países que necessitavam de trabalhadores assalariados⁴⁰. É esse excedente, sua possibilidade de se mover (ou ser movido) para onde a acumulação do capital necessita que se configura como um dos pilares da reprodução do capitalismo. A mobilidade do trabalho implica no aumento da mais valia, endossando seu carácter relativo. Harvey (2005) enfatiza que o excedente da

⁴⁰ Sobre o assunto ver a dissertação de mestrado de Higor Mozart, apresentada em 2016 no programa de pós-graduação da PPGEU UFJF.

mão-de-obra, também criado pela mobilidade do trabalho, forma um campo de ação para o capital que foi superacumulado.

4.4 MOBILIDADE ESPACIAL DA FORÇA DE TRABALHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO – A FORÇA DA CIÊNCIA E DAS TÉCNICAS NOS FLUXOS INTERNACIONAIS

No desenvolvimento do capitalismo é crescente e abrangente a migração, pois “não há acumulação, especialmente de capital adicional, sem a mobilidade do trabalho” (GAUDEMAR, 1977, p. 278). Quanto mais desenvolvido for o capitalismo, maior será a mobilidade da força de trabalho, especialmente em momentos de crise na luta contra a baixa taxa de lucro. É possível observar por esse motivo que o mundo contemporâneo tem a maior mobilidade espacial já realizada.

Após momentos de fluxos característicos da força de trabalho⁴¹ e facilmente traçado, em diferentes períodos da história do Mundo, presencia-se hoje um fluxo generalizado. Como exemplos de fluxos traçados e datados, podem ser citados os fluxos preferenciais em diferentes momentos históricos como: rural-urbano (de todos os países quando experimentaram a industrialização e, conseqüentemente, a urbanização), o de leste para oeste, de sul para norte, de ex-colônias para metrópoles etc.⁴². Apesar de que outras polarizações pudessem ser observadas, existia uma predominância clara de um fluxo em detrimento de outros nos diferentes períodos históricos. No início do século XX, era da Europa que partiam migrantes em direção a todos os continentes, principalmente por causa das guerras travadas em seu território. Com o fim das guerras, e início da reconstrução dos países europeus, vários Estados da Europa incentivaram a ida de trabalhadores de diversas partes do mundo para seus territórios⁴³. Neste segundo momento os países do hemisfério sul foram os que principalmente alimentaram os fluxos da

⁴¹ Em alguns momentos as mobilidades espaciais do trabalho foram acompanhadas de uma possibilidade de mobilidade social, como o caso dos primeiros imigrantes Europeus para a América no século XVI.

⁴² No livro de Sassen (2013) a autora faz esta reconstrução do papel da migração na construção dos Estados europeus e como estes se transformaram na fortaleza contra Imigrantes no mundo contemporâneo. Como exemplo do momento de industrialização onde predominaram a migração rural-urbano.

⁴³ Sayad (1998) ressalta a importância dos imigrantes, principalmente de origem africana, no reerguimento Francês no século XX.

migração internacional, em direção ao Norte. E assim se manteve até o último quartel do século XX.

O mundo contemporâneo, principalmente a partir da última década do século XX, no pós-URSS, viu gradualmente esta mobilidade espacial se generalizar, em todas as direções. Obviamente, ainda podem ser destacados alguns fluxos de maior intensidade, porém a presença desta mobilidade generalizada é a característica principal da migração no momento atual. Esta intensidade foi aguçada pelo processo de internacionalização do mundo capitalista tanto quanto é condição pressuposta para que este exista.

Segundo Harvey (2009), o período atual é marcado pela intensa compressão espaço-temporal, tendo como motor desta compressão a mudança do modo de produção, de uma acumulação fordista para a acumulação flexível. Esta mudança trouxe a rápida implantação de novas formas organizacionais e tecnológicas. Para M. Santos (2008), é graças aos avanços das técnicas, principalmente das de informação, aliada ao momento histórico, que proporcionou a possibilidade de estabelecer esta presença planetária do capitalismo. O autor afirma que estamos vivendo um período único, onde temos ao mesmo tempo um período de crise, caracterizado pelo uso extremado de técnicas e normas, com a homogeneização das técnicas e uma generalização da crise. “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial” (SANTOS, M., 1993, p. 16).

É sob esse capitalismo, agora global, em uma época que alguns denominam como pós-modernidade, embalado economicamente pela ideologia Neoliberal, que a técnica e a tecnologia tomam lugar de destaque. A ciência se caracteriza ainda mais em uma força produtiva dependente do trabalho. A ciência e a tecnologia “deixando de ser mero suporte do capital para se converter em agentes de sua acumulação” (OLIVEIRA, 2007, p.34). São também agora agentes da consolidação de um sistema capitalista globalizado⁴⁴. Não por nada, os países desenvolvidos se esforçam no sentido de captar a força trabalho hábil para preencher os campos da ciência e da tecnologia. Como exemplo o *Critical Skills* na Irlanda discutido anteriormente.

⁴⁴ O termo globalização pode se efetivar em uma discussão a parte por todas as discussões e desafios teóricos referentes ao termo e suas implicações no mundo atual.

Ariovaldo Oliveira aponta neste contexto também outras características do capitalismo contemporâneo, como o desemprego e a terceirização que se tornam estrutural, o papel distinto do Estado e o capitalismo financeiro como “coração e o centro nervoso do capitalismo” (OLIVEIRA, 2007, p. 34). Sendo parte deste cenário, não há sentido em categorizar países receptores ou emissores de migrantes. A migração internacional se dá em múltiplas direções, com temporalidades não definidas e por intermédios de diferentes agentes. Essa complexificação do processo, e a necessidade do Estado burguês em manter o necessário excedente de força de trabalho em seus territórios, fazem com que as imigrações sejam assunto de calorosos debates entre representantes de Estado na justificativa do erguimento de suas sólidas barreiras fronteiriças (visíveis ou não).

Ao final do século XX, no avançar do processo de globalização e mundialização do capitalismo monopolista, muito se falou sobre ausência de fronteiras. Atualmente, já se pode acrescentar que as fronteiras desfeitas dizem respeito ao capital. O mercado que se mundializou, “ao contrário de ontem, atravessa tudo, inclusive a consciência das pessoas” (SANTOS, M., 2008, p. 11). No entanto, apesar da facilidade de circulação das mercadorias, a mercadoria força de trabalho é a exceção. Mesmo que as condições atuais do sistema capitalista oportunizem a intensa disponibilidade e mobilidade. É sabido então do aumento dos fluxos, todavia, juntamente com esses, cresce também a rigidez do controle de fronteira do território dos Estados.

A migração internacional encontra origem do deslocamento humano as desigualdades e os níveis de desenvolvimento discrepantes do mundo, o que aumenta as tensões da migração. São a partir das incapacidades estruturais do desenvolvimento do capitalismo ao nível global, seja pelas carências de capital humano, ou seja, pelas mudanças do papel do Estado no plano social, que a mobilidade espacial toma impulso. Por sua vez, as tensões sociais geradas por essa assimetria de desenvolvimento e juntamente com as *propagandas disfarçadas*⁴⁵ difundidas pelos meios de comunicação, torna-se crescente a aceitação de que a emigração seria a única opção do trabalhador em ter uma vida diferente.

⁴⁵ A mídia corrobora com as migrações ao incitar a ideologia da meritocracia, das comparações entre os trabalhadores e qualidade de vida entre Estados com diferente nível de desenvolvimento. Além disso, os meios de comunicação são os responsáveis por divulgarem as estatísticas de desemprego, de renda per capita e etc.

O processo de globalização e a ideologia neoliberal remetem, para muitos estudiosos, a uma transnacionalização do território. Para tais autores, não existe significado em falar de território do Estado no mundo globalizado. Através da análise das imigrações, esta afirmação se desnuda. A mobilidade espacial do trabalho demonstra que o território do Estado se mostra ainda firme e seguro, em sua função principal, a de retirar qualquer resistência para que o capital se acumule e reproduza. A porosidade de suas fronteiras oferece o suporte necessário para que o capital se reproduza no interior do território. Apesar de os sujeitos migrantes possuírem o desejo de migrar, ou de ficar em determinado país, esta decisão não lhes pertence inteiramente, ao não ser em uma condição de risco e ilegalidade.

A mobilidade do trabalho, em sua feição internacional, pode ser dividida, principalmente, em dois grupos. Os trabalhadores que são alocados nos trabalhos não qualificados ou trabalhadores *high-skills*⁴⁶. O primeiro grupo de trabalhadores é o mais tradicionalmente percebido quando se fala de imigração. Pela caracterização do fenômeno a medida que a ideologia da migração problema cresce. Normalmente estes imigrantes desempenham os trabalhos desprezados pela população local, por um salário geralmente inferior. Muitos empresários conseguem obter benefícios deste processo, aumentando ainda mais a extração de mais-valia. Os trabalhadores que arriscam a migração internacional sonham em empreender uma mobilidade social ascendente, porém em poucos casos é possível.

Apesar de existir uma demanda por estes trabalhadores, e de muitos realizarem atividades funcionais para a expansão econômica, estão submetidos, via de regra, a práticas estritas que regulamentam sua migração, por exemplo, através de quotas anuais ou de programas de contratação temporária e que, em vários casos, constituem barreiras para seu ingresso e permanência; isto traz como seqüela a falta de documentação de alguns migrantes, irregularidade que alimenta a percepção negativa da imigração nos países receptores (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2002, p. 246).

Mesmo que o imigrante possua qualificação profissional pelo seu país de origem, esta deverá ser validada no país de destino, e principalmente, a profissão deverá constar nas *listas* de necessidade disponibilizada pelo Estado. Caso essas

⁴⁶*High-skills* é uma expressão em Inglês que significaria alta qualificação profissional, como anteriormente explicado. O propósito de lançar mão da expressão em Inglês é por que essa é utilizada em vários países para determinar o tipo de visto para o trabalhador.

duas condições não ocorram, o imigrante será igualado aos outros trabalhadores não qualificados ao procurar um trabalho no exterior.

A condição de trabalhador imigrante qualificado é diferente. Possuem outras peculiaridades. Esse grupo é normalmente formado pelos trabalhadores da área tecnológica ou de saúde. O monopólio de tecnologia é disputado pelos países, principalmente os mais desenvolvidos capitalisticamente. Na literatura acadêmica, esse movimento já foi chamado de *fuga de cérebros*. Em muitos casos, a oferta ao imigrante é que após estar no país de destino por um determinado tempo (que varia de acordo com a legislação) poderá ter sua condição de imigrante transformada para a de cidadão.

4.5 DE LUGARES A UM LUGAR: A PERVERSIDADE DA DELIMITAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DE ESTADO

A questão migratória é muito mais complexa do que evidencia as discussões usuais e midiáticas. No campo das ciências, as divisões teóricas abordadas nesta seção, são também claramente um posicionamento político (mesmo que não seja sempre consciente, sempre são ideológicas). O caminho que trilhamos na construção deste debate acerca de algumas questões pertinentes a temática nos consente chegar a algumas considerações, mesmo que de forma inicial. Primeiramente, a migração vista em sua forma sincrônica não possibilita uma análise real do fenômeno por permitir anacronismos diversos e por não entender a especificidade do trabalho, e conseqüentemente da classe trabalhadora, que é radicalmente transformada e alienada no sistema capitalista. Podemos entender que a mobilidade do trabalho então, não é um *a priori* ou *a posteriori* da dinâmica de reprodução do sistema capitalista, é antes disso a dialética de efeito e fator para que a acumulação e reprodução do capital aconteçam. Dito isso, toda a migração é forçada (direta ou indiretamente). No caso das migrações internacionais esta característica é ainda mais latente, por depender de um aceite por parte do Estado, de uma decisão se esta mercadoria trabalho irá favorecer ao capital dentro do seu território. Resumindo a proposta de Gaudemar (1977), não há migração que não se caracterize enquanto um negócio.

Por conseguinte, pode-se sumarizar três pontos principais que caracterizam o período atual da globalização: neoliberalismo, ciência e técnica e as contradições intrínsecas ao território, que é ao mesmo tempo transnacional e de poder do Estado na globalização “incompleta”.

A ciência e tecnologia, transformada em força produtiva, incita uma disputa pelo seu monopólio por parte dos Estados, pois significa poder. Por essa razão, várias leis de Estado (principalmente os de capitalismo mais avançado) possuem, em uma de suas poucas porosidades de fronteira, a concessão de visto a trabalhadores *high skills*. E em muitos casos, como já citado, a conquista de cidadania para este migrante significa a transformação de sua condição. Pois a condição do migrante está associada a uma incerteza, a uma condição de ter duplamente negado a sua cidadania, de manter relações com dois ou mais Estados e não poder ser cidadão de nenhum. A conquista da cidadania mudaria a vulnerabilidade deste sujeito perante sua condição jurídica. Desse modo, pode se verificara internacionalização da economia e a mundialização das mercadorias sem precedentes, concomitantemente se impõem barreiras à entrada da mercadoria trabalho menos qualificada nos países economicamente e socialmente mais prósperos.

Por último, apesar de a migração ser uma necessidade do sistema, normalmente, essa é associada à ideia de problema social nos dias atuais. A migração internacional remete a palavras como xenofobia, deportação, ilegalidade etc. Existe até uma *crise* da migração na Europa. A grande mídia anuncia as migrações e seus problemas. Cresce a quantidade de políticos que aderem à xenofobia como uma bandeira política em todo o mundo. Em um momento econômico delicado, todos os Estados burgueses almejam cumprir sua função de regulador, para que haja o máximo de taxa adicional de lucro possível dentro de seu território. Crescem, portanto, no desenvolvimento desigual e combinado dos espaços no mundo, a vulnerabilidade e a seletividade da migração internacional.

5 A MOBILIDADE DO TRABALHO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

O Brasil é abordado por muitos autores como um país de possibilidades inúmeras de se trabalhar as migrações, tanto no que concerne em receber imigrantes, em emigrar e nos diferentes fluxos de migrações internas. Não há história longa⁴⁷ do território brasileiro que não tenha a migração como característica, mesmo que seja avaliada de forma secundária. Póvoa Neto resume “que o presente e o passado da sociedade brasileira são marcados pela intensidade dos movimentos migratórios” (PÓVOA NETO, 2007, p. 45).

Segundo o IBGE (2003), no relatório de Censo demográfico de 2000, a primeira contagem da população no Brasil foi realizada ainda no século XIX, e no mesmo século com o início da república se tornou decenal. Por este motivo, no quesito de dados censitários o Brasil é um dos países com melhores retrospectos da América Latina para estudos populacionais.

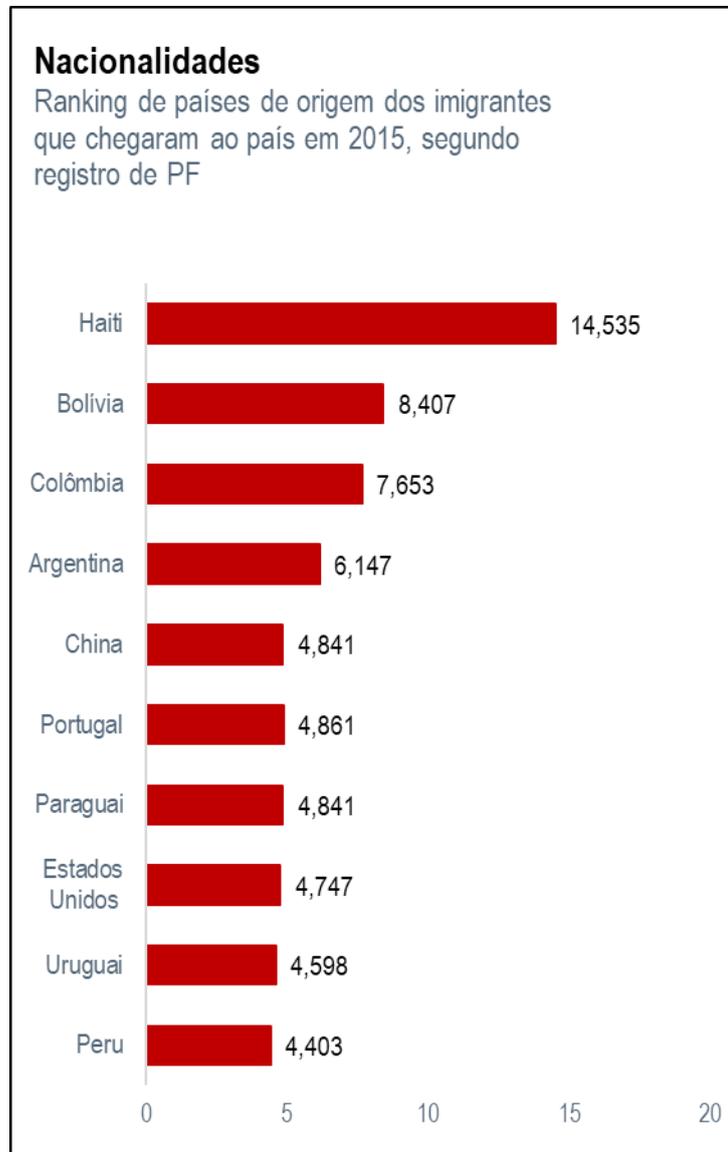
A migração interna se transformou em diferentes períodos, e é objeto de debates inúmeros entre os pesquisadores, que hora a caracterizam como migração de retorno, migração temporária, migração entre regiões etc. A expansão a oeste, o período de intensa urbanização das grandes cidades do Sudeste, a ocupação amazônica, o impacto do desemprego, a seca do sertão, a mudança de capital para Brasília, são apenas alguns dos momentos de intensa mobilidade espacial interna do trabalho. Na atualidade os fluxos internos continuam constantes e não há uma direção que se destaque como outrora.

As migrações internacionais também chamam atenção e são temas de discussões midiáticas e acadêmicas. De acordo com reportagem publicada no site do G1, em 25 de junho de 2016 (VELASCO; MANTOVANI, 2016), a polícia federal afirmou que a imigração para o Brasil cresceu mais de 160% nos últimos dez anos. Contraria-se, portanto, algumas percepções que o Brasil não seria mais um país atraente para a imigração. O que realmente acontece é que o país não mais se apresenta como destino preferencial para imigrantes europeus, como era frequente até meados do século XX. A maioria dos imigrantes é proveniente de países da América Latina, aparecendo também os chineses, portugueses e norte-americanos

⁴⁷História longa, pois, se trata de não compreender para esta concepção a história de locais e micro história. Entendido através de Braudel e M. Santos, o tempo longo é o que “marcaria as estruturas, os movimentos de fundo, incompletamente apreendidos através do tempo curto”. (SANTOS, M., 2006).

nas estatísticas. O Gráfico 1, que aparece na reportagem, com fonte da Polícia Federal nos dá uma dimensão deste movimento⁴⁸.

Gráfico 1 – Ranking de países de origem dos imigrantes que chegaram ao país em 2015, segundo registro da Polícia Federal



Fonte: VELASCO; MANTOVANI, 2016

⁴⁸É importante frisar que os dados estatísticos não contêm a dimensão absoluta da realidade. Para países fronteiriços, a facilidade de adentrar em território nacional sem registro é muito maior. Além da porcentagem de imigrantes ilegais que todas as estatísticas do tema não conseguem abordar.

⁴⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>.

Assim como a maioria dos países europeus, o Brasil também seleciona a mercadoria trabalho que tem por preferência em seu território. Os sul-americanos constituem a maioria dos imigrantes da última década, como dito, diferentemente de nosso passado, os imigrantes europeus deram lugar aos bolivianos, paraguaios, peruanos e argentinos.

Estes, juntamente com os de origem africana, constituem, em sua maioria, a mão-de-obra barata, não qualificada ou diferenciada da brasileira. Haitianos igualmente chegam ao Brasil, desde o terremoto que atingiu o país em 2010⁵⁰, também quase sempre com condições precárias de trabalho e moradia. A mobilidade de trabalho qualificado geralmente é oriunda de países como EUA, China ou países europeus, que segundo a reportagem comumente ocupam posições em multinacionais, ou caracterizam-se como empreendedores ou ainda estudantes em formação.

Quanto às emigrações, segundo as estimativas do Itamaraty, em 2015, mais de três milhões de brasileiros viviam no exterior (BRASIL, 2016), com um destaque para os EUA com mais de um milhão e 400 mil brasileiros. Europa e Ásia também apresentam números significativos. Apesar deste número altíssimo de emigrantes, este processo faz parte da história recente do país. Não podemos apontar uma causa única do fenômeno, pois além das características econômicas nacionais da década 1980, outros processos como a “reestruturação produtiva e [avanço da] globalização, o barateamento dos meios de comunicação e de transporte, a facilidade de acesso a informações e conexões a redes sociais transnacionais” (MARTES, 2001, p. 8) construíram um campo diferenciado em relação à emigração no país anteriormente.

Apesar de perpassar toda a história do país, como visto não é possível, no momento atual, uma caracterização como país exportador de mão-de-obra, ou receptor de imigrantes como outrora. Todas as formas de mobilidade do trabalho acontecem concomitantemente, em maior ou menor escala em diferentes anos, porém todas as formas de deslocamento desempenham importante papel desde a década 1990 na configuração da população brasileira. Um exemplo da instabilidade da migração para a dedução de um quadro geral no momento atual é a migração de

⁵⁰ “Apesar de não ser um dos destinos com maior fluxo, a presença de emigrantes haitianos no Brasil chama atenção da mídia e das autoridades mesmo não sendo estes números representativos frente ao volume da diáspora daquele país.

retorno, como foi a situação de vários brasileiros que viviam em outros países pós crise de 2008.

O início da crise econômica, no final de 2008, gerou a reversão das expectativas daqueles que viviam no exterior, e vários tomaram a decisão de retornar ao Brasil. Estima-se que somente no Japão em torno de 30% dos mais de 320.000 brasileiros que viviam naquele país optaram pela migração de retorno. (FERNANDES; MIESI; FARIAS, 2014)

Podemos afirmar, assumindo o risco de generalização, que a característica mais importante da migração no mundo contemporâneo é a generalização dos fluxos. Principalmente no caso brasileiro. Por todo o envolvimento do Brasil com as questões migratórias é comum escutar nas mídias, e inclusive em pesquisas frases como: “o brasileiro celebra a imigração e miscigenação”. Apesar das indicações que o Brasil e os brasileiros realmente aceitem mais o processo migratório, decorrente de toda a participação no fenômeno, não significa que a xenofobia não exista aqui. Primeiramente, percebe-se que é muito exaltado os imigrantes europeus e japoneses. Existem inclusive festas e datas comemorativas para sua chegada. Contudo, os imigrantes de origem africana ou latina americana não recebem sempre a mesma festividade, e normalmente não ocupam as mesmas posições no mercado de trabalho.

A inexistência local de emprego, apontada como justificativa para os impedimentos à circulação, é apenas a outra face de um conjunto heterogêneo de políticas migratórias que, em outros momentos, estimularam, direcionaram e atraíram trabalhadores então vistos como indispensáveis. Ontem como hoje, a dimensão do trabalho está presente, a indicar que, em seu nome, o migrante pode ser encarado tanto como elemento produtivo quanto como excedente inútil ou, mesmo, perigoso para a ordem social (PÓVOA NETO, 2007, p. 55).

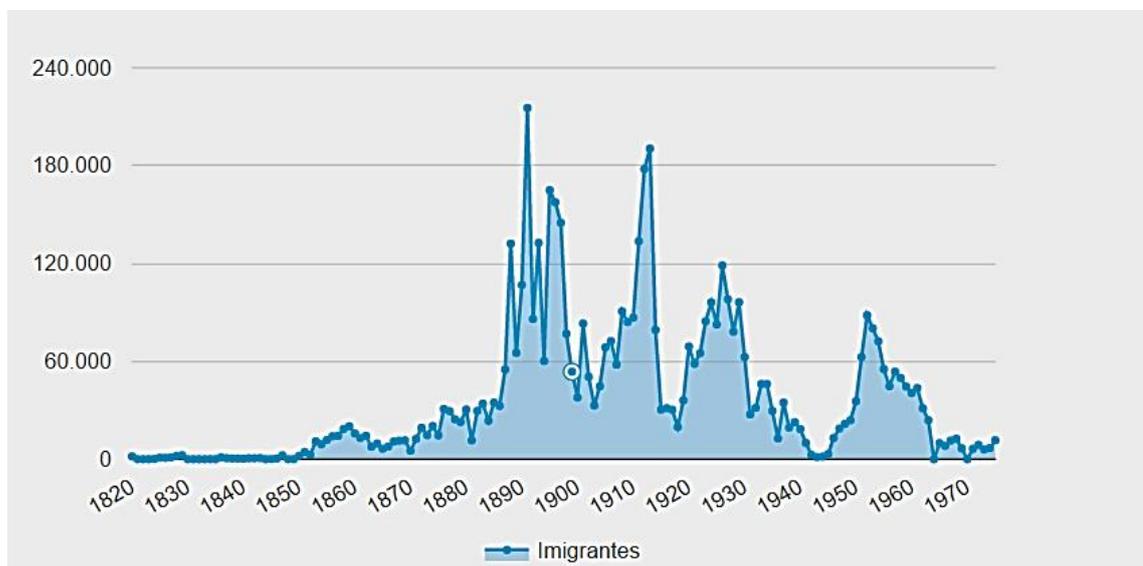
5.1 A DINÂMICA DA MOBILIDADE ESPACIAL DO TRABALHO NO BRASIL E O CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Como já mencionado, desde nossa constituição enquanto país, as migrações se configuram como fenômeno indissociável de nossa história. Por vários séculos no Brasil o fenômeno migratório ficou concentrado em receber imigrantes de vários países e na migração interna prioritariamente.

Em 1530 intensifica a vinda de Portugueses para o Brasil para *povoar*⁵¹ e colonizar o país. Além dos portugueses, outras nacionalidades europeias como espanhóis e franceses, também chegaram a *nova terra*. Pode se acrescentar a estes, até meados do século XIX, os africanos advindos de variadas nações que chegaram ao Brasil na condição de escravos. Estima-se que cerca de 3 milhões de escravos chegaram ao Brasil. Estes escravos e estrangeiros não fazem parte das estatísticas do IBGE para a imigração no Brasil.

A partir da segunda metade do século XX, a imigração ganha destaque nas estatísticas. O Gráfico 2 é relativo à quantidade de imigrantes por década.

Gráfico 2– Estatísticas do povoamento – imigração total - períodos anuais (1820-1970)



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2017⁵²

Além deste gráfico, o IBGE no livro *Brasil: 500 anos de povoamento*, também desenvolveu o gráfico relativo às principais nacionalidades que chegaram ao Brasil neste mesmo período. Italianos, portugueses, japoneses, espanhóis e alemães são as principais nacionalidades que aparecem na Figura 8:

⁵¹ O itálico na palavra *povoar* serve para indicar a crítica da idéia de povoamento. O que hoje é o território brasileiro já era povoado.

⁵²Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-total-periodos-anuais.html>>.

Figura 8– Tabela de imigração por nacionalidade (1884/1933) / imigração por nacionalidade (1945/1959)

Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723
Espanhóis	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
Italianos	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
Japoneses	NaN	NaN	11.868	20.398	110.191
Portugueses	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
Sírios e Turcos	96	7.124	45.803	20.400	20.400
Outros	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586
Total	883.668	852.110	1.006.617	503.981	717.223

Períodos	Alemães	Espanhóis	Italianos	Portugueses	Japoneses	Outros
1945-1949	5.188	4.092	15.312	26.268	12	29.552
1950-1954	12.204	53.357	59.785	123.082	5.447	84.851
1955-1959	4.633	38.819	31.263	96.811	28.819	47.599

FONTE: Adaptado de INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2017⁵³

Posteriormente à crise econômica mundial de 1929, a imigração diminuiu e evidenciou as migrações internas. Por diversos processos, entre 1930 e 1980, podemos afirmar que os fluxos da mobilidade de trabalho mais intensa no Brasil era a interna ao nosso território. Os dados, motivos e desdobramentos destas migrações internas não serão aqui aprofundados por escaparem ao nosso objetivo. Como já explicitado nesta seção anteriormente, as razões foram diversas⁵⁴.

Foi a partir da estagnação econômica da década de 1980, conhecida popularmente como década perdida, que a emigração brasileira se torna visível e expressiva em termos numéricos. No entanto, essa data não limita o processo, havia emigrações de brasileiros em momentos anteriores⁵⁵. Contudo, há um consenso entre pesquisadores da mudança significativa deste fluxo a partir da década citada e a posterior.

Se até a década de 1980 a mobilidade da população brasileira se estendia principalmente até os limites do território nacional, ao longo dos anos 90 o movimento de brasileiros, com a permanência e recrudescimento de intensa

⁵³ Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-total-periodos-anuais.html>>.

⁵⁴ Há diversos autores que trabalham o tema com centralidade, como exemplo o pesquisador Helion Póvoa Neto, Fausto Brito, Nelson do Valle Silva entre outros.

⁵⁵ Santos (2007) escreve que até os anos 1980 somente dois fluxos internacionais eram mais pontualmente analisados. Os fluxos de brasileiros para o Paraguai e seu retorno, e o descendentes de japoneses que para o território de seus ancestrais emigraram.

migração interna, toma também outra direção geográfica e transpõe limites territoriais: de diversas regiões brasileiras partem emigrantes para distintos países, especialmente Paraguai, EUA, Japão e para a Europa Ocidental. (SANTOS, 2007, p.24)

Teresa Sales (1995) salienta o importante papel da mídia brasileira na visibilidade do fenômeno social da imigração internacional, antes mesmo da própria academia ou autoridades. A autora assinala que em 1994 apenas a revista *Veja* (Ano 27, n. 36) havia dedicado 22 páginas ininterruptas ao tema, além da novela *Pátria Minha* de Gilberto Braga. Santos (2007) também faz referência a filmes do cinema brasileiro como o “Terra estrangeira” da década de 1990 e o do início do século “Dois perdidos em uma noite suja”. Assis e Sasaki (2001) relembram do “Planeta em Movimento” tema do caderno especial “*World Mídia*” do jornal Folha de São Paulo em 1991.

Mais pródiga tem sido a nossa imprensa e até dos países de destino dos fluxos migratórios brasileiros, que não tem se furtado de noticiar com muita frequência fatos e números em torno dos imigrantes. Segundo essas fontes, calcula-se, “[...] 1,25 milhão que teriam deixado o país entre 1985 e 1987 (uma evasão de quase 1% da população brasileira). Estamos fugindo de nossa década perdida pelos portões de embarque dos aeroportos.” (SALES, 1995, p. 5)

Contudo o Brasil emigrante faz parte de um contexto mundial de países que começam/intensificam a emigração na mesma época. Apoiado na flexibilidade dos mercados de trabalho, da produção e do consumo (os rearranjos do capital), na globalização e nos avanços dos meios de transporte e comunicação ⁵⁶.

As imagens e notícias, muitas vezes dramáticas, sobre os migrantes internacionais nesta virada para o século XXI, revelaram o crescimento das migrações, demonstrando diferentes facetas desse fenômeno. As imagens de albaneses chegando em barcos na Itália, de vietnamitas à deriva no mar da China, de chineses viajando em porões de navios para os EUA, de imigrantes ilegais atravessando a fronteira dos EUA com o México... (ASSIS, SASAKI, 2001, p. 4)

⁵⁶ Sobre os processos que alimentam o fenômeno da imigração mundial iremos nos aprofundar na seção 4 desta dissertação. Especialmente no que concerne a globalização.

5.2 “A SAÍDA”: O FLUXO EMIGRATÓRIO DO BRASIL PARA A REPÚBLICA DA IRLANDA

Esses, relativamente, novos fluxos migratórios de brasileiros para outros países possuem generalizações e especificidades. A principal generalização que pode ser feita é a faixa etária dos imigrantes, independentemente do destino, a maioria é composta por jovens adultos⁵⁷. Outra característica comum as imigrações de brasileiros são as frases: “tentar ganhar a vida” ou “ganhar qualidade de vida”⁵⁸. Não houve nenhum desastre natural massivo ou uma guerra no país nos últimos 40 anos. Portanto, os brasileiros são em grande maioria classificados como imigrantes voluntários, sendo essa voluntariedade compulsoriamente forçosa pelas condições socioeconômicas e de violência (insegurança social).

Todavia, as especificidades dos fluxos são apontadas por diferentes autores de acordo com o país/cidade destino. Por exemplo, Sales (1995) caracteriza o fluxo para Portugal como evasão de cérebros, na década de 1990, acentuando a facilidade do vínculo entre os dois países bem como a identidade linguística. No mesmo texto, a autora caracteriza a emigração com destino para os EUA como trabalhadores que seriam empregados no mercado de trabalho secundário ou informal, com altas taxas de ilegalidade.

O fluxo do Brasil para a Irlanda é ainda mais recente comparado aos supracitados. Perante as estatísticas, se compararmos os números de brasileiros nos EUA e na Irlanda, os últimos não teriam nenhum destaque. Como nesta pesquisa não levamos em consideração apenas a quantidade de brasileiros que vivem em Dublin, mas sim toda a história deste fluxo populacional, esta discrepância não desmerece o objeto analisado.

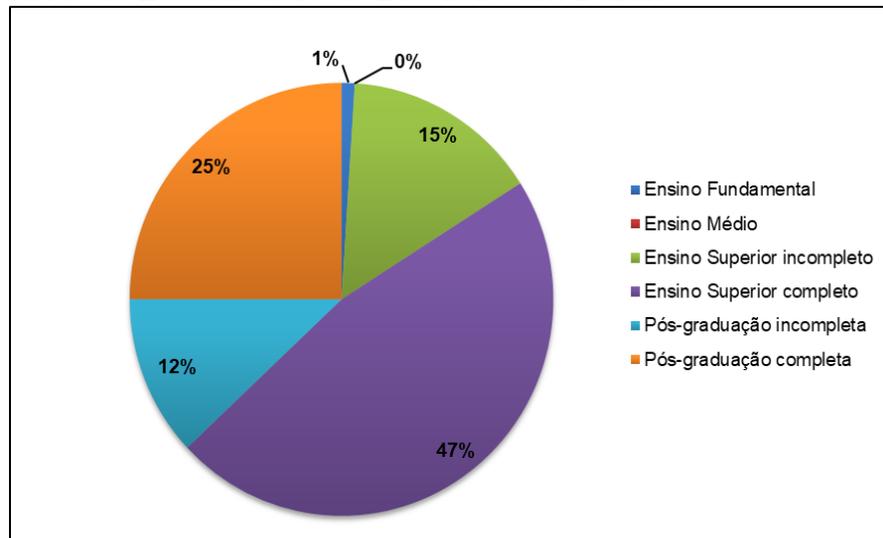
Perante a análise das 88 entrevistas a nós concedidas apenas uma pessoa declarou que pertencia à classe baixa, nos dizeres do próprio ao responder como era sua vida no Brasil, ele declara “simples, em todos os aspectos” (Entrevistado n63- STAMP 2). Ele também é o único que declarou escolaridade até

⁵⁷ Fato que reforça a relação presente da migração para com a dimensão do trabalho. As maiorias dos imigrantes estão na faixa de idade que representam trabalhadores ativos.

⁵⁸ Inclusive, frequentemente nos grupos das redes sociais online, as perguntas se configuravam como: “Da para ir para aí ganhar a vida?”, “É possível ganhar a vida na Irlanda com subemprego” ou “Penso em largar tudo, vender tudo e pagar uma escola para ir para a Irlanda. Achem que consigo ficar?”. Mais uma vez é explícita a relação migração-trabalho.

o ensino fundamental. Fora esse caso, todos os outros entrevistados pertenciam a Classe média no Brasil, com altos níveis de escolaridade como pode ser observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Nível de Escolaridade de Brasileiro em Dublin

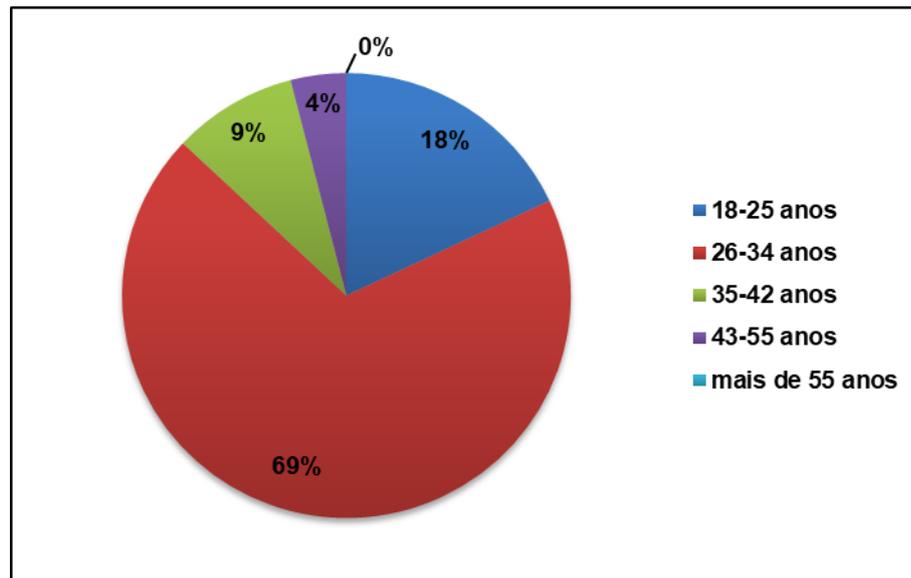


Nota: Entrevista disponibilizada online

Fonte: A autora, 2017

Nossos resultados vão ao encontro aos obtidos por Soares (2014) ao tratar dos imigrantes brasileiros na Irlanda. Em seus questionários 92% dos imigrantes possuíam ensino superior, destes, 21% possuía uma pós-graduação. Esses dados revelam o perfil selecionado na Irlanda, principalmente na capital, nos últimos anos. Reforçando a busca do país pelo desenvolvimento da ciência e da disponibilidade de mão de obra qualificada. Outro dado apontado pela entrevista, que também vai ao encontro com os dados apresentados por Soares, e por Reyntjens (2009) é a jovialidade dos integrantes desta mobilidade, caracterizados principalmente por Jovens trabalhadores, como observado no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Faixa etária dos brasileiros em Dublin



Nota: Entrevista disponibilizada online.

Fonte: A autora, 2017⁵⁹

Uma questão, sempre controversa, sonda após essa análise. Por que jovens de classe média (média alta), com empregos e boas oportunidades na realidade brasileira, largam ou param o que estão fazendo para imigrar para a Irlanda? Com essa pergunta no pensamento, a questão que abordamos este assunto na entrevista é aberta. É possível elencar os principais motivos pelas respostas, contudo, antes de passar para este gráfico, gostaria de fazer umas observações. Quando se trabalha em questionários com narrativas, ao invés de respostas objetivas é porque se entende a complexidade da pergunta. Como pode ser observada na narrativa de uma colaboradora:

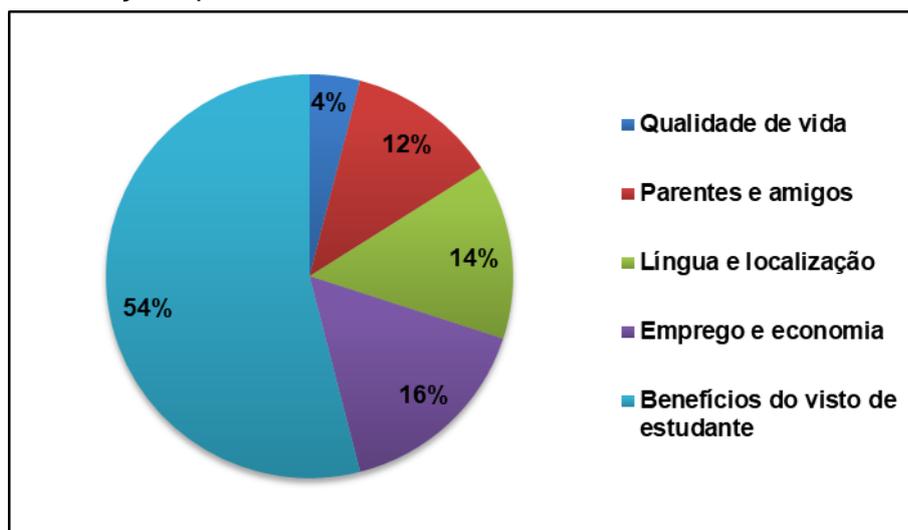
Em função do momento econômico e financeiro do Brasil decidi tirar um momento sabativo de dois anos para me qualificar e tentar aprender Inglês. Dublin é estratégico e custo-benefício bom, por está na Europa. Tinha muita vontade de conhecer outros países da Europa. Essa é uma grande vantagem vivendo aqui. O fato de não ser casada nem ter filhos somente colaborou positivamente com minha vinda. (Entrevistada n. 27, 2017)

⁵⁹ A faixa etária que observamos, apesar de aproximada, foram comparadas com as pesquisas de tema parecido, entretanto, gostaríamos de fazer uma observação. Como a entrevista foi disponibilizada online, em grupos de redes sociais, a possibilidade de encontrar imigrantes com idade mais avançada é mais difícil. Uma vez que, sabiamente, muitos não utilizam essas ferramentas ou passam menos tempo online.

Ora, como é passível de observação, há uma variedade de motivações servindo como impulso para a mobilidade desta colaboradora. O contexto econômico do Brasil, um *stress* expressado na necessidade de um momento só para ela, a língua inglesa, o custo-benefício do visto de estudante, e a situação particular de ser solteira e sem filhos. Outra motivação perceptível através das entrevistas é o *status quo* de ser imigrante na Europa perante o ciclo social deixado no Brasil. Milton Santos (2006) chamava atenção nesse sentido, quando afirma que “as classes médias amolecidas deixam absorver-se pela cultura de massa e dela retiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida”. Como alega vários colaboradores ao expressarem a oportunidade de imigrar como um privilégio. E é realmente uma parcela de privilegiados. Como vimos há pouco, os custos para imigrar são altos, raramente um brasileiro em condições socioeconômicas adversas consegue imigrar por conta própria. “Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção, mesmo porque não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram essa cultura de massa” (SANTOS, 2006, p. 222).

Alguns outros participantes foram taxativos e específicos ao que concerne as razões para a mobilidade com dizeres como, “*Único país na Europa que permite trabalhar e estudar*” (Colaboradora n. 23), “*Escolhi a Irlanda no geral. Para engenharia tem sido uma ótima opção*” (Colaboradora n. 35) e “*Visto de estudo/trabalho o que ajuda a se manter e talvez recuperar o investimento e pela facilidade de conseguir vir em comparação a outros países.*” (Colaboradora n. 41, grifo nosso). Nesses casos, a motivação é explícita, o que facilitou o trabalho de fazer o Gráfico 5. Ressalto mais uma vez que o gráfico representa apenas um indicativo.

Gráfico 5 – Motivações para Escolher a Irlanda



Nota: Entrevista disponibilizada online.

Fonte: A autora, 2017

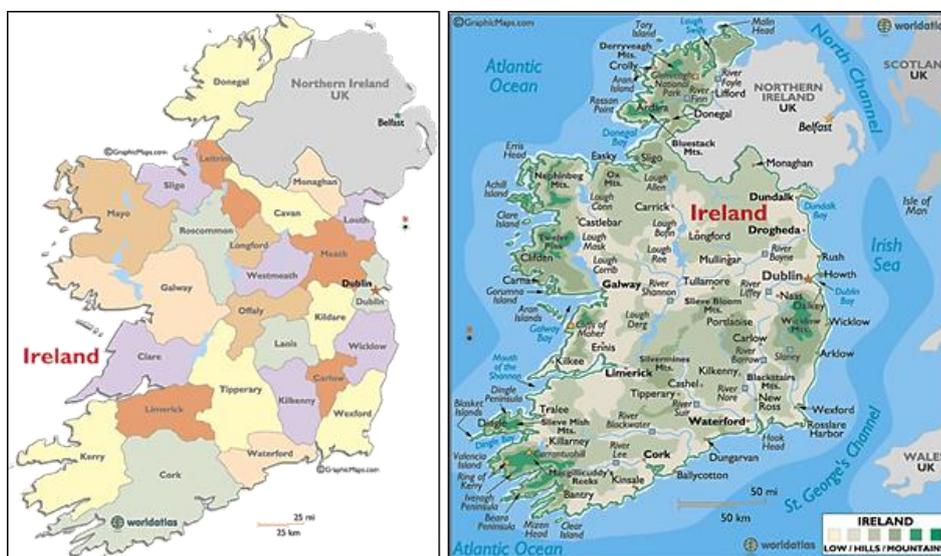
Muitos destes imigrantes largaram carreiras bem quistas no Brasil, casa própria, família, estudos para ir para a Irlanda. Caso como a assessora de Juiz em São Paulo, que agora é decoradora de festas no novo país. Para além da excessiva propaganda em torno das imigrações, que apontam a mobilidade do trabalho como a solução real das dificuldades impostas pela estrutura e por outro lado, da maravilha que o mundo europeu representa, existe a realidade concreta dos tempos atuais. A realidade de um mercado de trabalho, onde o trabalhador teve e tem que se reinventar para se qualificar, um mercado mundial dominado pela língua inglesa, taxas de desemprego em crescente e inflação e diminuição do poder de consumo, nos países “subdesenvolvidos”. Algumas comparações do senso comum dizem que os imigrantes provêm de países pobres. Ora, o Brasil não é um país pobre. Contudo, a discrepância social é uma das mais altas do mundo. São as desigualdades o motor da mobilidade, não a riqueza em si.

Não podemos desconsiderar o fato de que o espaço do migrante é um local dotado de sentidos, sendo que estes variam de indivíduo para indivíduo. O espaço da migração se torna um espaço particular para cada um, pois cada indivíduo terá uma consciência desse espaço. Muitas vezes a ideia de poder consumir, viajar, estudar em um país de primeiro mundo faz parte da ideia de obter uma vida melhor (SOARES, 2014, p.112).

6 DA EMIGRAÇÃO PARA A IMIGRAÇÃO: AS MUDANÇAS DE FLUXOS POPULACIONAIS NA REPÚBLICA DA IRLANDA

A República da Irlanda é um país de pequena dimensão territorial, com o total de sua área medindo aproximadamente 70.280 km². Porém com uma longa e rica história. O país ocupa a maior parte de sua ilha, situada ao Noroeste do continente europeu, nas coordenadas 53 00 N, 8 00 O (INDEXMUNDI, c2015). Está localizada entre o Oceano Atlântico e o Mar da Irlanda. A capital Dublin é a maior cidade da Irlanda, com uma população de 1.121 milhões dos 4.952.473 de habitantes da ilha (INDEXMUNDI, c2015). Conhecidamente nominada como Ilha esmeralda, por suas verdes planícies mantidas pela grande quantidade de precipitação durante todo o ano. O clima é o temperado marítimo, principalmente devido à corrente do golfo, com temperaturas anuais que não variam muito relacionados aos climas temperados comuns. O relevo é composto principalmente por planícies centrais dissecadas por pântanos, lagos e rios; cercados por colinas e montanhas baixas (WESLEYJOHNSTON.COM, [c20--]) (Figura 9). Esse conjunto de condições presenteia esta parte do mundo com belíssimas paisagens verdes por todo o ano.

Figura 9 – Mapas político e de relevo da Irlanda



Fonte: WORLDATLAS, c2016⁶⁰

⁶⁰Disponível em: <<http://www.worldatlas.com/webimage/country/europe/ireland/ie maps.htm#page>>.

Na parte Norte da ilha encontra-se a vizinha Irlanda do Norte, integrante do Reino Unido. A ilha foi dividida entre as duas Irlandas em eventos históricos relativamente recentes, década de 1920, depois de longos períodos de guerra e fome, que serão nesta parte brevemente analisados. Como veremos, o processo migratório deste espaço não pode ser entendido avulso a sua história.

A história demográfica e perfil de imigração da Irlanda podem ser descrito como único, pelo menos em termos de Europa. Desde o acontecimento da *great famine* no final da década de 1840, a população da Irlanda, especialmente a parte do país que se tornou independente em 1922, declinou continuamente por mais de cem anos, até o final de 1950. (MAC ÉINRÍ; WHITE, 2008, p. 153, tradução nossa)⁶¹.

6.1 A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA IRLANDA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Uma pesquisa realizada em 2008 pela OECD sobre a Irlanda informou que 15% das pessoas que viviam neste país a época eram nascidas em outros países. Durante aproximadamente uma década, o aumento significativo de imigrantes tornou-se objeto constante de pesquisas acadêmicas, de base de dados estatísticos pela ESRI e do CSO e de preocupação de administração pública.

A Irlanda ultrapassou os Estados Unidos, o Reino Unido e a França, três países que possuem uma história muito mais longa com a imigração. O número de nativos no país é menor que o número de estrangeiros, em torno de 10% da população. (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2008, p. 100, tradução nossa)⁶².

O crescimento da imigração de diversos países para Irlanda aconteceu de forma intensa em um curto período. Automaticamente, por muitos estudiosos, a causa explicativa deste fenômeno é o crescimento econômico do país, que o levou a ser denominado de *Tigre Celta*. O *boom econômico* da Irlanda é obviamente um

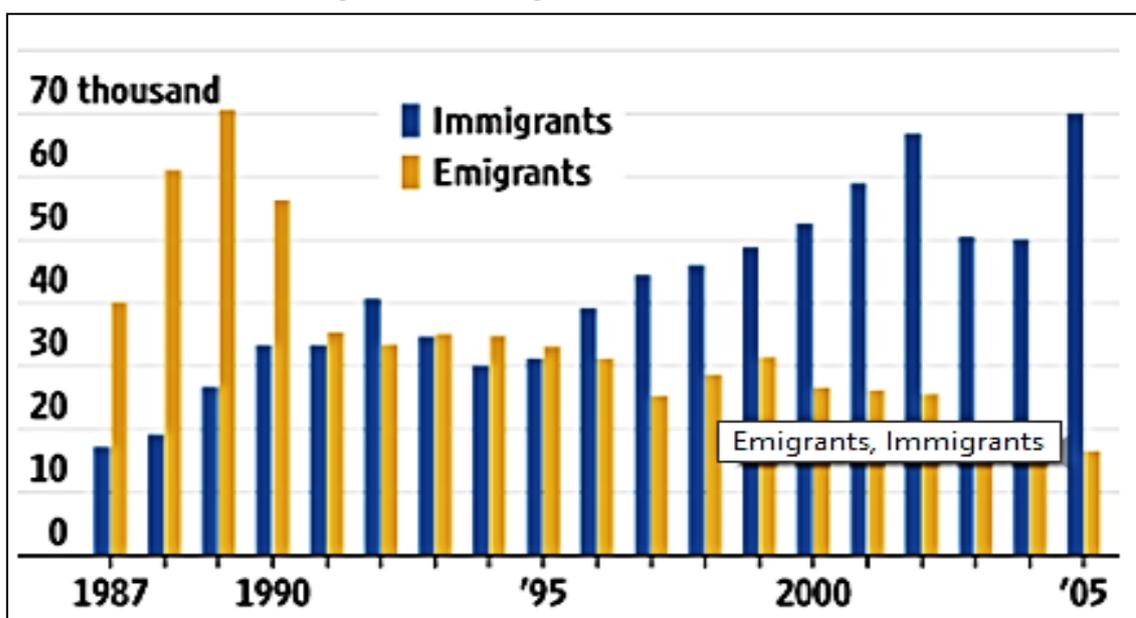
⁶¹ Do original: "Ireland's historical demographic and migration profile can fairly be described as unique, at least in European terms. From the Famine of the late 1840s, the population of Ireland, especially in the part of the country which subsequently became an independent state in 1922, declined continuously for a period of more than a century, until the late 1950s".

⁶² Do original: "Ireland has now surpassed the United States, the United Kingdom and France, three countries with much longer immigration histories. The number of nationals in the country is less than number of foreign born, at around 10% of the population".

importante motivo de atração de imigrantes. Porém, é necessário entender sua posição dentro da União Europeia, suas leis de migração, as leis de imigração de outros países e até mesmo a Língua Inglesa como a língua oficial. Esses fatos são outros facilitadores do processo. Alguns autores irlandeses também incluem os *welfare programmes* do governo da Irlanda.⁶³

A *explosão* de imigrantes no país, como pode ser observada no Gráfico 6, acontece a partir da década de 1990, mais precisamente se torna constante um saldo positivo de migração para o país a partir de 1996.

Gráfico 6 – Gráfico de imigrantes e emigrantes na Irlanda de 1987-2005⁶⁴



Fonte: PHILLIPS, 2006⁶⁴

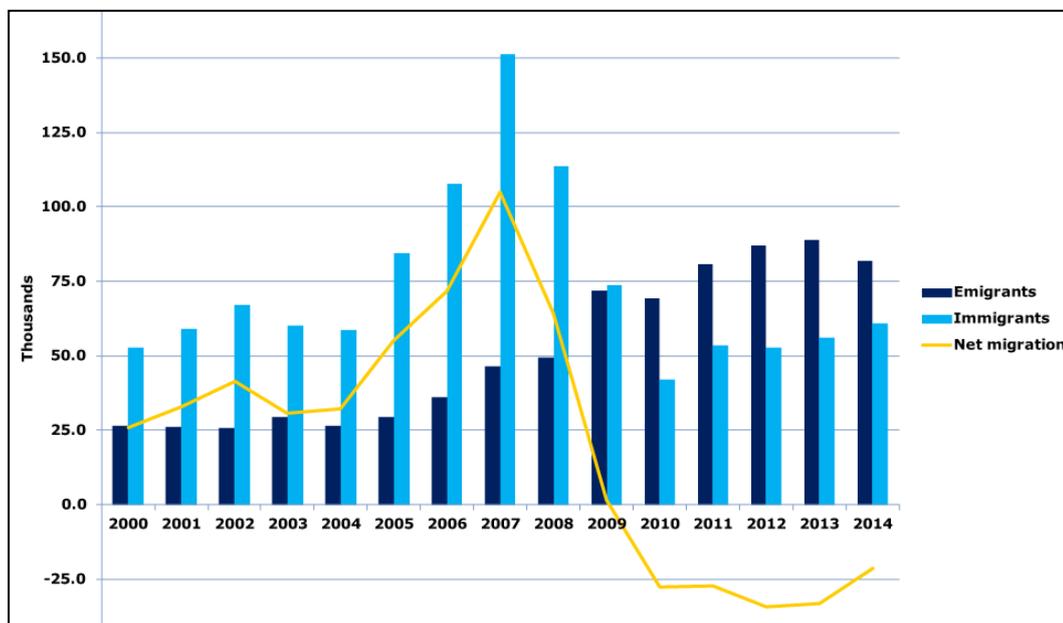
Foi a partir desta década que o saldo migratório irlandês passou a ser positivo e crescente até 2008 (Gráfico 7). No momento da última crise internacional do capitalismo financeiro, que “estourou” em 2008, começa a diminuir o fluxo de imigrantes para este país. Nesta seção buscaremos analisar a queda da imigração para a Irlanda com o objetivo de entender o porquê ocorre. Pode ser pela diminuição

⁶³ Pode ser pesquisado em “Immigrants and welfare programmes: Exploring the interactions between immigrant characteristics, immigrant welfare dependence and welfare policy”. De Alan Barrett e Yvonne McCarthy.

⁶⁴ Disponível em: <<http://online.wsj.com/public/resources/documents/info-irlandsecon06.html>>.

da procura e/ou pelo crescente rigor de seletividade dos imigrantes em suas fronteiras? Ou será apenas a crise econômica?

Gráfico 7 – Gráfico de imigrantes e emigrantes na Irlanda de 2000-2014



Fonte: RYAN, 2015, p. ⁶⁵

Todavia, a manchete do jornal da Irlanda, em 30 de abril de 2015, aponta uma dica, uma mudança de sentimento dos irlandeses em relação aos imigrantes: “*Ireland isn’t as welcoming as it used to be*” (RYAN, 2015). A reportagem é baseada na pesquisa de opinião pública sobre Imigrantes, onde foi apontado que a aversão aos imigrantes cresce na Irlanda. Além da percepção negativa apresentada, a reportagem revela que o sentimento do público não está relacionado a qualquer imigrante. O jornal divulga que para a opinião pública os imigrantes melhor integrados a sociedade irlandesa são os Britânicos, seguidos pelos de origem norte-americana, canadense, australiana e europeia ocidental. Do outro lado da lista, os que menos se integrariam a sociedade seriam os imigrantes de origem islâmica e Africana (RYAN, 2015).

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.thejournal.ie/irish-attitudes-towards-migrants-2076772-Apr2015/>>.

6.2 DE EXPORTADOR PARA IMPORTADOR DE TRABALHO

A história do espaço onde hoje se localiza a Irlanda é antiga. Até os dias atuais, a Irlanda é lembrada pela cultura Celta, povo conhecido pelas belas artes com metais e sua cultura complexa, além de serem constantemente associados ao misticismo religioso (derivado do paganismo). O cristianismo chegou à ilha por missionários, incluindo o Santo Patrício (St. Patrick), que é um dos ícones mais famosos da Irlanda atualmente. Esses missionários foram responsáveis não apenas pela introdução do catolicismo, mas também pela introdução do latim. Além dos católicos, houve também as invasões Vikings, civilização que deu origem a importantes cidades da atualidade da Irlanda, como Dublin, Limerick e Cork. A Irlanda absorveu todas essas culturas, ainda hoje sendo possível ver resquícios desta história em sua paisagem e no orgulho irlandês ao contar a história de seu país.

Na segunda metade do século XVII, inicia a história de mais de 700 anos de conflitos da invasão e dominação normanda/inglesa na Irlanda (STAMP, 2014). O evento histórico nominado *the reformation* deu início a longos séculos de intensos conflitos. Em 1534, foram derrubados chefes irlandeses que não se submetiam ao rei inglês. Houveram grandes massacres, implantação da política *plantation*. Período em que ocorreu o confisco de terras dos proprietários irlandeses católicos, que foram oferecidas aos colonos protestantes. A Irlanda Católica foi conquistada e a religião tornou-se uma fonte de divisão e conflito, um papel que manteve até tempos recentes. Devemos observar que até esse momento a Irlanda não era dividida. No século XVIII, as leis continuaram a discriminação contra os católicos, e acentuaram-na com a proibição da língua *Gaelic* (de origem Celta). No início do século XIX, a Irlanda se tornou parte do *The United Kingdom of great Britain and Ireland*.

Em 1845, uma praga atingiu a produção de batata, além de ser a base da economia a época, era o alimento mais importante para muitos irlandeses. O site da BBC inglesa, afirma que cerca de um milhão de pessoas morreram de fome ou doença a está relacionada, outro dois milhões de pessoas conseguiram emigrar no período de uma década. Essa época é a famosa e trágica *Great famine*. A página da UCC (*University College Cork*), no texto de título *Irish Emigration History* (UNIVERSITY COLLEGE CORK, c2017) apresenta dados ainda mais alarmantes,

segundo o texto aproximadamente 10 milhões de pessoas emigraram da Irlanda desde 1800, para muitos irlandeses a grande fome foi um *golpe* final para decidir pela migração. Os destinos mais comuns foram a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Canadá, sendo Liverpool a primeira cidade a ser “invadida” por um exército de refugiados (MOODY; MARTIN, 2001). A população continuou a declinar nos anos que seguiram, de forma mais lenta, até a segunda metade do século XX, contando com o EUA como principal destino. “Entre 1871 e 1961, a emigração líquida anual média da Irlanda superou consistentemente o aumento natural da população irlandesa, que diminuiu de cerca de 4,4 milhões em 1861 para 2,8 milhões em 1961” (RUHS; QUINN, 2009) ⁶⁶.

No início do século XX, acentuou os movimentos que solicitavam a reforma agrária e adeptos a tornar o gaélico a língua oficial da Irlanda, apesar da forte oposição protestante frente essas exigências. Em 1900, começa uma guerra civil, que é abrandada em 1914, com a aprovação da lei do *Home Rule*, na tentativa de oferecer à Irlanda alguma autonomia frente a pressão popular. Porém, esta lei foi suspensa quando a primeira guerra mundial começou. Em abril de 1916, houve a Revolta de Páscoa, que apesar de não ter se espalhado para além de Dublin, a prisão e execução de seus líderes foi um marco para a mudança da opinião pública em favor da independência.

A Guerra da Independência irlandesa começou em 1919 e continuou até 1921. Em 1922, os 26 condados do sul da Irlanda se separaram do Reino Unido, o novo país se denominou Estado Livre Irlandês. O gaélico foi restaurado a língua oficial nacional, junto com o inglês, e o catolicismo recuperado. Os outros seis condados no norte da Ilha, chamado Irlanda do Norte, permaneceram parte do Reino Unido. Mesmo com a Independência a emigração irlandesa não parou. A mudança no fluxo ocorreu quanto ao destino preferencial. Com a depressão dos anos 30, o grande crash da bolsa em 1929, que afetou principalmente os EUA, o destino principal da emigração se estabeleceu na Grã-Bretanha. Até os anos 1990, havia o déficit migratório no país. “Com exceção da década de 1970, quando, pela primeira vez na história irlandesa, a migração líquida para a Irlanda foi positiva, as

⁶⁶ Tradução nossa: “Between 1871 and 1961, the average annual net emigration from Ireland consistently exceeded the natural increase in the Irish population, which shrank from about 4.4 million in 1861 to 2.8 million in 1961.”

saídas continuaram a exceder os influxos até o início da década de 1990” (RUHS; QUINN, 2009)

Todavia, a independência não terminou com o conflito, havia um conflito sectário na Irlanda do Norte, entre nacionalistas. De um lado, católicos queriam que a Irlanda do Norte se unisse à República da Irlanda. Do outro lado, as majorias protestantes, que eram leais à Grã-Bretanha. Esta agitação explodiu violentamente no final dos anos 1960, um tempo chamado *Troubles* (STAMP, 2014). O IRA (*Irish Republican Army*) é o grupo mais conhecido pela luta religiosa e política de católicos contra protestantes na ilha. Este conflito só terminou em 1998, quando um acordo de paz foi assinado.

6.2.1 Bases históricas para o *boom* econômico da Irlanda

Como já observado, no breve resumo, a história da Irlanda foi conturbada até a guerra civil e após essa. Sempre caracterizado pela economia pouco desenvolvida, de base agrária, baixa qualidade social e dependência a Industrialização Inglesa. Contudo, a transformação da Irlanda, não apenas no âmbito econômico, surpreendeu o mundo. Será que foi mesmo uma surpresa? Quais serão as razões para essa mudança? Iremos nos engajar em uma discussão profunda, com bases bibliográficas provenientes, principalmente, da área econômica. Portanto, seremos o mais objetivo possível tentando fazer as conexões necessárias para prosseguir. Em resposta ao relatório da *Economic Survey on Ireland* (OECD), o professor McAleese, acentua a problemática:

Senhor, você está certo em afirmar que a economia irlandesa não é mais o homem doente da Europa (Observador 217/218, 1999). Considerando que o rendimento nacional per capita da Irlanda cresceu apenas 1,8% ao ano durante a maior parte do século XX, nos últimos seis anos [desde 1993] o rendimento per capita cresceu mais de 6% ao ano. Embora a transformação do desempenho econômico seja relativamente recente, a economia irlandesa é um estudo de caso interessante sobre o vínculo entre política econômica e crescimento. O seu *Economic Survey of Ireland 1998-1999* ilustra o quão difícil é, até mesmo, para os economistas mais experientes explicar a reviravolta da Irlanda. (MCALEESE, 1999).

O motivo da crítica ao relatório da OECD é que o boom, segundo o professor, reflete uma confluência de vários fatores e isolar a influência de qualquer subconjunto deles pode ser problemático. Obviamente, por ser economista, muitos fatores que o citado autor se refere são aspectos puramente econômicos. Logo após tornar-se independente, a Irlanda apoiada no desejo de legitimar sua autonomia, optou por um governo de políticas econômicas protecionistas. O Estado assumiu todas as empresas de fornecimento básico do país, como fornecimento de energia, água, bancos, navegações e previdência. A Irlanda passou quase três décadas estagnada economicamente. O maior parceiro comercial continuava a ser o Reino Unido (fruto da relação de dependência anterior), e o país não atraía investimentos ou empresas internacionais (GOULART, 2008). Bradley (1999) acrescenta em 1924 as exportações para a Grã-Bretanha representava 99% do total de exportações irlandesas, esse número reduziu para 93% em 1950.

Enquanto os chefes políticos do Sul podem ter sido menos assertivos e inovadores do que era desejável, na ausência de um setor industrial robusto, provavelmente havia muito pouco que poderia ter sido alcançado para acelerar uma dissociação econômica do Sul em relação a Grã-Bretanha anteriormente. (BRADLEY, 1999, p. 45)⁶⁷.

Segundo Goulart (2008), a partir dos anos 1950, as políticas tomaram outros rumos em função da recessão econômica e da insatisfação social. A autora ainda enfatiza, a relevante criação do Mercado Comum Europeu como influência nas medidas liberais adotadas, mesmo a Irlanda ainda não fazendo parte do grupo. Em 58, o Governo irlandês propôs *The First Programme for Economic Expansion*. Na década que se segue, o programa busca principalmente diminuir as barreiras tarifárias, liberalização do mercado e gerar empregos (BRADLEY, 1999).

Em 1973, a Irlanda se junta à Comunidade Europeia, sendo este fato um ponto marcante no caminhar para se tornar o tigre celta. Essas primeiras mudanças políticas, econômicas e sociais foram contribuidoras para o saldo positivo migracional na Irlanda. Contudo, é importante salientar que este período não foi marcado apenas por mudanças positivas.

⁶⁷ Tradução nossa: “While southern policy makers may have been less assertive and innovative than was desirable, in the absence of a robust industrial sector there is probably very little that could have been achieved to accelerated an earlier economic decoupling of the South from Britain”

Juntamente com a liberalização do mercado e com a entrada de capitais externos, surgiu o aumento da inflação (reflexos diretos do enfraquecimento das políticas fiscais e monetárias e, também, do choque do petróleo de 1973) e o endividamento externo. Além destes fatores, permanecia existindo uma preocupante falta de oferta de vagas no mercado de trabalho [...] (GOULART, 2008, p. 17).

Assim como o Brasil⁶⁸, os anos de 1980 também foram uma “década perdida” para a Irlanda. Pelo crescimento baseado em empréstimos internacionais, influenciada também pela crise econômica mundial, causou a diminuição da prosperidade econômica e social que acabara de aflorar. A consequência principal da crise econômica foi o grande aumento da taxa de desemprego e a emigração que alavancava novamente. No sentido de recuperar o crescimento do país, em 1987, o governo propôs o *Programm for National Recovering*” (1987-1990). A principal intenção do governo era de negociar os salários entre governo, empresários e trabalhadores. O acordo era para “frear” os aumentos de salários, em contrapartida a promessa de pagamentos reduzidos de impostos e melhoria da qualidade de vida (GOULART, 2008).

Da mesma forma dos casos dos países em desenvolvimento que estavam também em crise na época, a Irlanda optou por uma estratégia neoliberal. Contudo, por causa de sua posição geográfica, pertencimento a União Europeia, política social e língua oficial, destaca-se dos casos da América Latina, por exemplo. O capital precisa de novos espaços para continuar a desenvolver e acumular, principalmente pós crise. E precisa de outros espaços para superexplorar, principalmente, bens primários. É o ciclo de países desenvolvidos e subdesenvolvido a que Smith (2006) se refere. A Irlanda e alguns países orientais, descaram-se pós crise do petróleo em 1973. No entanto, outros países que também adotaram o modelo neoliberal não atingiram o mesmo êxito. O fazer parte da EU, forçava a Irlanda a se adequar a um padrão social imposto. Padrão esse que apenas países desenvolvidos possuem, com altos níveis de educação, saúde etc.

Portanto, as mudanças nos setores de serviço também contribuíram para o atual destaque do país no cenário mundial. Segundo Goulart (2008), as telecomunicações configuraram-se em uma área de importante investimento e reforma, que passou a ser responsabilidade da empresa estatal autofinanciável

⁶⁸ Obviamente, com características específicas econômicas sociais e políticas diferentes, a década de 1980 foi um período de crise para a maioria dos países emergentes.

Telecom Eireann. Um dos grandes feitos dessa empresa foi equipar todo o país com fibra ótica, dessa forma, adentra-se no sistema único de técnicas que Milton Santos (2008) alude. Assim sendo, essas reformas disponibilizaram o conjunto de técnicas imprescindíveis para atuar na economia globalizada em uma posição privilegiada. Outro aspecto importante das mudanças na Irlanda foi a educação. Na década de 1980, abriram-se novas universidades e escolas regionais técnicas, principalmente na área de energia e tecnologia de informação (GOULART, 2008). O investimento em educação, como não podia deixar de ser, era um investimento em longo prazo. Objetivava a qualificação da mão de obra dos irlandeses, como um fator chave para atração de empresas estrangeiras de tecnologia.

McAleese (1999) ressalta outro problema em relação à análise da OECD, os diferentes atrasos de tempo entre a política e o resultado. O pesquisador explica que as mudanças na política educacional, por exemplo, levarão anos para se concretizar, enquanto, cortes nos impostos serão sentidos em um curto espaço-tempo. Nessa vereda, os dois fatores mais frequentemente apontados são as transferências dos fundos da União Europeia e os investimentos estrangeiros (principalmente provenientes dos EUA).

Goulart (2008) afirma que os fundos de transferências foram empregados para avanços na infraestrutura do país, principalmente na região da Capital. Além de investido na melhoria da educação e telecomunicações, foram também construídas novas estradas e os aeroportos foram revitalizados. As transferências “foram muito mais importantes para a Irlanda proporcionando a capacidade produtiva do país no longo prazo do que criando empregos diretos num curto prazo.” (GOULART, 2008, p.22).

O investimento estrangeiro foi, juntamente com as variáveis supracitadas, responsável pelo crescimento econômico. A Irlanda que caminhava para esses investimentos com as reduções das barreiras tributárias desde os anos 1950, tornou-se altamente atrativa para o capital internacional ao final da década de 80. Nessa vereda, a Irlanda ainda contou com outros programas políticos, sociais e econômicos para se tornar o tigre Celta. O *Programme for Economic and Social Progress* (1991-1993), *Programme for Competitiveness and Work* (1994 – 1997), *Partnership 2000* (1998-2000), *Programme for Prosperity and Fairness* (2000-2003), *Sustaining Progress* (2003-2005) e *Towards 2016* (2006-20015) (IRISH NATIONAL

ORGANIZATION OF THE UNEMPLOYED, c2017). Cada programa caminha no mesmo sentido que discutimos até o momento.

6.2.2 O início das imigrações do mundo para a Irlanda

Como discutido anteriormente, o histórico da migração no país começa a se transformar com as mudanças econômicas. Nessas décadas são os Irlandeses que, pela conjuntura econômica positiva, veem uma oportunidade de retornar ao país de origem. Porém, o grande *boom* econômico começou nos anos 90. A Irlanda que por muito tempo foi conhecida como um país de base econômica rural tornou-se nas últimas duas décadas um polo popular europeu para a instalação de companhias de tecnologia Norte America. A cidade de Dublin recebeu companhias como Google, Facebook e Twitter (BRYANT, 2011).

O “boom” econômico irlandês durante a década de 1990 trouxe níveis de prosperidade sem precedentes e ajudou a transforma-lo em um “país da imigração” no início dos anos 2000. Pela primeira vez na sua história, a Irlanda experimentou um fluxo significativo de imigrantes- por ambos, trabalhadores e requerentes de asilo- de fora da União Europeia. (RUHS; QUINN, 2009, tradução nossa)⁶⁹.

A primeira *onda* de imigrantes, após o retorno dos próprios irlandês, era composta, como já pincelamos anteriormente, principalmente, pela população do atual leste Europeu. Um exemplo desse fato são os inúmeros imigrantes vindo da Polônia, entre os anos de 1994 e 2004, pela facilidade dos mesmos na obtenção do visto de trabalho temporário e necessidade de trabalhadores na área de construção, sobretudo. Como outrora mencionado, muitos autores consideram a imigração como uma surpresa para o governo e população irlandesa nesta época. Esses acreditam que a facilidade de imigrar para o país foi devida as lacunas que existiam em sua legislação e fiscalização. Outros autores apontam para a necessidade da Irlanda, no momento ápice de seu crescimento econômico, do Estado ser a ponte facilitadora

⁶⁹Do original: “*Ireland's economic boom during the 1990s brought unprecedented levels of prosperity and helped transform it into a "country of net immigration" by the early 2000s. For the first time in its history, Ireland experienced a significant inflow of migrants — both workers and asylum seekers — from outside the European Union*”. Disponível em: <<http://www.migrationpolicy.org/article/ireland-rapid-immigration-recession>>.

para que a mão-de-obra necessária pudesse chegar ao país para se venderem as multinacionais, prestação de serviço e diversos outros setores que ali se instalavam e/ou cresciam.

Entre 1998 e 2008, o número de *work permits* aumentou drasticamente, e cerca de 280 mil permissões de trabalho foram emitidas no total, em grande parte em ocupações de baixa qualificação. Os números permitidos por este sistema caíram desde o início da década de 2000, como resultado do fato de o governo tentar equilibrar a abertura do mercado de trabalho aos migrantes dos New Member State (NMS). O foco agora é o recrutamento de cidadãos da UE principalmente, bem como imigrantes altamente qualificados de países não pertencentes a EU para preencher a escassez do mercado de trabalho qualificado, já que as ocupações de baixa qualificação estão atualmente sendo preenchidas por migrantes do NMS. (ROEDER, A., 2011, p. 9, tradução nossa)⁷⁰.

Outros imigrantes que aparecem são os refugiados, que não necessitam de permissão para adentrar no mercado de trabalho, caso lhes sejam garantidos os documentos de permanência com este status jurídico. Eles também recebem o acesso a todos os direitos sociais (ROEDER, 2011). Outro grupo pelos autores citados são os imigrantes estudantes, que já discutimos nesta pesquisa. Esses estudantes possuem maior aparição no início dos anos 2000.

A situação mais recente da imigração irlandesa é a concessão de 6.850 cidadanias em 2017. Em 31 de Dezembro do último ano, o ministro Flanagan discursou:

Estou encantado de felicitar os 6.850 novos cidadãos irlandeses que foram formalmente conferidos com cidadania ao longo de 2017. Foi um privilégio particular poder participar de algumas dessas cerimônias pessoalmente e compartilhar esses dias especiais em que recebemos os membros mais novos da nossa família nacional. Estou ansioso para ver as inestimáveis

⁷⁰ Do original: “Between 1998 and 2008, numbers of work permits rose dramatically, and around 280,000 work permits were issued in total, largely in low skilled occupations. The numbers permitted under this system have fallen since the early 2000s as a result of the government attempting to balance the opening of the labour market to New Member State migrants. The focus now is on recruiting EEA nationals primarily, as well as highly skilled immigrants from non-EEA countries to fill labour market shortages, as low skilled occupations are now largely being filled by NMS migrants.” Disponível em: < https://www.academia.edu/1393072/Polish_migration_to_Ireland_-_A_literature_review_2011_>

contribuições de cada um desses cidadãos, e seus filhos e netos para vir, farão para o nosso país. (INIS, 2017, tradução nossa).⁷¹

6.3 “A CHEGADA”: O FLUXO IMIGRATÓRIO DE BRASILEIROS NA REPÚBLICA DA IRLANDA

Como já mencionado o primeiro registro de brasileiros imigrantes na Irlanda data da última década do século XX. O mais provável é que este fluxo tenha começado principalmente pelo Estado de Goiás em direção a Irlanda, com a exportação de mão de obra. O movimento de acordo com Silva (2011) está diretamente relacionado com o fechamento do frigorífico Bordon, localizado na vila Fabril em Anápolis-GO. Em sua pesquisa etnográfica a autora localizou que os primeiros fluxos em direção a Irlanda foram originários de Presidente Epitácio e Bagé – SP, Cassilândia – MS, Anápolis, Goianésia, Goiânia, Pires do Rio e Santo Antônio do descoberto – GO. Esses trabalhadores foram recrutados para frigoríficos em várias cidades da Irlanda: Ballyjamesduff, Dublin, Gort, Kilbeggan, Nass, Navan, Roscommon e Tullamore. Neste momento, os trabalhadores possuíam intermediários entre os frigoríficos irlandeses e os trabalhadores brasileiros. Ainda de acordo com Silva (2011), estes agentes selecionavam a mão de obra e direcionavam para as empresas estrangeiras. Além dos agentes, muitos goianos também conseguiram emigrar pelo laço familiar ou de amizade com imigrantes que já estavam na Irlanda. A autora ainda informa que há casos de ajuda não apenas com informações, mas também auxílio financeiro. O caso mais emblemático e exaustivamente discutido pela mídia é o fluxo que foi direcionado para a cidade de Gort, no condado de Galway. No início o destino destes imigrantes era também trabalho no processamento de carne na cidade. O fluxo foi tão intenso que Gort ficou conhecida como *Little Brazil*, e teve cerca de 30% de sua população formada por brasileiros (SHERINGHAM, 2009)⁷². No entanto, a cidade atualmente não recebe mais um fluxo de imigração intenso como antigamente. Isso se deve pela queda da

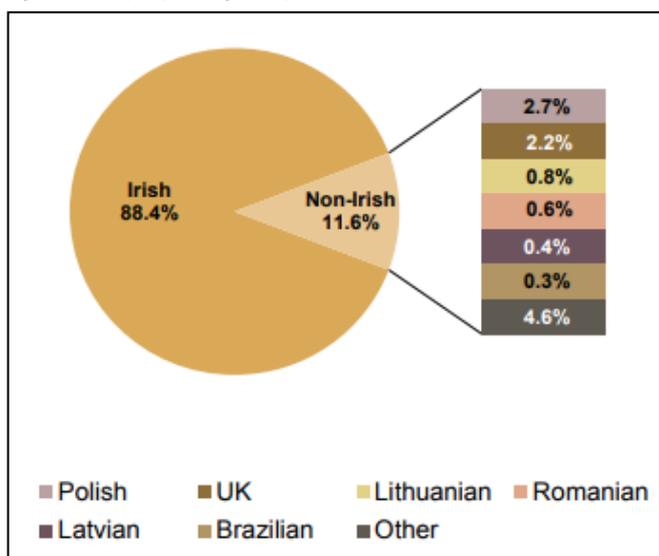
⁷¹ Do original: “*I am delighted to congratulate the 6,850 new Irish citizens who were formally conferred with citizenship over the course of 2017. It was a particular privilege for me to be able to attend some of these ceremonies in person and to share in these special days where we welcomed the newest members of our national family. I look forward to seeing the invaluable contributions each of these citizens, and their children and grandchildren to come, will make to our country.*” Disponível em: <<http://www.inis.gov.ie/en/INIS/Pages/press-release-minister-citizenship-in-2017-311217>>.

⁷² Para maior aprofundamento no caso específico da cidade ver a tese de Silva (2011).

oportunidade de emprego no local, e pela dificuldade atual de conseguir visto de trabalho para trabalhadores não qualificados⁷³.

O fluxo que começou na década de 1990, apenas para o trabalho em frigoríficos, aumentou significativamente na primeira década do século XXI, e continuou a crescer na segunda. A realidade é que não é possível mensurar em números a quantidade exata de brasileiros na Irlanda, e conseqüentemente em Dublin cidade que tem se tornado o destino preferencial⁷⁴. O censo de população de 2016, realizado pelo CSO, produziu a tabela abaixo com o número de porcentagem de não irlandeses no país, e o Brasil representa 0,3% da população (Figura 10).

Figura 10 – Distribuição da população por nacionalidade, 2016



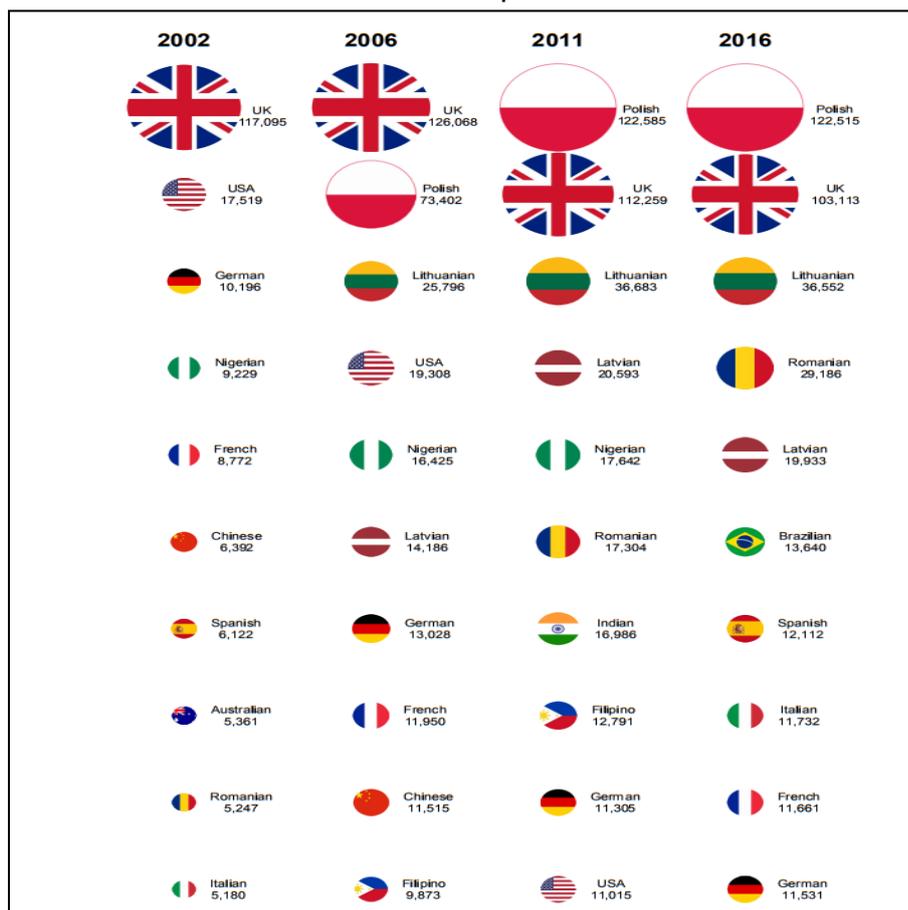
Fonte: IRELAND, 2017, p. 50

Se compararmos de uma forma geral os dados do censo realizado em 2011 com o de 2016, a participação dos brasileiros está muito mais evidenciada no segundo. Apesar de em 2011 os imigrantes brasileiros aparecerem pontualmente na pesquisa, apenas em 2016 é incluído no “top 10” das nacionalidades que compõem a população, como mostra a comparação abaixo (Figura 11):

⁷³ Por qualificado, reforço o termo utilizado pelo sistema de imigração da Irlanda que caracteriza o trabalho remunerado (que não seja o voluntário, trabalhos organizados por ONG ou missão religiosa e estágios) em dois grupos: Low skilled workers X High Skilled workes. Iremos tratar especificamente destes termos no capítulo 6.

⁷⁴ Dado comprovado também pela pesquisa da IOM, (REYNTJENS et al., 2009).

Figura 11– População das primeiras 10 nacionalidades não irlandesa que normalmente residem na Irlanda por tamanho e censo



Fonte: IRELAND, 2017, p. 52

No corpo texto da pesquisa é mencionado que os brasileiros, antecidos pelos romenos e seguidos pelos espanhóis, são os três grupos que mais cresceram desde o último censo. Importante acentuar que dos três grupos apenas os brasileiros precisam se submeter ao controle de imigração. Na figura acima, de todos os países inclusos no “top 10” no ano de 2016, apenas o Brasil não pertence à União Europeia (o BREXIT⁷⁵ ainda não estava em vigor). Cabem aqui algumas perguntas: O Brasil possui algum acordo especial de imigração com a Irlanda? Este fluxo crescente ainda permanece ligado aos trabalhadores de frigoríficos?

Antes de tentar responder as perguntas, é importante fazer uma ressalva: a mensuração da imigração, principalmente da brasileira neste caso, é mais complexa do que os números mostram. Nas estatísticas é apontado que o grupo de

⁷⁵ BREXIT foi como ficou conhecido o movimento de saída do Reino Unido (Escócia, Inglaterra e Irlanda do Norte) do bloco da União Europeia.

estrangeiros residentes diminuiu desde o último censo, uma das explicações para esta realidade é a dupla nacionalidade (Irlandesa + qualquer outra nacionalidade). O número de dupla cidadania irlandesa cresceu 87,4% desde 2011. O caso dos brasileiros ainda possui as duplas cidadanias com outros países como a Alemanha, Portugal e Itália (principalmente). No caso da dupla cidadania Brasil-Irlanda geralmente acontece por casamento ou por tempo de trabalho no país. As outras mencionadas, por possuir antepassados na linha genealógica da pessoa requerente. As regras são diferentes para cada país para pedir a cidadania por ser descendente, mas é muito comum visualizar propagandas nos Grupos On-line de pessoas buscando informações ou oferecendo serviços para pedir a Dupla cidadania. Portanto, todos esses duplos nacionais não estão nas estatísticas como brasileiros.

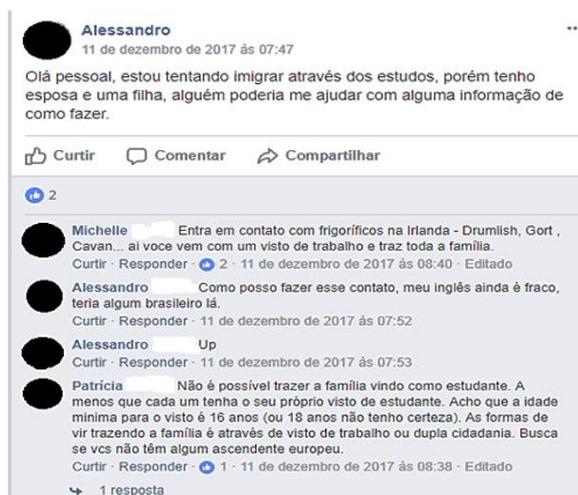
Através da análise dos Grupos de Redes sociais online, das entrevistas e dos trabalhos de Silva (2011) e Soares (2014), é possível fazer um esboço da comunidade brasileira na Irlanda. De forma genérica no primeiro momento na década de 1990, a maioria dos imigrantes era composta por trabalhadores e suas famílias. Estes se localizavam principalmente nas pequenas cidades da Irlanda, com exceção de Dublin. A característica principal destes trabalhadores era que serviam para suprir a necessidade de mão de obra braçal, principalmente em frigoríficos, mas também em fazendas e muitas mulheres como cuidadoras ou em trabalho de limpeza. Essa realidade de imigrar por trabalho braçal, com o visto apenas para o trabalho, é cada vez mais rara.

No início do século XXI, com o alargamento da classe média no pós 2002, surge um perfil diferenciado do emigrante brasileiro com destino a Irlanda, o estudante. Muitas pessoas disseram que não responderiam a entrevista, pois eram apenas estudantes. Será que um estudante pode ser classificado como imigrante? Qualquer indivíduo brasileiro que pretenda permanecer na Irlanda por mais de 3 meses é considerado imigrante pela justiça do país. O Brasil possui um acordo com os países membros da UE, assinado no governo Dilma, ao qual faz alusão a ausência de requerimento de visto prévio para qualquer brasileiro que comprove estar viajando apenas a turismo, por no máximo 3 meses (BRASIL, 2012)⁷⁶. Sendo

⁷⁶ O acordo está em vigor desde assinado, entretanto, cabe as autoridades nos aeroportos a decisão final. Os agentes da imigração de cada país pedem, além do passaporte, provas das intenções do viajante. Caso acreditem que há alguma chance da pessoa exceder o tempo de três meses estimado (isso é bem subjetivo como veremos) o país se guarda no direito de não aceitar a entrada, e de

assim, os estudantes que possuem o famoso STAMP2 marcado em seus passaportes, são sim considerados imigrantes. Imigrantes que para o governo da Irlanda devem ser definitivamente temporários. Mas não é o que acontece sempre. Além do programa “ciências sem fronteira” do governo federal, e raramente estudantes por conta própria de graduações e pós, a porta de entrada principal são as escolas de Inglês. Vários destes estudantes, também chamados de intercambistas, realmente só querem aprender o Inglês e retornar para o Brasil. Contudo, há uma grande quantidade de imigrantes que veem a oportunidade de estudar Inglês e estudar como uma forma de entrada no país, até conseguirem uma forma de ficar permanentemente. É possível perceber na Figura 12, que o imigrante em potencial está disposto a ir como estudante, para ficar permanente. Inclusive, na primeira resposta a oportunidade de trabalho em frigoríficos volta a aparecer. A maioria das escolas de Inglês para estrangeiros se encontra em Dublin, mas existem estudantes que optam por outras cidades como Cork, Galway e Limerick.

Figura 12 – Post de busca de informações em Rede Social Online.



Nota: Print retirado do site Facebook, dez. 2017

Fonte: A autora. Arquivo pessoal

Há outras duas formas frequentes verificada pela pesquisa. Uma já mencionada, que são os imigrantes brasileiros que possuem dupla cidadania com algum país europeu e vão para a Irlanda trabalhar. Essa parcela de trabalhadores é

deportar a pessoa neste caso. A deportação tem como consequência a exigência de um tempo mínimo que a pessoa não poderá entrar no país.

heterogênea. Muitos trabalham nos empregos classificados como serviços (caixas, recepcionistas, assistente de professora em creches) e outros em profissões similares a que exerciam no Brasil. A última forma verificada são os trabalhadores que se enquadram no *Employment Permit holders*, este visto é para trabalhadores altamente qualificados. Normalmente as posições que ocupam são na área de tecnologia ou saúde.

7 A REALIDADE DO IMIGRANTE BRASILEIRO EM DUBLIN

Esta subseção é dedicada a tentativa da narrativa das histórias conosco divididas. É o momento de caráter mais subjetivo da pesquisa e a subjetividade apresenta desafios específicos. São histórias compartilhadas, parte de todos os processos discutidos até agora, ou melhor, são os agentes desses processos “em que fatores objetivos e subjetivos se relacionam dialeticamente” (SILVA, 2007, p.61). São vidas compartilhadas e divididas, podem ser opostas umas às outras e ainda assim possivelmente complementares. São as narrativas dos movimentos que imprimem marcas no espaço que o migrante percorre e vive. Esse sujeito que na trajetória procura reaprender o que nunca o ensinaram, e aos poucos vai substituindo a sua ignorância do novo espaço ao entorno por um conhecimento, ainda que fragmentário (SANTOS, M., 2006).

Em adicional proporemos uma subseção que não tinha sido pensada ou planejada. Durante as análises das entrevistas, alguns assuntos de extrema relevância foram levantados pelos colaboradores. Mesmo que brevemente, vamos tentar dar um destaque a dois pontos: os conflitos entre os imigrantes e as mulheres brasileiras em Dublin.

7.1 DUBLIN PARA OS BRASILEIROS

Uma das perguntas da entrevista era: “Suas pretensões iniciais mudaram desde a chegada na Irlanda?” Ao formular essa pergunta tinha em mente minha própria história. Fui para a Irlanda como a maioria dos brasileiros, com visto de estudante. Na época, o visto dava direito a uma estadia de 1 ano, e trabalho. Minhas pretensões era aprender o Inglês o mais rápido possível e tentar um mestrado na Inglaterra. Contudo, foi uma reviravolta. Casei, tive minha primeira filha e fiquei muito mais do que esperava.

As respostas surpreendem com o resultado de 62% dos imigrantes que também mudaram os planos após confrontar-se com a realidade. Essa subjetividade e imprevisibilidade dos sujeitos inferem diretamente nas tentativas de previsão e

definição dos fluxos migratórios. Como se pode definir e delimitar a instabilidade subjetiva? As razões e direções das mudanças de planos são variadas. Alguns achavam que iriam estudar, experienciar viagens, trabalhar e retornar; acabaram encontrando um vínculo afetivo (relativos a relacionamentos ou ao lugar em si) ou achando algum outro motivo (boa oportunidade de salário). Outros pensavam que iam viver na cidade para sempre, todavia, por diversas razões mudaram-se os planos. São tantas histórias, tanta diversidade, a narrativa se torna difícil.

Alguns ao viver a realidade daquele novo lugar, resolveram ficar. As qualidades ressaltadas à vida em Dublin estão:

Na vida afetiva:

Sim, pretendia estudar inglês por 6 meses viajar por 6 meses e retornar para o Brasil. Mas renovei o curso de inglês por mais dois anos e fiz outros planos posteriormente que me fez permanecer na Irlanda e em breve poderei aplicar para cidadania por ser casada com europeu. (Colaboradora n. 86)

Na qualidade de vida e segurança:

Sim, aqui a gente muda muito a cabeça, pois a cultura influencia na forma de pensar. O salário é alto apesar do custo de vida também ser muito alto, mas para mim a ideia de poder andar na rua sem tanto medo me agrada bastante. (Colaborador n. 44)

Contudo, nada agrada a todos, e nem deveria. Algumas mudanças vão ao encontro dos problemas encontrados. Como o estilo de vida;

Sim. Pretendia ficar em Dublin "para sempre" mas estou voltando menos de 3 meses depois da minha chegada. Odiei a cidade, não gostei da mudança de estilo de vida e decidi voltar. (Colaboradora n. 20)

A posição no mercado de trabalho:

Sim, a pretensão era não voltar ao Brasil, mas agora quero voltar pro meu país e pra minha área. Sobreviver de sub emprego cansa. (Colaboradora n. 6)

A visão de outro do imigrante, a solidão, a saudade, e até o clima:

Sim, pretendo ficar menos tempo possível. Não gostei do país, é frio de todas as formas, é triste ser visto como intruso e não vale o sacrifício de estar longe de casa. (Colaboradora n. 88)

Outros se mantem decididos, seguem o planejado. Essa subjetividade da imigração a torna complexa e a diversifica de qualquer outro fenômeno. Do mesmo modo, a pergunta sobre a experiência na cidade e a interação cultural também foi percebida diferentemente por cada sujeito. A cidade foi descrita, pela maioria como um lugar cosmopolita. De boa interação cultural, as arquiteturas de uma cidade planejada, o mar, o rio, as perspectivas de um futuro com mais qualidade.

No caminho para o serviço eu vou de bicicleta com belas arquiteturas de um lado e o mar do outro, e não chego suado. Realmente a comida aqui não é muito saborosa, mas meu poder de compra aqui é bem maior do que o que eu tinha no Brasil. Apesar de não ter conseguido ainda tudo que eu quero, vejo que aqui é alcançável. (Colaborador n.21)

7.1.1 Os espaços brasileiros em Dublin

A trajetória do imigrante o modifica. Contudo, a mobilidade também é um processo transformador dos territórios. É o movimento e as experiências, “de homens e mulheres concretos, historicamente situados numa dada realidade e portadores de valores culturais, sociais e ideológicos determinados” impresso na paisagem que revela a presença do “outro” no território (SILVA, 2007, p.67). As paisagens fornecem um retrato desse processo, é a visão do tempo histórico vivo no espaço, são as “formas que realizam, no espaço, as funções sociais” (SANTOS,2006, p.69).

As já citadas paisagens dublinenses, quando foram comparadas nesta pesquisa com a descrita por J. Joyce, é o retrato da ação de vários processos transformadores daquele espaço. Inclusos nestes a migração. Durante minha experiência em Dublin pude perceber e vivenciar esses lugares. Nossas compras semanais eram regularmente realizadas nos supermercados “Polonez”, “Mroz” ou de origem africana no centro da cidade. Os dois primeiros eu conheci por intermédio do meu esposo. Usualmente os funcionários destes lugares não falam inglês, e os rótulos dos produtos estão em polonês, sendo difícil para escolher alguma coisa sem

alguém que entenda a língua (Figura 13). Esses mercados estão presentes não apenas na região central, mas em quase todas as áreas de Dublin.

Figura 13 – Supermercados poloneses em Dublin



Legenda: Site do supermercado

Fonte: Weronika Ozog

Já os mercados brasileiros e africanos são mais comuns nas áreas centrais. Os mercados com produtos do Brasil eram muito caros, com poucas opções de produtos. Na época eram voltados ao comércio de carnes para churrasco, guaraná e biscoitos. Contudo, vários produtos da culinária brasileira podiam ser achados nos mercados de origem africana. Claramente uma evidência da importância da construção e confluência de nossa cultura e culinária para com alguns países africanos. Produtos como o fubá, farinha de mandioca, feijão em grãos, temperos (manteiga de garrafa, dendê e louro) e cortes de carne específicos para comidas típicas brasileiras, por preços muito menores.

Nos relatos dos grupos de Redes sociais on-line e nas entrevistas, também foi evidenciado a diversidade de elementos que surgiram em decorrência desta mobilidade específica. Além dos jogos de futebol, a famosa “pelada”, que são marcadas por grupos brasileiros, os sujeitos também costumam se encontrar em determinados espaços na cidade. Há bares, restaurantes, supermercados, “baladas” e Igrejas brasileiras em Dublin.

Recorrentemente foi citada pelos colaboradores a dificuldade de se adaptar à culinária da Irlanda. Isso porque a comida é menos temperada, mais simples e pouco variada. Por esse fato, além dos supermercados, empresários investiram também em restaurantes e bares brasileiros (Figura 14). Os que mais me recordo é o *The Mezz*, o *Taste of Brazil* e o *D one*. O primeiro local foi onde comi feijoada pela segunda vez na Irlanda (a primeira foi feita maravilhosamente bem pela minha então *housemate* baiana). É um bar com restaurante, no coração de pubs da cidade, o *temple bar*. O segundo foi onde meu esposo me levou para jantar no final de semana do nosso noivado. O último era onde ia almoçar quando grávida, para matar a saudade de comer feijão. Assim como minhas recordações, a maioria dos imigrantes, após um tempo de vida no outro território, procura lugares que permitam reconhecimento de sua identidade. Esses lugares além de transformar a paisagem, proporcionam uma maior chance de adaptabilidade para o imigrante. Além disso, é notório “que a diversidade culinária resultante da contribuição dos imigrantes é considerada como um dos aspectos positivos de sua presença, principalmente na Europa, Austrália e Estados Unidos.” (BRIGHTWELL, 2010, p.22).

Figura 14 – Restaurantes brasileiros



Fonte: Fotos de Júlia Paniz, 2016

Além da comida brasileira, podem ser encontradas outras manifestações brasileiras na cidade. Além de sediar o *Brazilian Day*, uma vez por ano, Dublin possui regulares festas atividades culturais relativas à presença dos imigrantes. Outras amostras da presença brasileiras são, como bem acentuou Soares, “os empreendedores que disponibilizam seus produtos e serviços nas redes sociais da

internet” (2014, p. 124). Podem ser encontrados dentistas, serviços de traslados, *delivery* de bebidas, encomendas de salgados e comidas caseiras, decoração de festa, serviços de beleza etc.

Outro fator ainda relacionado à presença brasileira no setor empresarial, é que essa “fome de casa”, parafraseando Brightwell (2010), movimenta o setor econômico para os empresários brasileiros donos de bares, restaurantes e mercados. Alguns empresários deste setor foram citados por Silva (2014) no momento em que narra a sua participação no evento dos representantes da Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior (CRBE). Na reunião prévia ao evento, com os coordenadores, a pesquisadora percebeu que a maioria dos representantes e organizadores eram empresários, ou representantes de empresas, que prestam serviços aos brasileiros na Irlanda. A autora descreve assim o encontro:

Percebi que a grande maioria dos convidados estava envolvida com algum empreendimento voltado aos brasileiros na Irlanda e a maioria das manifestações em plenários foram feitas por eles. A reunião que deveria ter como objetivo a articulação das comunidades brasileiras na Irlanda a fim de que se estreitassem os laços entre essas comunidades e o CRBE, na verdade se tornou um espaço de disputas comerciais... (SILVA, 2014, p.54).

Sendo assim, além da modificação da paisagem, a crescente presença de brasileiros no território também movimenta a economia com a criação de serviços de uso específico para esses imigrantes. Obviamente, os serviços também são usufruídos por outras nacionalidades. Contudo, é a presença aparente desses brasileiros e suas relações pessoais que dão visibilidade também aos negócios privados.

Outra presença é a religiosidade. A Irlanda é um país essencialmente católico, com muitas, muitas igrejas. Enquanto na Irlanda uma grande amiga minha costumava frequentar uma dessas igrejas católicas, que rezava a missa em português pelo menos um domingo por mês. A Igreja, era em Dublin 7. Uma vez, cheguei a acompanhá-la, e recebi um folheto do grupo de brasileiros que lá também se reuniam. Outra manifestação que percebi foi através da minha *housemate* baiana. Ela me falava da igreja brasileira evangélica que costumava em frequentar em Dublin, por memória, acredito que os encontros eram semanais. Nos questionários entre os colaboradores a religiosidade foi marcada por 41% de

católicos, 11% espírita, 9% evangélico/pentecostal/protestante, 1% umbandista. Outros 38% se classificaram como ateus ou agnósticos. Abaixo, (Figura 15) a Igreja Universal do Reino de Deus em Dublin e um centro de apoio a eles pertencentes.

Figura 15 – Igreja Universal do Reino de Deus em Dublin



Fonte: Site da igreja Universal do reino de Deus⁷⁷

7.1.2 A moradia em Dublin: A crise urbana imobiliária

Nos fóruns online, uma das discussões mais acaloradas são as que concernem às questões de moradia. Por três razões: a primeira refere-se a dificuldade de achar um lugar para alugar e valores, a segunda relativa às condições de moradia e, por fim, atinente aos valores pedidos como “depósito”.

Para entendermos porque essas inquietudes sucedem, temos que recorrer novamente a breve história do mercado imobiliário da Irlanda. Segundo Hearne (2017):

O problema da habitação contemporânea na Irlanda é uma questão extremamente complexa, mas não é um desastre "natural" ou uma política acidental. Isso resulta da habitação específica e das políticas econômicas seguidas pelo governo e dos efeitos interligados da crescente desigualdade

⁷⁷ Disponível em: <<https://iurdenderecos.wordpress.com/page/115/>>.

social, financeirização e política neoliberal. (HEARNE, 2017, p. 67, tradução nossa)⁷⁸.

Kitchin, Hearn e O'Callaghan (2015) classificam três fases da crise imobiliária na Irlanda, as nomeiam e explicam. A primeira fase estende-se entre os anos 1993-2006, a qual eles denominaram “Os anos do tigre Celta”. Com a economia crescente, como já foi explanado anteriormente, a população cresceu rapidamente. Obviamente, não apenas a demanda por imóveis alargou, como também a necessidade de disponibilidade de uma maior variedade no mercado que pudesse suprir diferentes tipos de famílias e pessoas. Essa demanda, segundo os autores, teve seis efeitos concomitantes. Um boom do setor da construção, como empreiteiras procuraram produzir uma grande quantidade de oferta de habitação. Um grande aumento dos preços das casas, uma vez que os agregados familiares competiam por ações aparentemente limitadas, especialmente em locais privilegiados. Crescimento na dívida das famílias, especialmente em relação à hipoteca. Maior zoneamento de terras para novos desenvolvimentos e aquisições especulativas de terrenos, elevando dramaticamente os preços. O aumento significativo do endividamento bancário à medida que pedia emprestado capital para os mercados internacionais para repassar aos empreiteiros. E por último, a rápida expansão urbana e deslocamentos de longa distância.

Ironicamente, todas essas mudanças foram celebradas pelo governo, pelo setor de construção e mídia durante a era do tigre celta. Essas medidas foram tomadas como um sinal de que a Irlanda finalmente tinha alcançado o resto do Oeste desenvolvido em termos de economia e setor imobiliário. (KITCHIN; HEARNE; O'CALLAGHAN, 2015, p. 6, tradução nossa)⁷⁹.

Lembro que meu esposo falava que os amigos que já trabalhavam na Irlanda na época, chamavam Dublin de “*City of Cranes*” (Cidade de Gruas). A segunda fase da crise denominada *the crash* compreende os anos de 2007-2012. Anteriormente, apesar dos preços superinflacionados dos imóveis, o governo irlandês estava coletando receita tributária significativa e o setor imobiliário e

⁷⁸ Do original: “*The contemporary housing problem in Ireland is an extremely complex issue, but it is not a ‘natural’ disaster or an accidental policy. It results from the specific housing and the economic policies pursued by government and the interlocking effects of growing social inequality, financialisation, and neoliberal policy.*”

⁷⁹ Do original: “*Somewhat ironically, all of these changes were celebrated by the government, the construction sector, and the media during the Celtic Tiger era. They were taken as a sign that Ireland was catching up with the rest of the developed West in terms of its economy and property sector.*”

bancário estava em situação ótima. Subitamente, a situação se transformou com a crise mundial. Mesmo com políticas afirmativas de suporte a moradia, o número de sem-teto cresceu, e juntamente a capacidade do *social welfare* da Irlanda de dar conta da nova demanda.

A última fase se estende de 2013 até os dias atuais. Como essa última fase transpõe o momento presente, os autores não delimitaram um nome específico, apenas sugerem que é “*unstable, uneven and partial rebalancing*” (Instável, desigual e reequilíbrio parcial). Essa fase não tem uma diferença substancial da anterior, como aconteceu entre as duas primeiras. É a continuação de alguns problemas, tais como: a necessidade de habitação social, aumento do preço dos aluguéis, atrasos de hipotecas, equidade negativa e propriedades inacabadas (KITCHIN; HEARNE; O’CALLAGHAN, 2015).

Em decorrência das crises imobiliárias da Irlanda, os altos preços e dificuldades de alugar, as condições de moradias dos imigrantes brasileiros são adversas. É comum ver imigrantes pagando 400-300 euros para dividir um quarto em regiões centrais da cidade. Isso ocorre, principalmente, com os imigrantes estudantes, todavia, afeta a todos.

Morar nas áreas centrais tem um custo elevado. Praticamente todos os brasileiros que participaram do nosso levantamento dividiam moradia (apenas 2 indivíduos moravam sozinhos), além disso, não constituíam lares de família. A maior parte dos brasileiros (68%) dividiam moradia com outras 4 até 7 pessoas, sendo que 21% moravam com mais de 8 pessoas e apenas 11% dividiam residência com menos de 3 pessoas. (SOARES, 2014, p.108).

Entretanto, a reclamação mais frequente nas redes sociais online são os valores dos depósitos. Na maioria dos países europeus, paga-se no momento de contrato o dobro do valor do aluguel. O que acontece é que alguns se beneficiam do desespero do imigrante em achar algum lugar para morar, e praticam a ilegal sublocação. Além desse fator, outros imigrantes ao anunciarem vagas de quartos, transferem para o valor do depósito todo o investimento que tiveram na casa durante a estadia. Por exemplo, se decidem comprar uma geladeira maior para a casa, não é o *landlord* que arcará com a compra. Portanto, o valor pago na geladeira passa para o depósito da pessoa que entrará no lugar. Essa prática é muito comum, e divide opiniões dentro da comunidade.

Os imigrantes apontam saídas comumente utilizadas para estes problemas, algumas conveniências por um lado, e outros tipos de dificuldades por outro. A busca pela colocação de *Au Pair Live in* (trabalho como babá morando com a família) é não raramente uma opção, principalmente, para a imigrante do sexo feminino⁸⁰. A vantagem desta posição é a moradia que é de graça, contudo existem muitas desvantagens. Essa profissão é uma das que possuem maiores níveis de exploração e muitas vezes de abuso sexual. O salário pago é normalmente por volta de 100 euros por semana. Contudo, muitas *Au Pairs* afirmam terem ótimos relacionamentos com as famílias que trabalham. Outra situação corriqueira é o *host family*, que seria também morar com uma família, contudo sem para ela trabalhar. Essa alternativa soluciona a dificuldade de arrumar um local para alugar e proporciona a vivência com a cultura irlandesa (na maioria das vezes), contudo, pode ter custos mais elevados. Além de várias reclamações por não terem privacidade ou não se sentirem “em casa”.

7.2 BRASILEIROS EM DUBLIN

A mobilidade de brasileiros para a Irlanda, por mais que a maioria dos imigrantes se enquadrem no visto de estudante, é caracterizada como uma mobilidade do trabalho. Seja os trabalhos *part-time* ou *full-time*, seja na área de formação ou não, o imigrante brasileiro em Dublin é geralmente um imigrante trabalhador.

A migração enquanto processo, responde às necessidades materiais de sobrevivência (comida, roupa, remédios) e também de manter vivas as ilusões (de melhoria, de ascensão social, de projetos de vida). A compreensão desta dialética afasta os dualismos e as excludências, no sentido de que o real, o palpável é verdadeiro e o irreal, o invisível é falso. (SILVA, 2007, p. 63).

“A ‘*Student Work Concession*’ para estudantes internacionais foi introduzida em 2001, em ordem de manter competitividade da Irlanda no mercado

⁸⁰ Não que a autora acredite que este tipo de emprego seja específico para mulheres, mas é a realidade que as imigrantes encontram.

de educação global.”⁸¹(FINN; O’CONNELL, 2012, p.36). A citação acima, além de demonstrar a importância do trabalho nas migrações dos estudantes, reforça novamente o caráter de mercadoria e consumo que a educação e a imigração representam. Os objetivos da Irlanda são em aumentar significativamente o número de estudantes internacionais em todos os níveis de educação, o que vem acontecendo, principalmente relativo aos imigrantes não europeus.

Contudo, desde 2010, o governo lança mão de medidas para barrar a migração objetivamente para trabalho utilizando o visto de estudante para tal. A primeira medida prática introduziu, em escala nacional, mecanismos para eliminar e controlar o limite de tempo de permanência. Não mais é possível renovações constantes em uma mesma modalidade de estudo. Além disso, há o implemento da comprovação de progressão através da rigorosidade buscada nos altos índices de presença no curso inscrito (FINN; O’CONNELL, 2012). Logo após, modificou – se o tempo de permanência por visto e a possibilidade de trabalho restringida aos meses de férias.

Essas mudanças dificultaram ainda mais a colocação do imigrante brasileiro estudante no mercado de trabalho formal irlandês. As prioridades no momento de preencher as vagas de emprego são primeiramente concedidas aos trabalhadores pertencentes à União Europeia (FINN; O’CONNELL, 2012). Restando aos brasileiros principalmente os trabalhos não regulamentados.

Outro fator de dificuldade na hora de procurar o emprego é o domínio da língua inglesa (SOARES,2014). Após a lei que apenas permite trabalho no período de férias, vários trabalhadores brasileiros se disponibilizaram para o mercado informal e prestações de serviço irregulares (como se autopromover em sites de oferta de trabalho enquanto *Cleaner or Dog Walker*). Por não serem regulados, dificilmente serão abordados por oficiais de controle de imigração.

Outra característica do imigrante estudante é o *overstay*. Pelo fato da Irlanda ter controle apenas da entrada do imigrante e não o tê-lo na saída, vários imigrantes permanecem na cidade para tentar conseguir juntar dinheiro ou achar uma forma de permanecer. Nas questões respondidas pelos colaboradores foi possível perceber que se está a formar uma alternativa as dificuldades impostas pelo governo. Se a rota pela STAMP2 foi tolhida, os imigrantes que tem a

⁸¹ Do original: “A ‘Student Work Concession’ for international students was introduced in 2001, in order to retain a competitive edge for Ireland in the international education global market.”

possibilidade (entendam financeira), e desejam permanecer na Irlanda para propósitos de trabalho, acharam outro caminho. Este caminho consiste em mudar a escolha do estudo de cursos de língua inglesa para pós-graduação em alguma escola de nível superior na Irlanda. A tentativa é através da pós-graduação, entrar pela porosidade da possibilidade da busca por emprego por dois anos no país. Um entrave a esta opção, além do financeiro (pois as pós-graduações são pagas e mais caras para não europeus), é também o domínio da língua. Como é de se esperar, é necessário ter um nível bom de Inglês para se matricular, esse nível não é igual para todas as instituições.

De acordo com a pesquisa de Soares (2014), o lugar majoritariamente reservado aos trabalhadores imigrantes brasileiros eram os serviços que exigem baixa qualificação ou nenhuma. A autora criou um quadro de comparação entre as profissões exercidas no Brasil e posteriormente na Irlanda (ver Tabela 5). Contudo, na pesquisa que realizamos a um dado diferente ao encontrado pela pesquisadora. Supõe-se, que aconteça como consequência da última mudança de lei para os estudantes imigrantes, em que podem trabalhar apenas em férias e permanecer por 8 meses. Nas respostas dos questionários por nos aplicados existia uma grande quantidade de brasileiros trabalhando na área de formação através do *Employment Permit*, dupla cidadania ou STAMP 4.

As profissões mais citadas pelos imigrantes do *High skills*, foram *Account Manager* (gerente de contas), desenvolvedor de mobile, programador e desenvolvedor de *software*. Os que possuem dupla cidadania ou conquistaram o STAMP 4, citaram *software tester*, arquitetura, engenharia mecânica, suporte de TI, marketing, caixa, professor, chef de cozinha, revisora no *YouTube*, decoradora de festas e *senior baker*. Os imigrantes estudantes, além do fato de alguns não terem conseguido emprego ainda, as profissões citadas foram: *kitchen porter* (assistente de cozinha), garçom, *au pair* (babá), *cleaner* e *housekeeper* (faxineira), cuidadora de idoso, vendedor de jornal no sinal, motorista de *rickshaw* (uma mistura de bicicleta com charrete), *dog walker*, entre outros.

É possível perceber claramente a associação entre o tipo de visto e a colocação no mercado. Ressalta-se, contudo, que não há diferença entre nível de escolaridade e qualificação entre os vistos (Figura 16). Portanto, essa diferença é estritamente ocasionada pela seletividade da fronteira e pelo poder regulamentador do Território.

Figura 16 – Tabela comparativa da colocação no mercado de trabalho dos imigrantes brasileiros, Brasil *versus* Irlanda

Última ocupação no Brasil	Ocupação atual na Irlanda
Advogado	Faxineiro
Advogado	Auxiliar de cozinha
Analista de Benefícios	Doméstica
Analista de Recursos Humanos	Babá e faxineira
Analista químico	Caixa
Arquiteta	Garçonete
Arquiteta	Babá e faxineira
Assessor Jurídico	Assistente de loja
Assessora de Imprensa	Garçonete
Assessora de imprensa	Babá e faxineira
Assistente Jurídico	Venda de Jornais nas ruas (informal)
Auditor	Faxineira
Auditora Fiscal	Babá
Auxiliar de Controle de Qualidade	Cuidadora de idosos
Contadora	Babá
Coordenador de projetos	Auxiliar de cozinha
Designer	Entregador de panfletos
Designer	Auxiliar de cozinha
Designer Gráfico	Garçom
Economista	Faxineira
Educadora	Babá e faxineira
Empresário	Auxiliar de cozinha
Fisioterapeuta	Auxiliar de cozinha
Fisioterapeuta	Vendedor e garçom
Fisioterapeuta	Babá
Gerente de Canais	Recepcionista
Jornalista	Faxineira
Jornalista	Garçom
Nutricionista	Babá
Produção de eventos culturais	Babá
Produtora	Babá
Professor Universitário	Faxineiro
Professora	Garçonete
Professora Universitária	Faxineira
Psicóloga	Garçonete e babá
Publicitária	Faxineira e babá
Recrutamento e seleção	Faxineira, camareira
Supervisor	Garçonete e atendente de loja
Terapeuta Ocupacional	Babá

Fonte: SOARES, 2014

7.2.1 Protestar ou manifestar: será que pode?

Em 2013, momento que estavam acontecendo os protestos no Brasil, principalmente, o movimento do “*não é só por 20 centavos*” e contestações contra a Copa do Mundo no Brasil, eu estava em Dublin. Lembro que começamos com uma discussão nos grupos on-line entre estranhos, e depois montaram um grupo para organizar uma manifestação de apoio aos protestos que ocorriam no Brasil. A ideia

surgiu de um integrante do grupo, que havia escutado de um amigo, que iriam fazer em Londres. Outros informaram que também aconteceria em outras localidades da Europa e outras partes do mundo.

Recebi o convite de participação. Marcamos uma manifestação no *Spire*, no ponto onde atos políticos normalmente ocorrem e marco histórico da cidade, na mesma data que em outras localidades. Várias pessoas se juntaram ao ato. Foi tudo muito pacífico e consistiu em algumas palavras de ordem, cartazes e acabou (Figura 17). Reunimos no parquet *St. Stephen's Green*, alguns dias após o ato para avaliar e discutir propostas políticas. Durante esse encontro houve atrito entre uma jornalista brasileira e blogueiros, que trocavam acusações sobre qual lado estava a participar do protesto apenas por notícias. Após a discussão muitas pautas políticas foram suplantadas, e não voltei a participar do grupo.

Figura 17 – Ato em apoio aos protestos no Brasil



Legenda: A – Os manifestantes em frente ao Spire; B – Reunião no St. Stephens Green; C – A rua O'Connell no momento do ato.

Fonte: Beta Prates, 2013

Pouco tempo após essa manifestação houve um protesto a favor da legalização da maconha na Irlanda. Um protesto pequeno, também pacífico. Contudo, lembro que nos grupos on-line foram várias críticas a participação de alguns brasileiros. No início de 2015, houve também grandes manifestações, a favor e contrárias, do veredito que seria votado em maio sobre a adesão ou recusa do casamento gay na Irlanda (Figura 18). Mais uma vez, vários imigrantes reclamaram da participação de outros nas manifestações, se quer de quem ousava opinar. Abaixo fotos deste marco histórico, a Irlanda foi o primeiro país do mundo a aprovar o casamento gay por voto popular (McDonald, H. *The Guardian*, 2015).

Figura 18 – Protesto a favor e contra o casamento gay na Irlanda



Legenda: A – Manifestação a favor do casamento gay na Irlanda; B – Propaganda da campanha a favor do casamento gay na Irlanda

Fonte: AIDAN CRAWLEY/ THE IRISH TIMES ONLINE, 2015; MCCARTHY, 2015.

Essa narrativa dos protestos que observei e vivenciei em Dublin, vem ao encontro da pergunta título da subseção: o imigrante pode protestar? Essa questão fez parte do questionário. Exemplificou-se na pergunta outra manifestação que ocorreu em Dublin em 2015, organizada por alguns grupos irlandeses contrários a cobrança da água (isso mesmo, na Irlanda não se paga pela água pública que chega em casa). Fundamentalmente a questão era: você se sente no direito de protestar por alguma causa na Irlanda?

Antes de discutirmos as narrativas dos colaboradores, é importante situar a questão. Legalmente, perante o governo irlandês, qualquer residente na Irlanda possui seus direitos resguardados pela constituição Irlandesa. A diferença deste para o cidadão é caracterizada pelo direito de voto e por alguns programas do *social*

welfare. No site do *citizens information* explica-se que todos tem direito a *Liberdade de reunir-se*:

Você tem o direito de se reunir ou se encontrar pacificamente e sem armas. Este direito é limitado pela legislação para proteger a ordem pública e a moralidade. A lei impede ou controla reuniões que são calculadas ou projetadas para provocar uma revolta ou violação da paz. Existem outras limitações em sua liberdade de reunião. Você não pode encontrar em propriedade privada sem o consentimento do proprietário - isso é transgressão. Paradas e procissões não são ilegais, mas é um incômodo público para obstruir uma rodovia. Você não pode realizar uma procissão ou reunião dentro de meio milha do Oireachtas (parlamento nacional ou legislador da República da Irlanda) quando for proibido pelo Gardaí (Segurança pública irlandesa) ou você foi convidado a dispersar. (IRELAND, Citizens Information)

Contudo, as respostas, em suma maioria, caminharam no sentido de condicionar o direito a protestar. Apenas 18% acreditam que não podem em nenhuma circunstância e 23% estão convictos que sim. As condições postas mais recorrentes dizem respeito ao trabalho, se pagas imposto e coisas relativas. Outras dizem respeito ao visto ou cidadania. E as menos citadas, a condição relativa a temática a qual se protesta por.

Dependendo da causa que for, acredito que como residentes no país podemos protestar também, pois estas coisas nos atingem. Um irlandês(a) educado e civilizado jamais recusaria a ajuda de alguém por ter nacionalidade diferente. Um exemplo seria o "repeal the 8th", que é uma luta para as mulheres na Irlanda terem acesso ao aborto legalizado, como já acontece há muito tempo na Inglaterra. (Colaboradora n. 65)

O direito de protestar ou não, junto ou de forma separada dos irlandeses, é garantido a todos os residentes na Irlanda. Isso é se for residente perante a justiça, o único impedimento é a vontade ou o sentimento de não pertencimento. A última questão apresentada pelos colaboradores, que difere das outras, foi citada apenas por três colaboradores que são estudantes, esses indicaram que a condição de temporalidade do ser imigrante e o medo de represália. A temporalidade não lhes daria o direito de opinar em questões irlandesas. Para a autora, o direito de expressar opinião e protestar transcende a localização geográfica e o status jurídico, sendo assim, a temporalidade da permanência em outro território ou o pagamento de impostos em nada afetariam esse direito.

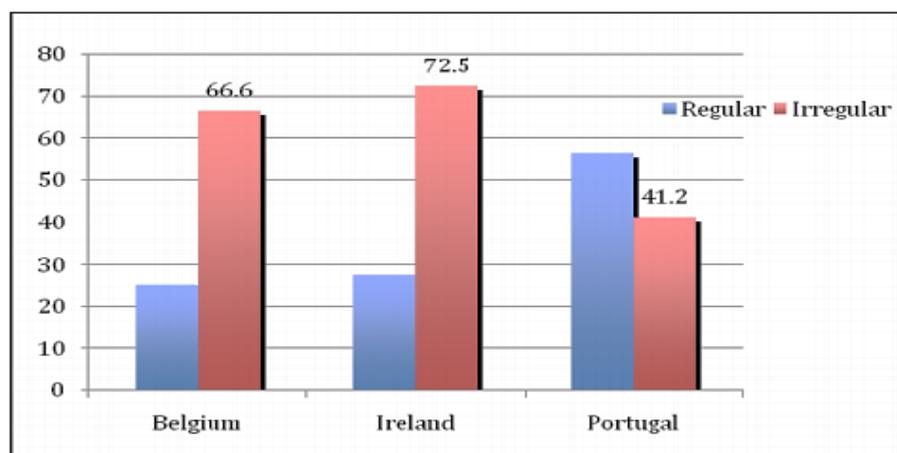
As existências são manifestações particulares do Ser: este geneticamente precede a existência, como fonte de sua possibilidade. As existências são uma técnica em funcionamento, um objeto operacionalizado, uma ação historicizada e geografizada, uma norma em vigor como resultado de um jogo de forças possível, em um dado momento e lugar. (SANTOS, 2006, p. 80).

7.3 TEMAS PARA REFLETIR.

Nesta última subseção gostaria de trazer a conhecimento do leitor alguns assuntos até aqui não abordados diretamente, mas que são de grande relevância para o processo da imigração. Iremos apenas pontuar, por não termos condições de aprofundarmos na discussão e não fazer parte dos objetivos inteiramente da pesquisa.

A ilegalidade é sempre uma temática difícil de ser abordada, não apenas por ser de difícil trato e pela dificuldade de coletar dados e depoimentos, como também pelas discussões conceituais do tema. Relativo ao primeiro ponderamento, não encontramos estatísticas de imigrantes brasileiros ilegais na República da Irlanda. Por mais que haja indícios da existência desses trabalhadores não documentados, o máximo que conseguimos extrair das entrevistas foram as narrativas do *overstay*, em casos onde foram rapidamente regulados. Entretanto na pesquisa realizada pela IOM, o gráfico da Gráfico 8 foi produzido.

Gráfico 8– Imigrantes em situação regular *versus* irregular, 2007-2009



Fonte: REYNTJENS, 2009

O gráfico acompanha a explicação de que 60% dos entrevistados na Irlanda afirmaram estar com situação irregular e 38% regular. Contudo, ao cruzarem as informações dos estudantes que trabalhavam mais de 20 horas semanais durante o período do curso, o número crescia para 72% irregulares (REYNTJENS, 2009). Se fossemos também nos basilar na questão do trabalhador irregular documentado teríamos várias narrativas neste sentido.

No entanto, para esta pesquisa tomamos por ilegal ou irregular, imigrantes que nunca possuíram, ou que não possuem mais, documentos válidos no território que se encontra. Imigrantes que por essa razão não tem acesso aos serviços públicos como educação, segurança, saúde e assistência social. Imigrantes que seus filhos, mesmo tendo crescido naquele território, serão considerados ilegais. Para exemplificar, o *The Journal.ie* publicou, em agosto de 2017, o caso de duas mulheres ilegais na Irlanda. O dizer do título é “*Ireland’s undocumented migrants: ‘Our flat was broken into. We couldn’t report it to the Gardaí’*” (Imigrantes não documentados na Irlanda: nosso flat foi invadido. Nós não podíamos reportar a Guarda). Outra notícia importante dentro da reportagem, e que não tivemos acesso através do estudo dos imigrantes brasileiros, é que a MRCI (*The Migrant Rights Centre Ireland*) estima que no ano de 2017 haviam cerca de 20.000 a 26.000 imigrantes sem documentos na Irlanda (O’NEILL, GALLAGHER, 2017). *The Irish Times* revela, em setembro de 2017, que cerca de 3.000 a 5.000 crianças e jovens residem na Irlanda sem documentos. O jornal traz vida a estatística, ao contar a história da jovem Sarah, que aos 17 anos de idade lhe foi ofertada uma vaga na NUI Galway para estudar direito, contudo ela não pode prosseguir os estudos por sua situação irregular (POLLAK, 2017).

Os imigrantes que não portam documentos são vistos com “maus olhos” pelos outros imigrantes, o que foi claramente retratado nas respostas dos questionários. Poderíamos aqui pensar, mas como assim? Todos passam por situações desconfortáveis pelo fato de serem imigrantes, deveriam se apoiar. Claro! Contudo, essa situação é análoga a divisão dentro da classe trabalhadora, que apenas favorece o capitalista. A ideia é que os abusos aos quais os imigrantes documentados sofrem são culpa dos imigrantes que não conseguem os documentos. Ora, todas essas mais de cem páginas de pesquisa, e mais de dois anos de reflexões e estudos, em nenhum momento faz essa conexão. Também por essa razão foi destrinchado nesta dissertação o papel do Estado, território, fronteira

e do capital nas mazelas da mobilidade humana. Ironicamente, um dos colaboradores que afirma esta conexão entre ilegais e repressão, apoiando a seletividade e maior rigor da fronteira, em outra pergunta demonstra ter ficado sem papéis por um determinado tempo, e após esse conseguiu dar entrada no visto por União Estável. Esta ironia só foi apontada no sentido e vontade de dizer a paráfrase, *Imigrantes do mundo uni-vos!*⁸² E se unam também com os trabalhadores não migrantes, pois somos uma só classe, e estamos sujeitos aos mesmos poderes. O ser humano produtor desprovido do seu meio de produção.

Outro assunto é o papel da mulher dentro da imigração. Para além da dramática, real e assustadora realidade do tráfico de mulheres para a prostituição, forçada ou não⁸³, existem outros pontos nessa temática. Na pesquisa não apareceu nenhum dado ou indício de imigrantes brasileiras em situação de prostituição ou tráfico, mesmo porque, caso existam, é um grupo que para pesquisá-los demanda anos de trabalho de campo.

Entretanto, na temática relacionada a mulher e sua trajetória, muitos estigmas e estereótipos “pesam nas costas” das imigrantes. Por algumas vezes, durante a análise dos questionários, me deparei com o assunto nos dizeres “Eles pensam que somos só bunda”, “apesar de meus amigos brincarem, não me casei por passaporte”, e frases similares. Nos grupos já visualizei diversas vezes “brincadeiras”, e até mesmo conversas sérias, neste sentido, vindo de todas as nacionalidades, principalmente, ao que eles chamam de “caçadora de passaporte”. Em minha experiência tanto na Irlanda, como no Brasil, enquanto mulher casada com europeu e pelo simples fato de ser brasileira, mulher latina, esse foi um fato que por vezes ocorreu.

Pedirei licença para narrar estes episódios revelados na empiricidade. A primeira vez que vivenciei este tipo de situação, estava em um Pub, havia cerca de dois meses da minha chegada à Dublin. Estava com um grupo heterogêneo de nacionalidades, aos quais tinha acabado de conhecer. De repente, uma dupla de conhecidos poloneses chamou minha atenção para a mulher que tinha entrado no pub. Ela era muito bonita. Mas o que queriam me mostrar era o companheiro dela,

⁸² Peço licença ao leitor para um momento militante, ao parafrasear Marx no Manifesto do Partido comunista.

⁸³ Na opinião da autora, de qualquer forma, o tráfico de mulheres para a prostituição consiste em uma prostituição forçada. Se não, não seria tráfico, chamariam de traslado. Em todo jeito, a prostituição consiste em uma outra temática, que infelizmente, não teremos chance de abordar desta vez.

pois ele era, segundo minhas companhias, muito feio. Esse momento foi seguido pelo episódio no qual a referida mulher começa a dançar, ela portava um pequeno cordão com a bandeira do Brasil. Eu nunca notaria aquele cordão, mas os homens que estavam comentando viram, e começaram a disparar frases estereotipadas relativas às mulheres brasileiras. “Todas são fáceis”, “Apenas servem para sexo”, “Ela está com esse cara feio apenas por dinheiro e visto” e coisas do tipo. Na ocasião, esses homens não sabiam que estavam a falar com uma mulher brasileira. Não que havia alguma tentativa de minha parte de esconder a minha nacionalidade, todavia, como estávamos a conversar há muito pouco tempo ainda não tinha surgido o assunto. Pois acredite, iria surgir, o que os imigrantes mais respondem e perguntam é sobre nacionalidade! Foi então, que pela primeira vez, sem ser assunto da conversa eu falei, “*I am brazilian!*”.

A situação foi bem desagradável, também para eles! Pois escutaram um discurso longo sobre o que é ser mulher, sobre estereótipos e principalmente sobre respeito. Teria o feito mesmo se a menina ofendida não fosse brasileira. Entre outros vários momentos, o mais marcante foi no Brasil. Logo após chegar, fui ao encontro de amigos de faculdade na casa de uma pessoa queridíssima. Lá chegando, apenas acompanhada de minha filha, reencontrei uma conhecida também da época de faculdade. Ela se espantou ao ver que eu já tinha filha, e minha amiga então a contou toda a história. Dali adiante, toda oportunidade, tinha que ouvir, “*mandou bem, foi lá e pegou o passaporte*”, “*you que fez certo, tem que casar mesmo, agora pode ir para a Europa quando quiser*”. Todos perceberam que as falas me incomodaram, contudo, para não causar mais desconforto parei de respondê-la. Esse caso me marca até hoje por duas razões. A primeira por não ter respondido, como normalmente o faria. E a segunda por vir de uma mulher. Por vir de uma mulher brasileira.

A propagação do estereótipo da mulher brasileira é de fácil rastreio. Vai desde as Novelas na grande mídia aos filmes pornográficos. Dos comerciais de turismo para o Brasil até as propagandas de cervejas. Provêm de anúncios como os demonstrados na Figura 19. Anúncios postados em um dos sites mais utilizados de compra e venda, e serviços na Irlanda.

Figura 19 – Anúncio de encontros, relacionamentos com mulheres brasileiras em site na Irlanda

Sponsored Links



Attractive Brazilian Girls - Chat Live with Cute Girls
www.amolatina.com/brazilian/girls ▼
 Get Closer to **Brazilian** Singles. Real Connections. Chat & Swap Photos. Join now!
 Free Registration · 100% Verified Profiles · Membership Benefits · 24/7 Customer Service



Girls To Date - Pesquise Girls To Date
zapmeta.com.br/Girls+To+Date/ ▼
 Consiga **Girls** To Date. Mais rapidez e eficiência aqui!
 Informações Relacionadas Pesquisa Múltipla
 Pesquise e Encontre Agora Encontre Mais



Brazilian Dating - Pesquise Brazilian Dating
www.izito.com.br/Brazilian+Dating/Juiz_de_Fora ▼
 Encontre Resultados de Qualidade agora! Obtenha **Brazilian** Dating.
 A Melhor Informação Aqui · Mais Informações Aqui · Poderoso e Fácil de Usar · Resultados Relacionados
 Tipos: Notícias, Vídeo, Imágenes, Web, Wiki
 Pesquise Eficientemente Melhores Resultados
 Pesquise Melhor Encontre Rápido

Nota: Print de tela de busca no site Gumtree.ie, 2018

Fonte: A autora, 2017. Arquivo pessoal

Entretanto, essa opressão e desrespeito não ocorrem apenas com as mulheres imigrantes brasileiras. Ocorrem também com as mulheres polonesas, chinesas, filipinas etc. Inclusive com as próprias irlandesas. A opressão e o patriarcalismo não encontram barreiras ou seletividades na fronteira, elas são apenas reforçadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Há tempo, muito tempo que eu estou longe de casa
E nessas ilhas cheias de distância
O meu blusão de couro se estragou
Ouvi dizer num papo da rapaziada
Que aquele amigo que embarcou comigo
Cheio de esperança e fé, já se mandou...”*
(Tudo outra vez – Belchior. Álbum: Tudo outra vez),

No desenvolver desta pesquisa tentamos abordar uma série de complexos processos que auxiliam a compreensão, juntamente com as migrações, do objeto de análise: as trajetórias dos brasileiros que emigram para Dublin. Entendemos as limitações deste trabalho em responder, sozinho, todas as questões que almejávamos. Contudo, não foi pretendido esgotar o assunto, apenas se juntar a outros pesquisadores que se esforçam a entender a complexa mobilidade espacial do trabalho, suas razões e transformações; e suas marcas e características espaciais. Para além das respostas aos problemas basilares aqui apresentados, este trabalho foi de imensa valia na questão da experiência. Isso é, foi a primeira vez que utilizamos a análise de redes virtuais e a aplicação de uma entrevista online. Apesar das dificuldades encontradas explicitadas no corpo texto na seção primeira, o saldo que se apreende é positivo. Entendemos que a ferramenta da internet foi o que possibilitou vencermos as barreiras da distância aqui encontradas entre sujeito – sujeito-objeto.

Através da mobilidade espacial do trabalho, foi possível apreender a estreita ligação entre trabalho e migração. Mais precisamente, a condição da transformação do trabalhador em um despossuído, ao relacionar as contingências históricas e as condições estruturais que ora impulsionam, ora repelem, ou controlam o livre se vender. Este movimento é o substrato do sistema capitalista, não sendo um *a priori* ou *a posteriori* ao mesmo. Para o bom funcionamento do sistema capitalista, idealmente (mesmo que não seja possível esta expansão sempre crescente) o Capital tem que ser acumulado cada vez mais, isso acontece também transversalmente ao aumento da extração da mais-valia implicada na mobilidade do trabalho. Portanto, o mover-se não é intrínseco ao ser humano, e sim ao sistema econômico.

Em um momento político – também econômico e social – *delicado* como o que estamos vivendo, não apenas no Brasil, mas no mundo de forma geral, é sempre importante rever nossa ideologia e certezas. Um dos desencadeadores desta dissertação, como já mencionado anteriormente, foi principalmente a percepção da reprodução alarmante de discurso de ódio. Do momento em que o oprimido “toma as dores” do opressor. O senso comum em relação a naturalização da realidade posta, aqui apresentado e discutido, é claramente um posicionamento filosófico e político do pensar o mundo. Mesmo que não seja sempre consciente, sempre será ideológico. O perigo está exatamente quando não compreendemos que é ideológico, e quem produz essa ideologia e quais são as intenções. A internalização das necessidades do Estado e do Capital no indivíduo migrante como sendo suas nada mais é que a mesma internalizada pelo trabalhador. É, portanto, e primeiramente, preciso desconstruir essa tradição de assumir a ideologia do senhor do engenho e continuar na posição de escravizados.

De fato, existe uma realidade do controle da imigração posta. Contudo, essa realidade é construída, modificada e imposta por uma relação de poder em que a maioria não é participante. Não existe nada de natural, ou de fator inviolável, na construção do território e sua fronteira ou na identidade e cultura de um determinado espaço. Essas construções são conjunturais, produzidas historicamente, principalmente ao que se relaciona ao território, a fronteira e suas “porosidades”. Do mesmo modo as culturas são construídas e modificadas quando se relacionam com o outro, ela não é imutável. e de toda forma, não será radicalmente transformada pela imigração, são processos longos. As culturas poderiam coexistir no mesmo território do Estado, criando suas próprias territorialidades não excludentes.

Também o controle à imigração é conjuntural. As mudanças das leis que regem a mobilidade dos brasileiros para o território da Irlanda são modificadas a fim de favorecer, não necessariamente o cidadão do território em questão, mas as empresas que ali se instalam. Empresas essas que na maioria das vezes são empresas “imigrantes”, ou seja, multinacionais, transnacionais. Construímos (ou construíram por nós) a permissão para que empresas, coisas e mercadorias se tornassem transnacionais e não nos chocamos com esse fato. E ao mesmo tempo, não conseguimos imaginar pessoas poderem ter a mesma livre circulação.

Ao convencer o próprio imigrante que este deve agradecer pela oportunidade de adentrar determinado território, convence-o a silenciar sua voz! A

aceitar sua condição, mesmo que não lhe seja favorável. O sujeito é persuadido de que deve se calar porque aquele território não é o seu lugar. O território traz consigo a cultura a identidade, mas o olhar para o outro não tem razão de ser hostil. A desmobilização do questionamento sobre a legitimidade da mobilidade do trabalho, a criação deste senso comum, apenas perpetua a realidade que a poucos favorece. Refraseando Sayad, a imigração é realmente um fenômeno coletivo, mas o isolamento faz com que seja um itinerário individual.

Todos esses pontos até agora percorridos nessa breve consideração final é passível de ser percebido no fluxo migratório que analisamos. O perfil dos brasileiros imigrantes em Dublin, não é o mesmo perfil dos migrantes no interior do Brasil. Esses sujeitos são, em sua maioria, jovens trabalhadores altamente qualificados, provenientes da Classe média brasileira. São jovens urbanos, que investem seus recursos financeiros na mobilidade. Caracterizando a mobilidade enquanto também mercadoria, passível de ser adquirida mediante a um determinado preço. Contudo, o que muitos buscam é o valor da experiência de trabalho no exterior e o aprendizado da língua inglesa, para garantirem seus privilégios na colocação no mercado de trabalho. Outros ainda buscam melhores salários, jornadas de trabalho mais flexíveis, a famosa qualidade de vida e segurança que a Europa pode proporcionar. Todavia, como demonstrado no decorrer da pesquisa, nem tudo são flores. E as flores no jardim não são para todos. O imigrante é antes de tudo um sonhador, e a ilusão é necessária a manutenção da circularidade.

Nossa metodologia de análise utilizada foi entender o Território, os poderes que o controla e para quem esse serve. A “polícia” protetora dos territórios, as fronteiras e seus agentes de controle. E a seletividade medida pelas transformações das políticas e Leis que gerem a imigração na Irlanda, aumentando, diminuindo e direcionando as porosidades de acordo com as necessidades do Capital ali investido. Portanto, para esta pesquisa as condições históricas – estruturais da modernidade é o que impulsiona o movimento, e as técnicas e a globalização o motor da sua circularidade e fluidez. Contudo, há o espaço das redes sociais. Essas redes foram aqui entendidas não como o porquê de imigrar, de se mover, mas o como, o facilitador.

Mostrou-se frutífera também a análise nas duas escalas. Pela primeira vez trabalhamos com narrativas e o resultado nos surpreendeu. A análise das

instâncias macro e micro do fenômeno permitiram a percepção da relação dialética entre as duas esferas de análise, transformando-a em uma só.

Uma pessoa que busca qualquer qualidade estrutural que não possua satisfatoriamente no seu território de origem ou direito vivencia aquilo que o Milton Santos denominou da face perversa da Globalização. E é a globalização enquanto fábula que motiva e ilude o imigrante a se mover. O que devemos buscar é o como o mundo pode ser, como a imigração pode ser. Um movimento livre, de seres humanos também livres, realizado pela subjetividade do indivíduo e não pela imposição estrutural.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. (Org.). **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ASSIS, G. O.; SASAKI, E. M. Novos Migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: CASTRO, M. G. (Org.). **Migrações Internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001. p. 615-669.

BECKER, O. M. S. Mobilidade Espacial da População: Conceitos, Tipologias, contextos. In CASTRO, I. E.; COSTA GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim de século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.p. 319-363.

BERGER, P. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BRADLEY, J. **The history of economic development in Ireland, North and South**. 1999. Disponível em: <<https://www.britac.ac.uk/pubs/proc/files/98p035.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

BRASIL. **Turismo. Brasil oficializa acordo com a União Europeia para isenção de visto**. 2012. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2012/10/brasil-oficializa-acordo-com-a-uniao-europeia-para-isencao-de-vistos>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Brasileiros no mundo**. Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo - 2015 (números atualizados em 29/11/2016). 2016. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BRAUDEL, F. História e ciências sociais. A longa duração. In: BRAUDEL, F. **Escritos sobre a História**. Tradução de Teresa Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 41-78.

BRIGHTWELL, G. Saboreando o Brasil em Londres. Comida, imigração e identidade. **Travessia – Revista do migrante**, São Paulo, ano 23, n. 66, p. 21-32, 2010.

BRUMES, K. R. **Redes em espaços migratórios: Uberlândia – MG**. 2010. 280 f. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Presidente Prudente, 2010.

BRYANT, M. What attracts big tech companies to Ireland? Hint: It's not just low taxes. **The Next Web**, Manchester, 26 Nov 2011. Disponível em: <https://thenextweb.com/insider/2011/11/26/what-attracts-big-tech-companies-to-ireland-hint-its-not-just-low-taxes/#.tnw_BntpsAKf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CARR, A. Use of illegal migrants on Irish trawlers a 'national disgrace'. **The Irish times**, Nov 2015. Disponível em: <<https://www.irishtimes.com/news/ireland/irish-news/use-of-illegal-migrants-on-irish-trawlers-a-national-disgrace-1.2415344>> Acesso em 20 out.2017.

CARVALHO, M. Brasileira impedida de entrar na Irlanda relata dias de em presídio: "cenas de terror". **G1 Campinas e região**, set. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/brasileira-impedida-de-entrar-na-irlanda-relata-dias-em-presidio-cenas-de-terror.ghtml>>. Acesso em 22 out. 2017.

CASTRO, F.; SIPNOLA, C. Metodologia de pesquisa na internet: breves considerações sobre uma pesquisa qualitativa em turismo nas redes sociais. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 5, n. 1, p. 170-188, 2015.

COLOGNESE, S. A. A Fronteira como unidade de análise dos estudos sobre gerações de italianidade. In: COLOGNESE, S. A. **Identidades nas Fronteiras: território, cultura e história**. São Leopoldo: Oikos, 2011, p.139-156

COSTA, D. A. S.; COSTA, B. P. Geografia das (micro)territorializações culturais nas praças do centro urbano de Manaus. In: COLÓQUIO NACIONAL DO NEER, 2., 2006. **Anais...** Curitiba: NEER, 2006. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20DianaAylaSilvadaCosta.ED3II.pdf>. Acesso em 22 out. 2017.

DAMON, A.; SMITH-SPARK, L. **Europe's migrant crisis: Chaos as trains are stopped in Hungria**. CNN, set. 2015.

DEMARTINI, M. Facebook, Whatsapp e Instagram estão dominando o mundo. **Revista Exame**, São Paulo, 5 nov. 2015. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/facebook-domina-o-mundo-com-1-5-bilhao-de-usuarios-mensais/>>. Acesso em 22 out. 2017.

DUARTE, C. F. A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço. In: MACHADO, D. B. P. (Org.). **Sobre urbanismo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley/Ed. PROURB, 2006. p. 27-23. v. 1.

FERNANDES, D.; MILESI, R.; FARIAS, A. **Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório**. nov. 2015. Disponível em:

<http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=214:do-haiti-para-o-brasil-o-novo-fluxo-migratorio&catid=89&Itemid=1210>.

Acesso em: 15 dez. 2017

FINN, M.; O'CONNELL, J. **Immigration of International Students to the EU: Ireland, Dublin**. The Equality Authority and the ESRI, Dec 2012.

FLORES, S. **Migraciones de trabajo y movilidad territorial**. México: Conacyt e Miguel Ángel Porrúa, 2010.

FRANÇA, A. A partir de 20 de janeiro de 2016, visto de estudante será de 8 meses. **E-Dublin**, dez, 2015. Disponível em: <<https://www.e-dublin.com.br/a-partir-de-20-de-janeiro-de-2016-visto-de-estudante-na-irlanda-sera-de-8-meses/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

FREHSE, F. Potencialidades do método regressivo-progressivo: pensar a cidade, pensar a história. **Tempo Social - Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 169-184, 2001.

G1. Facebook anuncia a compra do Instagram. **G1**, São Paulo, 16 abr. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GOULART, B. G. **Os imigrantes na Irlanda: análise da causa e de suas repercussões na economia e sociedade**. 2008. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

HEARNE, R. A home or a wealth generator? Inequality, financialization and the Irish housing crises. In: THINK-TANK FOR ACTION ON SOCIAL CHANGE; FOUNDATION FOR EUROPEAN PROGRESSIVE STUDIES. **Cherishing All Equally, Economic inequality in Ireland, 2017**. Disponível em: <https://www.tasc.ie/download/pdf/a_home_or_a_wealth_generator_inequality_financialisation_and_the_irish_housing_crisis.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

HERÁCLITO. In: **Os pensadores originários**: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Petrópolis: Vozes, 1993.

ILLEGAL immigrants paying ni taxi drivers up to L80 to be smuggled across border. **The Irish times**, Sep 1997. Disponível em: <<https://www.irishtimes.com/news/illegal-immigrants-paying-ni-taxi-drivers-up-to-80-to-be-smuggled-across-border-1.102630>>. Acesso em: 20 out. 2017.

INDEXMUNDI. **Ireland**. c2015. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/ireland/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Metodologia do Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. v. 25.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil 500 anos**: território brasileiro e povoamento – estatísticas do povoamento. c2017. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-total-periodos-anuais.html>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

IRELAND. Government of Ireland. Central Statistics Office. Information Section. **Census 2011**: profile 6 – migration and diversity. Dublin: Government Publications Sales Office, 2012.

IRELAND. Department of Justice and Equality. Irish Naturalisation and Immigration Service. **Immigration in Ireland**: Annual Review 2015. Disponível em: <<http://www.justice.ie/en/JELR/INIS%20-%20Immigration%20in%20Ireland%20Annual%20Review%202015.pdf/Files/INIS%20-%20Immigration%20in%20Ireland%20Annual%20Review%202015.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

IRELAND. **Citizens information**. Nov 2017. Disponível em: <http://www.citizensinformation.ie/en/moving_country/moving_to_ireland/working_in_ireland/coming_to_work_in_ireland.html> Acesso em: 12 dez. 2017.

IRELAND. Government of Ireland. Central Statistics Office. Information Section. **Census 2016**: profile 7 – migration and diversity. Dublin: Government Publications Sales Office, 2017.

IRISH NATIONAL ORGANIZATION OF THE UNEMPLOYED. **A history of INOU in Social Partnership**. c2017. Disponível em: <<https://www.inou.ie/policy/partnership/historyofinouin.html>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

JOYCE, J. **Dubliners**. Penguin Classics. Deluxe edition, May, 2014.

KINGSLEY, P. 10 truths about Europe's migrants crisis. **The Guardian**, Aug 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2015/aug/10/10-truths-about-europes-refugee-crisis>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

KITCHIN, R.; HEARNE, R.; O'CALLAGHAN, C. **Housing in Ireland: From Crisis to Crisis**. NIRSA working paper series n. 77. Maynooth University, County Kildare, Ireland, 2015.

LAWRENCE, F. et al. Revealed Trafficked migrant workers abused in irish fishing industry. **The guardian**, Nov 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/2015/nov/02/revealed-trafficked-migrant-workers-abused-in-irish-fishing-industry>>. Acesso em: 22 out. 2017.

MAC ÉINRÍ, P.; WHITE, A. Immigration into the Republic of Ireland: a bibliography of recent research. **Irish Geography**, Dublin, v. 41, n. 2, p. 151-179, 2008. (Special issue on migration). Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00750770802076943?src=recsys&>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

MACLSAA, T. Psicóloga analisa o vício ao facebook e às mídias sociais. **Epoch Times**, 2013. Disponível em: <<https://www.epochtimes.com.br/psicologa-analisa-vicio-facebook-midias-sociais/#.Wm9LbLynHIW>> Acesso em: 22 dez. 2017.

MARTES, A. C. B. Emigração brasileira: formação de mercados de consumo de produtos brasileiros no exterior. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 8-12, 2001.

MARTINS, J. S. Não há terra para plantar neste verão (o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo). In: MARTINS, J. S. **O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1986. p. 45-61.

MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo, 1997.

MARX, K. A acumulação primitiva do capital. In: MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.p. 251-284.

MASSEY, D. S. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. **Population index**, Princeton, v. 56, n. 1, p. 3-26, 1990.

MCALEESE, D. Ireland's economic boom: the true causes. In: OECD Observer No 217/218, Summer, 1999. Disponível em: <http://oecdobserver.org/news/archivestory.php/aid/164/Ireland_s_economic_boom:_the_true_causes.html> Acesso em: 12dez. 2017.

MCDONALD, H. Ireland becomes first country to legalise Gay marriage by popular vote. **The Guardian**, May 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/may/23/gay-marriage-ireland-yes-vote>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MENEZES, M. A. Migrações e Mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. In: TEIXEIRA, P.; BRAGA, A. M. C.; BAENINGER, R. (Orgs.). **Migrações**: Implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Oficina Universitária, 2012. p. 21-40.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOODY, T.W., MARTIN, F.X. **The course of Irish History**. Dublin: Radio Telefis Éireann, 2001.

O'NEILL, C.; GALLAGHER, W. Ireland's undocumented migrants: "Our flat was broken into. We couldn't report it to the Gardaí". **The Journal.ie**, Aug 2017. Disponível em: <<http://www.thejournal.ie/readme/irelands-undocumented-migrants-listen-to-us-and-give-us-a-chance-we-are-contributing-so-much-3535353-Aug2017/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

OLIVEIRA, A. U. Território e migração: uma discussão conceitual na Geografia. In: HEIDEMANN, H. D.; SILVA, S. A. (Orgs.). **Migração**: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 31-42.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **OECD Economic Surveys**: Ireland. Paris: OECD, 2008. v. 2008/5.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. A migração internacional e a globalização. In: _____. **Globalização e desenvolvimento**. Brasília: CEPAL Brasil, 2002. p. 243-272.

Disponível em:

<http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/2727/S2002022_pt.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 5 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ACNUR explica significado de refugiado e imigrante. **ONUBr**, out. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acnur-explica-significado-de-status-de-refugiado-e-migrante/>> Acesso em: 5 ago. 2017.

PEIXOTO, J. **As teorias explicativas das migrações**: teorias micro e macro-sociológicas. Lisboa: Universidade técnica de Lisboa, 2004. (SOCIUS Working papers n. 11/2004). Disponível em:

<<http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2037/1/wp200411.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

PHILLIPS, M. Eyeing the Irish Tiger: Emigrants, Immigrants. **The Wall Street Journal**, Mar 2006. Disponível em:

<<http://online.wsj.com/public/resources/documents/info-irlandsecon06.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

POLLAK, S. Undocumented in Ireland: “You feel trapped, the pressure is crushing”. **The Irish Times**, Sep 2017. Disponível em:

<<https://www.irishtimes.com/news/social-affairs/undocumented-in-ireland-you-feel-trapped-the-pressure-is-crushing-1.3216885>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

PÓVOA NETO, H. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. In: HEIDEMANN, H. D.; SILVA, S. A. (Orgs.).

Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 45-56.

PRIOTTO, E.M.T.P. **Violência envolvendo adolescentes estudantes na tríplice fronteira**: Brasil – Paraguai – Argentina. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, Ribeirão preto, 2013.

QUEROL, R. Zygmunt Bauman: “as redes sociais são uma armadilha”. **El País**, Brasil, jan. 2016. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em: 20 dez. 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, H. A. (Org.). **Migrações internas**: textos selecionados. Fortaleza: BNB, 1980. p. 22-88.

RECUERO, R. C. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. **E Compós**, v. 2, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/redes_sociais.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

REYNTJENS, P. et al. Assessment of brazilian migration patterns and assisted voluntary return programme from selected European members states to Brazil. **International Organization for Migration** (IOM), Belgium, 2009. Disponível em: <<https://eulacfoundation.org/en/system/files/Assessment%20of%20Brazilian%20Migration%20Patterns%20and%20Assisted%20Voluntary%20Return%20Programme%20from%20selected%20European%20Member%20States%20to%20Brazil.pdf>> Acesso em: 112 dez. 2017.

ROEDER, A. Polish migration to Ireland – a literature review. **Report Work**, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/1393072/Polish_migration_to_Ireland_-_A_literature_review_2011_>. Acesso em: 15 dez. 2017.

RUHS, M.; QUINN, E. **Ireland**: From Rapid Immigration to Recession. 2009. Disponível em: <<http://www.migrationpolicy.org/article/ireland-rapid-immigration-recession>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

RYAN, N. Ireland isn't as welcoming as it used to be. **The Journal.ie**, Dublin, Apr. 2015. Disponível em: <<http://www.thejournal.ie/irish-attitudes-towards-migrants-2076772-Apr2015/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

SALES, T. O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. **Travessia – Revista do migrante**, São Paulo, ano 8, n. 21, jan./abr., 1995.

SALIM, C. A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE POPULACIONAIS, 8., 1992. **Anais...** Campinas: ABEP, 1992, p. 117-141. v. 3.

SANTOS, G.A. **Estado, redes sociais e fronteira**: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos. 2007. 206 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: SANTOS, M. et al. (Org.). **O novo mapa do mundo**: fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 15-22.

SANTOS, M. O retorno do território. **Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, año 6, n. 16, p. 255-261, jun. 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SASSEN, S. **Inmigrantes y ciudadanos**: de las migraciones masivas a La Europa fortaleza. Traducción de Jesús Alborés. Madrid: Siglo XXI de España, 2013.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

SHERINGHAM, O. Ethnic Identity and Integration among Brazilians in Gort, Ireland. **Irish migration Studies in Latin America**, v. 7, n. 1, p. 93-104, 2009. Disponível em: <http://www.irlandeses.org/0903_093to104.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

SILVA, M. A. M. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: In: HEIDEMANN, H. D.; SILVA, S. A. (Orgs.). **Migração**: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 57-68.

SILVA, R. P. **O sertanejo além do mar**: identidade regional e imigração goiana na República de Irlanda. 2011. 294 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SMITH, N. La geografía del desarrollo desigual. Traducción de Esteban Mercatante y Martín Noda. In: DUNN, B.; RADICE, H. (Eds.). **100 years of permanent revolution**: results and prospects. London: Pluto Press, 2006. p. 180-195. Disponível em: <<https://aueconomialternativa.files.wordpress.com/2013/04/neil-smith-la-geografia-del-desarrollo-desigual.doc>>. Acesso em: 5 set. 2016.

SOARES, A. **O Brasil na Irlanda**: vida em deslocamento na mobilidade contemporânea. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

STAMP, G. Neighbours across the sea: A brief history of Anglo-Irish relations. **BBC News**, 8 Apr 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-politics-26883211>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

SWINFORD, S. 7,000 illegal immigrants smuggled into Britain on ferries. **The telegraph news**, May 2016. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2016/05/02/7000-illegal-immigrants-smuggled-into-britain-on-ferries/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

UNIVERSITY COLLEGE CORK. **Irish Emigration History**. c2017. Disponível em: <<https://www.ucc.ie/en/emigre/history/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

VAINER, C. B. Política migratória recente no Brasil: notas para uma avaliação. **Cadernos PUR/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1., p. 6-42, jan./abr. 1986. Disponível em: <http://www.ippur.ufrj.br/images/M_images/1Cadernos%20IPUR%20-%20%20Ano%201%20%20n1%20jan-abr%201986.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.

VAINER, C. B. Migração e mobilidade na crise contemporânea da modernização. In: HEIDEMANN, H. D.; SILVA, S. A. (Orgs.). **Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 11-30.

VELASCO, C.; MANTOVANI, F. **Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF**. 25 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

WESLEYJOHNSTON.COM. **Geography of Ireland**. [c20--]. Disponível em: <<http://wesleyjohnston.com/users/ireland/geography/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

WORLDATLAS.COM. **Ireland Maps**. c2016. Disponível em: <<http://www.worldatlas.com/webimage/countrys/europe/ireland/iemaps.htm#page>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

APÊNDICE A – Entrevista disponibilizada online

PERGUNTAS RESPOSTAS 88

⋮

Nome (facultativo, ou seja, não é obrigatório a resposta)

Texto de resposta curta

Qual sua faixa etária? *

18-25 anos

26-34 anos

35-42 anos

43- 55 anos

mais de 55 anos

Qual é o seu sexo?

Masculino

Feminino

Outros...

Qual opção caracteriza sua religiosidade?

- Agnóstico
- Ateu
- Candomblecista
- Católico
- Espírita
- Evangélico/Pentecostal/Protestante
- Islamico
- Pagão
- Umbandista
- Outra

Qual seu nível de escolaridade? *

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós graduação incompleta
- Pós graduação completa
- Doutorado
- Sem escolaridade

Há quanto tempo mora na Irlanda? *

- Menos de 6 meses
- Entre 6-11 meses
- 1 ano
- 2-3 anos
- 4-6 anos
- Outros...

...

1-Como você descreveria sua vida no Brasil? Por favor, incluir aspectos financeiros (classe, renda, moradia), estudo e profissão.

Texto de resposta longa

2. Porque a escolha por Dublin? Abordar os objetivos da escolha.

Texto de resposta longa

3. Como foi (foram) o(s) encontro(s) com o controle de imigração? Por gentileza, gostaria que fizesse uma descrição de seu(s) contato(s) com a fiscalização de imigração na Irlanda. Do aeroporto até a obtenção ou tentativa de visto no escritório de imigração.

Texto de resposta longa

4. Quais foram os tipos de visto que você adquiriu? Tipo (s) de visto, dupla cidadania, sem visto. Conte nos sua história.

Texto de resposta longa

5. Qual a sua profissão em Dublin? Como foi a busca de emprego? Trabalha na sua área de formação ou profissão exercida no Brasil anteriormente?

Texto de resposta longa

6. Suas pretensões iniciais mudaram desde a chegada na Irlanda?

Texto de resposta longa

7. Muito se noticia sobre a crescente aversão a imigrantes na Europa. Inclusive a Irlanda conta com um personagem desta trama, um político da cidade de Cork famoso nas redes sociais por seus discursos xenófobos. Como você enxerga essa situação? Você já teve alguma experiência de presenciar ou ser alvo de discriminação por sua condição de imigrante?

Texto de resposta longa

8. Em 2015, o Brasil apareceu nas estatísticas do departamento de justiça da Irlanda como o país que mais teve imigrantes deportados. Além disso, houve a mudança recente na obtenção do visto de estudante. Em sua opinião, esses fatos interferem na vida de quem já está no país? E dos que almejam imigrar para a Irlanda?

Texto de resposta longa

9. Como tem sido a experiência de viver em Dublin. Como você vê esta cidade? A interação com outras nacionalidades? diferença cultural, comida, qualidade de vida etc.

Texto de resposta longa

10- Você acredita ter direito de protestar ou lutar por determinada causa junto aos irlandeses? Como por exemplo, nos protestos contra a conta de água.

Texto de resposta longa

11. Como você enxerga as atitudes do controle de imigração? Você acredita ser necessário esse controle? Dê sua opinião baseando sua resposta na Irlanda ou de forma geral.

Texto de resposta longa

12. E por último, Você gostaria/ pretende retornar para o Brasil? Ou deseja permanecer na Irlanda, ou ir morar em outro país?

Texto de resposta longa

Muito obrigada pela participação! Existe algum outro aspecto da sua experiência que gostaria de compartilhar? Resposta livre, pode falar sobre qualquer assunto relacionado que não teve espaço nas respostas anteriores. (Não é obrigatório a resposta)

Texto de resposta longa
